

**PLANO DE FOMENTO AGRÁRIO**

**INQUÉRITO AGRÍCOLA**

**E**

**FLORESTAL**

**CONCELHO**

**DE**

**GRANDOLA** ✓

**1951**

PLANO DE FOMENTO AGRÁRIO

INQUÉRITO AGRÍCOLA E FLORESTAL

A O

CONCELHO DE GRÂNDOLA

Realizado por:

António Felix da Cruz = eng. agrónomo

DCDRural	D.S. Planeador DDTI	Miguel Gimenez da Quinta = eng. silvicultor
Monografia n.º 18891 Nrl216		
Data de Entrada 3/7/06		
COTA		

## ÍNDICE

### PRIMERA PARTE: INQUÉRITO AGRONÓMICO

	Pág.
<b>INTRODUÇÃO</b>	2
<b>I - CARACTERÍSTICAS GERAIS</b>	
<b>A - Situação</b>	<b>21</b>
<b>B - Características fisiográficas</b>	<b>21</b>
a) - Topografia	21
b) - Geologia e agrologia	22
c) - Zonas agrárias	24
<b>C - Clima</b>	<b>26</b>
<b>D - Águas</b>	<b>28</b>
a) - Cursos d'água e lagoas	28
b) - Outros recursos aquíferos	29
<b>E - Erosão</b>	<b>30</b>
<b>F - Vias de comunicação</b>	<b>32</b>
<b>G - Áreas</b>	<b>40</b>
<b>II - PRODUÇÃO AGRÍCOLA</b>	
<b>A - Culturas e técnica cultural</b>	<b>45</b>

a)-Plantas cultivadas ou cultiváveis, sua importância relativa e finalidades .....	45
b)-Afolhamentos e rotações tipo .....	55
c)-Técnica cultural .....	57
<b>B - Materia orgânica .....</b>	<b>60</b>
a)-Estrumes .....	60
b)-Lixos .....	61
c)-Sideração .....	62
<b>C - Máquinas e alfaias agrícolas .....</b>	<b>62</b>
<b>D - Doenças e pragas .....</b>	<b>64</b>
<b>E - Indústrias agrícolas .....</b>	<b>67</b>
a)-Óleifcola .....	67
b)-Vinícola .....	68
c)-Indústrias derivadas da fruta .....	70
d)-Indústrias derivadas dos produtos hortícolas .....	70
e)-Apicultura .....	71
f)-Indústrias agrícolas de carácter familiar .....	72
g)-Sericicultura .....	72
h)-Outras indústrias .....	73
<b>F - Quantidades e valores .....</b>	<b>74</b>
a)-Generalidades .....	74
b)-Quantidades unitárias de semente .....	80

c) - Produções unitárias .....	81
d) - Equivalência das medidas concelhias .....	85

### III - PRODUÇÃO E CONSUMO

A - <u>Produções que o concelho consegue e não produz .....</u>	86
B - <u>Produções locais em quantidade insuficiente .....</u>	86
C - <u>Produções em excesso .....</u>	87
D - <u>Produtos e artigos importados, necessários à indústria agrícola .....</u>	90

### IV - COMÉRCIO DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS

A - <u>Modalidades .....</u>	91
B - <u>Mercados de destino e suas tendências .....</u>	95
C - <u>Acção dos organismos associativos .....</u>	96

### V - TRABALHO AGRÍCOLA

A - <u>Salários .....</u>	101
B - <u>Movimentos migratórios periódicos .....</u>	104
C - <u>Crises de trabalho .....</u>	105

## VI - A PROPRIEDADE E A EXPLORAÇÃO

A - <u>Tipos de propriedade</u> .....	106
B - <u>Valores venais médios</u> .....	109
C - <u>Formas de exploração</u> .....	110

## VII - CONSTRUÇÕES RURAIS

A - <u>Silos</u> .....	111
B - <u>Nitreiras</u> .....	111
C - <u>Alojamentos dos animais</u> .....	112

## SEGUNDA PARTE: INQUÉRITO FLORESTAL

### I - IMPORTÂNCIA FLORESTAL DO CONCELHO

A - <u>Importância e situação dos maciços florestais</u> .....	114
B - <u>Importância e situação das essências dispersas ou constituintes povoados de área muito reduzida</u> ....	121
C - <u>Importância económico-social da silvicultura</u> .....	122

### II - A PROPRIEDADE E A EXPLORAÇÃO FLORESTAL

A - <u>Conceito regional da extensão da propriedade florestal</u> .....	136
---	-----

<b>B - Técnicas cultural empregada .....</b>	<b>144</b>
<b>C - Exploração .....</b>	<b>150</b>
 <b>III - ARBORIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO CULTURAL - INCULTOS E BAIRROS</b>	
<b>A - Transformação cultural .....</b>	<b>180</b>
<b>B - Incultos .....</b>	<b>182</b>
 <b>IV - FIXAÇÃO DE PERRINHOS EROSIONADOS .....</b> 186	
<b>V - ASSUNTOS DIVERSOS .....</b>	<b>189</b>

**TERCEIRA PARTE: OS PROBLEMAS DO CONSELHO**

<b>I - ARBORIZAÇÃO .....</b>	<b>196</b>
<b>II - RACIONAL APROVEITAMENTO DO SOLO - MECANIZAÇÃO .....</b>	<b>197</b>
 <b>III - ÁGUAS .....</b> 199	
<b>IV - COLONIZAÇÃO .....</b>	<b>199</b>

**P R I M E I R A   P A R T E :**

**I N Q U Í R I T O   A C R O N Ó M I C O**

## INTRODUÇÃO

O concelho de Grândola fica na província do Baixo Alentejo e é limitado

- a N, pelo concelho de Alcácer
- a S, pelo de Santiago de Cacém
- a E, pelo de Ferreira do Alentejo
- a W pelo Oceano

A vila dista 68 km. de Beja e 72 de Setúbal, respectivamente capitais da Província e do Distrito.

Pertence à Diocese de Beja, à Relação de Lisboa e à Comarca de Alcácer. É concelho administrativo rural de 2<sup>a</sup> ordem, fiscal de 3<sup>a</sup> classe e sede de Julgado Municipal.

Mede 81.316 ha. e tem forma mais ou menos rectangular, com o lado maior de direcção EW, prolongando-se para Norte por uma língua de areia, a ponta de Tróia, em frente da cidade de Setúbal.

Tem grande desenvolvimento de costa, cerca de 40 quilómetros, desde a ponta de Tróia até à lagoa de Melides. A costa é de baixa cota, sem rochas, pelo que o vento, soprando com certa intensidade, vai deslocando as areias formando dunas, em parte fixadas por revestimento de matos e de algum pinhal.

Como se trata de costa sem abrigos, não há povoações de importância no litoral, visto a pesca só ser possível quando o mar está manso o que nem sempre sucede.

O concelho é constituído por 4 freguesias - Azinheira dos Barros, Grândola, Melides e Santa Margarida da Serra - e 81 núcleos populacionais; a grande maioria destes não passa dos tradicionais montes das herdades, pois povoações propriamente ditas, além das sedes das freguesias, apenas se encontram mais duas ou três.

Os melhores núcleos estão situados na parte Sul do concelho, onde os terrenos são mais férteis e mais densa a arborização; na parte Norte, constituída quase toda por areias muito soltas e, por assim dizer, improdutivas, pelo menos nas condições actuais, não se encontram povoações e, montes, muito poucos. As principais povoações são: Grândola, Melides e Azinheira dos Barros; a primeira já não se pode classificar de rural, ao contrário de todas as outras caracteristicamente rurais, com casas quase sempre de um só piso e construídas de alvenaria de pedra ou tijolo<sup>(1)</sup> ou, ainda, de taipa. Os telhados são de telha vã e as casas têm 3 a 4 divisões: casa de entrada e cozinha, bastante ampla; dois quartos de cama, de pequenas dimensões; e uma pequena arrecadação para gêneros de gasto corrente e para alfaias agrícolas ligeiras. As paredes divisorias quase nunca unem ao telhado, assim como não costuma haver portas interiores, que são substituídas por cortinas de chita de ramagens, em que predomina a cor vermelha.

Como aliás sucede em toda a região, os animais domésticos não vivem paredes meias com os habitantes, mas em alojamentos bastante primitivos, próximos das casas de habitação.

---

(1) Não há cal no concelho vindo, em geral, de Santiago de Cacém.

Em todos os montes se encontra o forno de pão.

Apenas na vila de Grândola e no Icuçal há iluminação elétrica; nas restantes povoações e nos montes a iluminação é de petróleo. Na serra e entre a gente muito pobre ainda há quem se alumie com a chama de cortiça virgem.

O concelho é essencialmente rural e de características bem definidas, encontrando-se a propriedade bastante dividida em volta de Grândola e de Melides, em consequência do parcelamento de algumas herdades, aforadas ou arrendadas a longo prazo.

O movimento do aforamento quase parou, mas arrendamentos a longo prazo ainda se fazem.<sup>(1)</sup>

----- + -----

Foi no reinado de D. João III e por influência de D. Jorge de Lancastre, Duque de Coimbra, filho natural de D. João II, que se delimitou o concelho de Grândola, por foral de 22 de Outubro de 1544.

Por motivos desconhecidos, ao concelho de Grândola não se refere a literatura antiga e mesmo a medieval poucas vezes nele fala. No entanto têm sido encontrados em abundância utensílios da época da pedra polida, alguns machados e delmens ou antas, da qual devem ter tirado o nome uma ou duas herdades. Estes e outros factos mostram que a região foi habitada desde recuados tempos.

---

(1) - Informação dada na Repartição de Finanças (os arrendamentos a longo prazo pagam sisa).

"Da época que precedeu o domínio de Roma deve ter sido o "Castelo Velho do Lousal", bem como o "Castelinho da Algeda", em frente da foz da ribeira de Algeda, e o castro do cumeiro do "Martivelos"<sup>(1)</sup>.

Da época do domínio romano é que são mais abundantes os vestígios, e atestam até, bem estudados, um grau de civilização adiantada. Bem perto e ainda no extremo sul da actual vila de Grândola houve uma povoação romana no sítio do "Castelo". Foi o centro da exploração rural da actual várzea de Grândola, que deve ter atingido um alto grau de perfeição, pois foram lá encontrados canos, o que denota a existência de culturas regadas, bem como a albufeira ou represa no sítio deste nome, onde ainda existe parte do muro primitivo.

Não são só estes os vestígios encontrados desta época. Toda a Várzea do Davino, abaixo da vila, e a várzea do Sado, no concelho de Grândola, devem ter sido bem exploradas então, tão frequentes são os vestígios da época, como, por exemplo, os pavimentos das casas, de formigão ("opus signinum", ou mistura de telha e tijole britados, com argamassa) que parece ter sido muito empregado no chão dos celeiros. Têm-se encontrado fragmentos de ânforas, que serviam para vinho, azeite, etc..

Os montados de sobre e azinheira eram abundantes e também deviam abundar outros Quercus. Para a fusão do minério das minas da Caveira, onde as escórias formam grandes montes, deviam ter sido precisas grandes quantidades de lenha, o que deve ter des-

---

(1) Resumo de um estudo publicado no "Album Alentejano" pelo senhor Dr. Manuel Mateus, ilustre e culto filho de Grândola.

falcado a floresta. A mina foi explorada nessa época como o atestam os objectos encontrados no "sítio da mina", sendo de supor que sejam de então os moirões ou pontões do "Canal" sobre os quais seriam lançadas vigas para fazer uma ponte para serviço da mina.

Os fragmentos de ânforas e de dolia significam que já se fazia a cultura da vinha e da oliveira, sendo a existência desta cultura ainda confirmada pela abundância actual de zambujeiros no sítio de Martim Parreira e pela quantidade deles que no fim do século XVII foram aproveitados para a plantação dos actuais oliveiros da várzea, em grande parte de oliveiras enxertadas.

Desde a queda do império romano até à invasão árabe nada se tem encontrado, já assim não sucedendo com o largo período da dominação árabe - até nos nomes de algumas herdades: Algarres, Atalaia, Alcaria, etc.. Depois da reconquista cristã a região foi provavelmente povoada por gente de origem italiana, como o fazem suspeitar o próprio nome da vila e outros mais".

O concelho de Grândola está em franco progresso e, apesar de sofrer também crises de excesso de braços em certas épocas das guns anos, estão bem longe de apresentar aquela gravidade verificada em concelhos do distrito de Beja, e que se deve, estamos convencidos, à maior partilha da propriedade e ao relativo desapego com que os seus trabalhadores dos dois sexos deixam o lar e vão em procura de emprego nos concelhos vizinhos. Depois, a própria cultura do arroz no concelho também ocupa braços numas é-

épocas em que os cereais de sequeiro por vezes não exigem mão de obra.

Sendo um concelho estruturalmente agrícola, não quer dizer que não se encontrem algumas indústrias, que vão desde a preparação de cortiças, de todas a mais importante, até às carpintarias de carros, serragens de madeira, cerâmicas, de albardeiro, etc.. Isto sem falar em moagens, descasques de arroz e lagares de azeite.

Os mercados e feiras são importantes, em regiões onde uns e outras são de nomeada.

O feriado municipal é no dia 22 de Outubro, perpetuando a data do foral.

As armas do concelho são: - "Escudo de prata, com um javali possante, dentado de metal do campo e acompanhado por dois carvalhos de verde, ladeados de ouro, com tronco e arrancadas de negro. Em chefe, uma cruz da Ordem de Sant'Iago, carregada no cruzamento por um pelicano de ouro, ferido de vermelho, alimentando três filhos do ninho, tudo de ouro realçado de negro, acompanhado por duas torres de negro, abertas e iluminadas do campo. E em contra chefe uma faixa ondulada de azul. Coroa mural de prata e quatro torres. Listel branco com os dizeres "Vila de Grândola", de negro".

Segundo o Censo de 1950 a população do concelho era de 21.622 habitantes, distribuídos por 5.078 fogos e as famílias 4.889.

Segundo o Censo de 1940<sup>(1)</sup>, da população total, que nessa altura era de 17.566 habitantes, apenas sabiam ler 3.814 (2.280 varões e 1.534 fêmeas) o que dá uma taxa de analfabetos superior a 73%, verdadeiramente lamentável; de então para cá as coisas têm melhorado mas ainda se deve viver bem longe de uma taxa admissível.

Declararam, em 1940, seguir a religião católica 9.985 habitantes (4.878 varões e 5.107 fêmeas) o que não passa de enor-míssimo erro (a não ser que se considerem como católicos, desde os que nem baptizados são, até aos amancebados, que nem registados estão; alguns quadros que vão adiante são bem elucidati-vos a este respeito...).

De 1890 a 1940 o aumento da população do concelho foi de 10.718 habitantes, e a percentagem de aumento de 156,5%.

A densidade da população, por quilómetro quadrado, tem au-montado, mas ainda é muito baixa:

1890	1900	1911	1920	1930	1940
8,4	9,6	12,6	13,7	16,8	21,6

---

(1) Não possuímos os elementos que se vão seguir relativos ao censo de 1950.

No distrito de Setúbal apenas Alcácer do Sal tem uma densidade populacional inferior à de Grândola; no entanto o número de nascimentos é de 41,1%, o que dá a Grândola o primeiro lugar no distrito. O saldo fisiológico é igual a 23,2%, sendo também o primeiro do distrito. Pena é que mais de metade das crianças nascidas se registe como ilegítimas, o que é devido a grande parte dos rurais viverem amancebados.

Tanto as famílias legítimas como as ilegítimas são em geral constituídas por 4 a 5 pessoas.

Devido, possivelmente, ao alcoolismo e à sifilis é elevado o número de cegos, surdos-mudos e alienados, vivendo quase sempre a cargo das respectivas famílias.

Como já dissemos noutro lugar, muitos rurais, principalmente os da freguesia de Melides, não procurar trabalho noutras concelhos e, quando se trata de mulheres, destinam-se quase todas a zonas orizicolas. Bastantes tiradores de cortiça da Serra de Grândola vão trabalhar nos concelhos de Alcácer do Sal e de Santiago de Cacém.

O Censo de 1940 afirma ser de 3.747 o número de varões ocupados na agricultura, o que dá a percentagem de 69,6% em relação ao total de varões activos.

A distribuição da população do concelho faz-se conforme passamos a indicar:

dispersa - 59,3%

aglomerada - 40,7 %

concentrada - 0,0 "

Da população activa agrícola a maior parte é constituída por assalariados, como se pode ver no quadro X.

## Quadro I

## Núcleos populacionais do concelho

Freguesias	Nº de núcleos populacionais	Nome dos núcleos populacionais
Azinheira dos Barros	22	Anisa, Assencada, Azinhal, Azinheira dos Barros, Cai Loco, Carvalhal, Espinhaço de Cão, Herdade do Iousal, Hiranda, Monte Queimado, Nogueira, Nogueirinha, Parreirinha, Pinheiro, Pintos, Porto Carvalho, S. Mamede do Sádão, Togeira, Vale de Joanas, Vesquinho, Moçarenhas e Mina do Iousal.
Grândola	44	Afeital da Charneca, Água Derramada, Aldeia da Esperança, Aldeia do Futuro, Ameira do Incenso, Ameira de Baixo, Ameira de Cima, Barredas, Bortolegão, Breginho, Cadoces, Canal, Canal-Caveira, Canicéira, Casa Branca da Ameira, Casa Nova das Algedes, Catalões, Cilha do Pessoal, Fontainhas, Foros de Apaúl, Foros de Apaúlinho, Foros das Milharadas, Freixosiro, Grândola, Juncalinho de Baixo, Mem Gonçalves, Milharadas, Moinha da Serra da Caveira, Moinho de Baixo, Monchique, Monte Novo, Montinho, Murteiros e Foros dos Murteiros, Paixões de Freixo, Quinta Velha, S. Lourenço, Serrado da Pernicóris, Serrado do Pinheiro, Sesmarias das Moças, Vales, Várzea Redonda e Venda Nova.
Melides	14	Aldeia de Melides, Ameira da Casa Branca, Ameira de Meio, Carvalhal, Caveira, Fontainhas de Baixo, Lagoa Fornosa, Lagoa do Leite, Lagoa Travessa, Medos da Praia, Moinho de Cima, Sesmarias, Tróia e Vatência de Baixo.
S. Margarida da Serra	1	Santa Margarida da Serra

## Quadro II

1911

Freguesias	Fogos	Habitantes
Azinheira dos Barros	393	1.739
Grândola	1.279	5.734
Melides	451	2.060
Sta. Margarida da Serra	158	713
Total	2.261	10.246

## Quadro III

1920

Freguesias	Fogos	Habitantes
Azinheira dos Barros	484	2.160
Grândola	1.337	5.980
Melides	469	2.255
Sta. Margarida da Serra	176	764
Total	2.466	11.159

## Quadro IV

1930

Freguesias	Fogos	Habitantes
Azinheira dos Barros	660	2.806
Grândola	1.785	6.996
Melides	574	2.916
Sta. Margarida da Serra	214	959
Total	3.233	13.677

## Quadro V

1940

Freguesias	Fogos	Habitantes
Azinheira dos Barros	657	3.445
Grândola	2.303	9.405
Melides	772	3.698
Sta. Margarida da Serra	210	1.018
Total	3.942	17.566

## Quadro VI

1950

Freguesias	Fogos	Habitantes
Azinheira dos Barros	948	4.348
Grândola	2.921	11.737
Melides	955	4.549
Sta. Margarida da Serra	254	988
Total	5.078	21.622

Quadro VII

Anos	Nados-vivos		Nados-mortos	
	Legítimos	Ilegítimos	Legítimos	Ilegítimos
1942	184	260	23	16
1943	206	284	16	31
1944	239	271	8	22
1945	244	308	20	19
1946	248	295	5	18

## Quadro VIII

Movimento fisiológico de 1931 a 1940 do distrito de  
Setúbal por concelhos:

Concelhos	Nasci- mentos	% %	Óbitos	% %	Saldo final	% %
Alcácer	6.803	39,1	2.882	16,6	3.921	22,5
Alcochete	1.269	19,0	875	13,1	394	5,9
Almada	5.585	23,3	3.781	15,8	1.804	7,5
Barreiro	5.237	24,9	2.963	14,1	2.274	11,8
Grândola	5.621	41,1	2.443	17,9	3.178	23,2
Moita	2.751	28,8	1.619	17,0	1.132	11,8
Montijo	3.751	25,3	2.438	16,4	1.313	8,9
Palmela	5.318	26,6	2.466	13,3	2.852	15,3
Santiago de Cacém	9.666	36,9	3.642	13,9	6.024	23,0
Seixal	2.752	27,0	1.791	17,6	961	9,4
Sesimbra	3.427	25,6	1.891	14,2	1.536	11,4
Setúbal	14.089	27,9	10.571	20,9	3.513	7,0
Sines	2.214	28,8	1.078	14,0	1.136	14,0

Quadro X

População activa agrícola<sup>(1)</sup>

	V.	F.	
Patrões proprietários	389	378	11
Patrões rendeiros	47	47	-
Patrões parceiros	12	12	-
Patrões	1	1	-
Isolados proprietários	150	130	20
Isolados rendeiros	42	39	3
Isolados parceiros	19	19	-
Isolados	1	1	-
Empregados	149	145	4
Assalariados	2.163	2.012	151
Assalariados ao ano	84	80	4
Pessoas de família	75	67	8
Outros	5	5	-
Ignorada	855	811	44
Total	3.992	3.747	245

(1) Elementos do Recenseamento Geral da População de 1940.

Quadro<sup>(1)</sup> XI

Concelhos	Área (km <sup>2</sup> .)	Habitan- tes	Densida- de
Alcácer do Sal	1.454,80	22.060	15,2
Alcochete	91,88	6.656	72,4
Almada	82,48	29.219	354,3
Barreiro	35,64	25.930	727,6
Grândola	813,16	17.566	21,6
Moita	51,84	12.344	237,7
Montijo	376,36	17.596	46,8
Palmela	482,88	20.512	42,5
Santiago de Cacém	1.040,64	31.856	30,6
Seixal	81,92	12.810	156,4
Setúbal	197,92	49.670	250,1
Sezimbra	206,12	13.165	63,9
Sines	189,84	8.848	46,6
Total	5.105,48	208.818	40,9

(1) Elementos do Recenseamento Geral da População, de 1940.

## **INQUÉRITO AGRONÔMICO**

*Introdução ao Inquérito Agronômico*

O Inquérito Agronômico é uma pesquisa de campo que visa obter informações sobre a realidade agrícola de um determinado território. Ele é realizado por técnicos agronômicos e tem como objetivo principal fornecer dados para a elaboração de políticas públicas e a tomada de decisões no setor agrícola.

O Inquérito Agronômico é dividido em duas partes principais: a parte qualitativa e a parte quantitativa. A parte qualitativa consiste na coleta de informações sobre a estrutura social, econômica e ambiental da comunidade rural. A parte quantitativa consiste na coleta de dados estatísticos sobre a produção agrícola, o uso do solo, a utilização de recursos hídricos, a conservação do meio ambiente, entre outros.

O Inquérito Agronômico é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento sustentável da agricultura. Ele ajuda a identificar os desafios e as oportunidades enfrentados pelos agricultores, contribuindo para a melhoria das condições de vida e trabalho dos trabalhadores rurais. Além disso, ele auxilia na elaboração de políticas públicas que visam promover a inclusão social, a segurança alimentar e a preservação do meio ambiente.

O Inquérito Agronômico é uma pesquisa de grande relevância para o Brasil, que é um país com uma extensa área rural e uma população rural significativa. Ele é uma ferramenta essencial para o governo federal e os estados brasileiros na elaboração de políticas públicas para o setor agrícola.

## I - CARACTERÍSTICAS GERAIS

### A - Situação

Describa na Introdução.

### B - Características fisiográficas

#### a) - Topografia

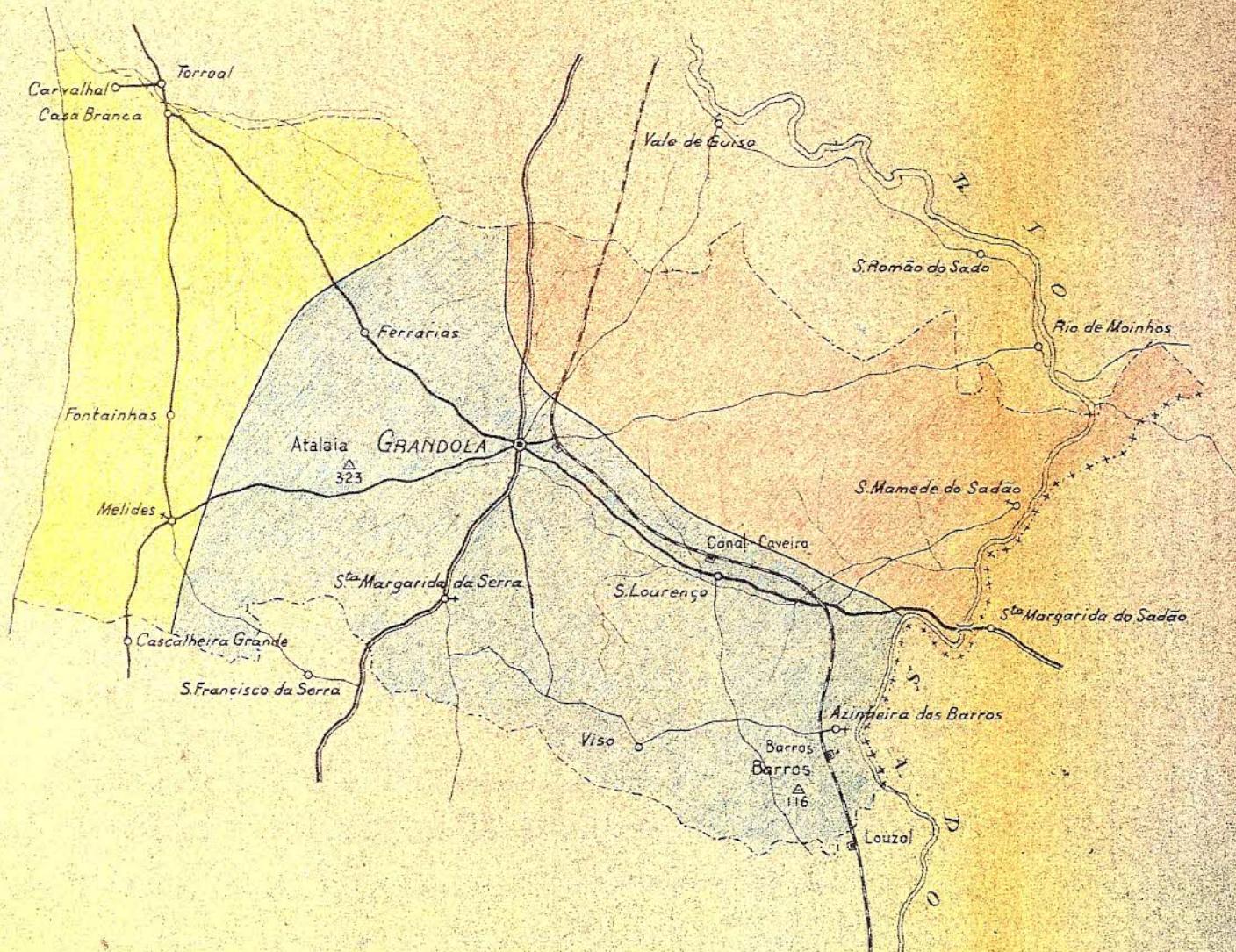
O concelho abrangido pelo bordo ocidental da Meseta Ibérica pertence à peneplanície do Alentejo.

Topograficamente podemos considerá-lo subdividido em três zonas, conforme se indica no mapa I; a primeira, a do litoral, é em grande parte formada por dunas que entre a Lagoa do Leite e a ribeira das Fontainhas chegam a ultrapassar os 50 m. de altitude. Tanto ao norte da Lagoa como ao sul da ribeira as altitudes não são tão grandes. Estende-se bastante para o interior, principalmente ao norte do concelho, onde abrange as herdades da Comporta, Carrasqueira, Taipas, Brejinho, Bicas de Baixo, Pernada do Marco e Sobreira Sé.

A segunda zona é a da serra de Grândola; a altitude máxima é, no pico da Atalaia, 323 m. (situado a sudoeste da vila). A serra estende-se para nascente com altitudes compreendidas entre os 100 e os 200 m., ficando a aldeia da Azinheira dos Barros numa

# CONCELHO DE GRANDOLA

## ZONAS OROGRÁFICAS



- Zona do litoral
- Zona da Serra de Grandola
- Zona do nordeste

Escala - 1:250.000

ondulação de 110 m. de altitude. Para sul, na freguesia de Santa Margarida da Serra, encontram-se altitudes de mais de 200 metros.

É na segunda zona que ficam os montados de sobre que produzem a afamada cortiça da serra, cujo preço, nos anos normais, costuma ser superior em 10\$00 por arroba, em relação às boas cortiças da região.

A terceira zona abrange a parte nordeste do concelho, com altitudes variáveis entre os 70 e os 90 metros, excepção feita para as regiões próximas do rio Sado e à ribeira de Padrões, em que são bastante mais baixas.

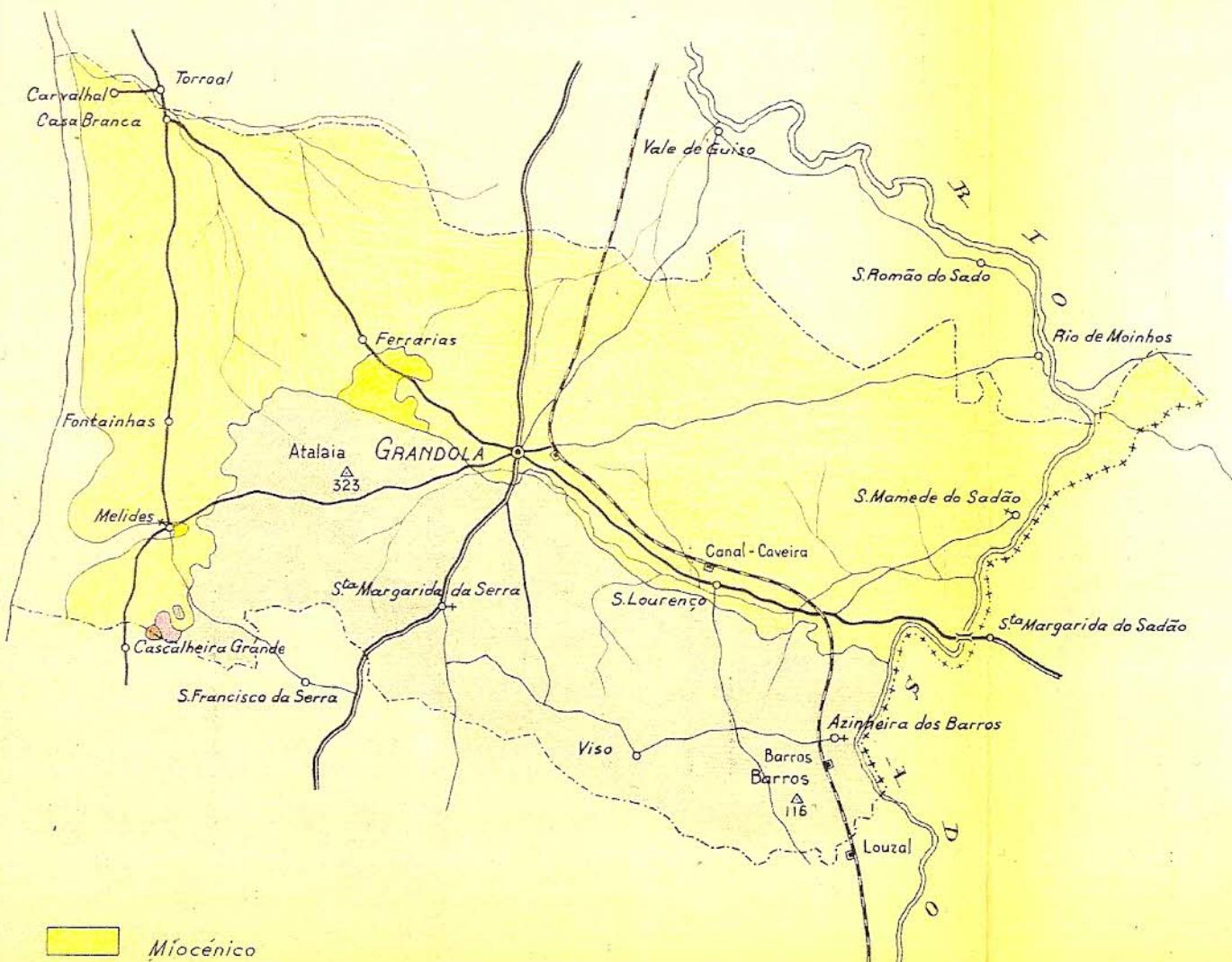
A primeira zona deve ocupar 30% da área do concelho, a segunda 45% e, a restante, 25%.

#### b)- geologia e agrologia

Encontram-se no concelho como principais formações geológicas as que passamos a enumerar: pliocénica, pertencendo à grande mancha que "compreende a península de Setúbal na sua quase totalidade e a região entre o Sado e a orla marítima até Grândola. Nesta altura, por uma estreita faixa interrompida a espaços por outras formações, desde Melides paralelamente à costa. Entre Grândola e o Sado este tracto cenozóico avança por Santa Margarida e Alvalade até à ribeira de Campilhas". Seguindo-se em ordem decrescente de importância temos os afloramentos do carbónico inferior; pertencem ao grande tracto que abrange todo o sul do Alentejo e

# CONCELHO DE GRANDOLA

## ZONAS GEOLÓGICAS



[Yellow Box]	Miocénico
[Light Yellow Box]	Pliocénico
[Orange Box]	Carbonílico
[Reddish-Orange Box]	Triássico
[Brown Box]	Diorites
[White Box]	Dunas

Escala - 1:250.000

norte do Algarve e que, entre Aljustrel e Grândola, é coberto em grande parte pelos terrenos terciários da bacia do Sado.

A zona mais ondulada do concelho é constituída pelos terrenos do carbónico inferior.

Encontram-se ainda pequenas manchas de miocénico, bem como de terrenos modernos.

"Os solos derivados do pliocénico, aqui vulgarmente chamados terrás de charneca, além de fisicamente desequilibrados, sem condições de drenagem, sem capacidade de retenção para a água e para os princípios fertilizantes, são pobres de matéria orgânica, extremamente ácidos e paupérrimos de todos os elementos nobres, agrupamento de circunstâncias que torna estes terrenos, cuja vegetação espontânea é composta quase só pela margaça e tojo, pouco ou nada propício para a arvensi-cultura".

Dos terrenos do carbónico inferior derivam solos xistosos, em permanente desagregação, principalmente em toda a zona serrana; são solos a que podemos dar o nome de terrás galegas tal a semelhança que apresentam com alguns assim denominados, tão vulgares na zona sul do distrito de Beja.

São, pois, solos sujeitos à erosão, em parte devida à ausência de cal, o que não permite a coagulação da argila e, por conseguinte, a sua estabilização. No entanto, vão mantendo a espessura, mercê das levoures a que estão sujeitos, o que faz com que se dê o remeximento das camadas mais profundas, compensando,

assim, as que vão sendo arrastadas para os vales. Têm elevada percentagem de sílica impalpável ou limo, e, por consequência, em certos anos conseguem dar boas searas, por vezes não inferiores às das terras baixas.

Os terrenos do concelho são permeáveis, na maioria, havendo contudo alguns impermeáveis em restritas zonas, onde predominam as argilas e gredas. Uma das manchas é a continuação dos barros de Ferreira.

Há ainda, junto à costa, terras argilo-humíferas, terras negras, turfosas, nos sítios das lagoas Formosa, Travessa e do Leite.

#### c)- zonas agrárias

Sem preocupações de grande rigor podemos distinguir três, sendo duas de grande extensão e a terceira formada por pequenas retalhos, incrustados nas primeiras.

A maior de todas deve ser a conhecida por charneca e que coincide com os terrenos do pliocénico, constituídos por solos soltos e bastante pobres, onde a cultura cerealífera vai mal e em que a vegetação espontânea predominante é sub-arbustiva (principalmente tojo e mato branco). Nos melhores terrenos de charneca não vão mal o sobreiro e os pinheiros manso e bravo. A vinha também por vezes se aguenta razoavelmente, como se pode verificar na região ao norte da vila de Grândola, onde se encontra a proprie-

dade bastante dividida. E quem diz a vinha, diz as árvores de fruto e mesmo a horta, desde que a água não falte.

Temos depois a zona constituída pela Serra de Grândola, a que dão o nome de serra, de terrenos xistosos, melhores ou piores, consoante são mais ou menos abundantes os materiais finos. Aqui a vegetação espontânea é principalmente a esteva e o rosmaninho; o sobreiro tem si a sua verdadeira zona de eleição, pelo que as cortiças são famosas pela sua excelente qualidade. Dizem que as rolhas usadas nas garrafas dos melhores "champanhes" de origem, são de cortiça da Serra de Grândola.

A cultura cerealífera daria produções razoáveis, se não fosse a ondulação forte do terreno e desde que a chuva não faltasse em certos momentos críticos. O que a torna em parte contra-indicada é a erosão que provoca, e que pode ter graves consequências futuras.

Há, ainda, uma terceira zona, formada por pequenos ratailhos, junto das linhas de água, nos vales, com terrenos de sedimentação, geralmente caracterizados pela ausência de cal, como o atesta a flora espontânea, em que abundam os fetos. Para os lados da freguesia de Azinheira dos Barros vamos encontrar alguns barros (barradas) de transição com os do concelho de Ferreira do Alentejo. É aqui que o sobreiro começa a dar lugar à azinheira, que se vê em quantidade.

### C - Clima

Encontramos no concelho duas zonas bastante distintas: uma, a ocidente da serra de Grândola, mais ou menos plana, é influenciada pelas brisas marítimas, o que lhe dá um clima mais suave e agradável; a outra, a oriente da serra, tem características de clima continental, com amplitudes térmicas acentuadas, tanto do dia para a noite, como dos meses de estio para os de inverno. Mas, apesar destas diferenças, o clima pode considerar-se temperado, com humidade e pluviosidade médias, temperaturas moderadas e céu limpo.

Havendo postos meteorológicos em Santiago de Cacém e em Alcácer do Sal parece fácil, à primeira vista, adoptar os números de um deles, como características meteorológicas locais; tal seria errado porque o concelho apresenta características meteorológicas próprias, que talvez possam considerar-se como intermédias entre as dos vizinhos.

As precipitações anuais devem variar entre os 650 e 750 mm, sendo os meses mais chuvosos os de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, havendo anos em que a queda pluviométrica em Abril é grande: são precisamente esses anos os de melhor produção cerealífera.

Em Julho e Agosto pouco ou nada chove e a primavera é mais chuvosa do que o outono.

As primeiras águas caem nos fins de Setembro ou princípios de Outubro.

Os meses de temperaturas mais baixas são os de Janeiro, Fevereiro e Dezembro; os mais quentes, Julho e Agosto. As temperaturas de Setembro aproximam-se bastante das de Junho.

As amplitudes térmicas diárias e anuais são maiores na parte nascente e sul do concelho, do que na região plana da beira-mar.

Os ventos que maior importância têm para a agricultura são, no inverno, os de norte e noroeste, a que o povo chama nortadas ou zanganilhos, extremamente frios e secos. No verão, em Agosto, sopram por vezes uns ventos de este e nordeste, os levantes, secos, quentes e sufocantes.

Não se trata propriamente de uma região de nevoeiros, ainda que às vezes apareçam. Quanto ao granizo, costuma acompanhar as trovoadas de Maio e Junho; mas só raramente prejudica as searas, vinhais e olivais.

Não sendo dos concelhos mais sujeitos a geadas, no entanto aparecem em Novembro e nalguns anos chegam a prolongar-se até Maio. As temporâas apenas prejudicam os pomares de citrinos, beneficiando muito as cearas; porém, as mais tardias, se muito fortes, originam graves prejuízos nas culturas.

As zonas do concelho mais sujeitas a geadas são as nascentes, as encostas e os vales, particularmente os da ribeira da Ribeira das Lages.

te e sul.

#### D - Aguas

##### a) - cursos de água e lagos

O concelho está situado na bacia hidrográfica do Sado, que o atravessa de norte a sul nas proximidades de S. Mamede do Sádão, na freguesia de Azinheira dos Barros. Além do Sado, correm os seus afluentes Davino e Arcão e, ainda, algumas linhas de água que neles desaguam. O Davino nasce na freguesia de Santa Margarida da Serra, correndo para o norte até bastante próximo de Grândola, fleciendo depois para nascente e desaguando no Sado perto de S. Mamede do Sádão. O Arcão nasce meia dúzia de quilómetros a norte da vila de Grândola e desagua no Sado, no concelho de Alcácer do Sal, (imediatamente de Vale de Guizo).

Nenhum destes afluentes corre durante a estação calmosa, mantendo água apenas nos pegos. Com ela, geralmente elevada por moto-bombas, fazem-se algumas culturas regadas, mas em áreas relativamente pouco extensas.

No pre-ordenaamento do concelho vêm indicadas algumas terrenagens em diversas linhas de água, permitindo uma delas armazenar água para regar as várzeas do Monte-Novo (baixa de Cadoces).

Além dos cursos de água enumerados, ainda há a considerar a ribeira de Melides, que vai desaguar na lagoa do mesmo nome.

A área total beneficiada com água de origem fluvial, não é grande.

Junto à costa, na extrema sul do concelho, fica a lagoa de Melides, de área superior a 100 ha. e onde vai desaguar a ribeira do mesmo nome e a vala que parte da "Fonte dos Olhos". Na lagoa encontra-se peixe em quantidade apreciável, mas muito menos do que na de Santo André, do vizinho concelho de Santiago de Cacém.

#### b)-outros recursos aquíferos

O número de poços é relativamente elevado e todos os anos se abrem mais alguns. São ricos de água, que se encontra a profundidades que variam entre os 5 e os 6 metros.

A zona de maior número de poços é a das areias pliocénicas.

A água é elevada por meio de "corda e caldeiro" ou, então, por noras, algumas bastante toscas. Também se vai generalizando o emprego de moto-bombas. Nalguns poços menos profundos ainda se usa a picota. Regam-se hortejos e algumas árvores de fruto.

A água dos poços em geral não é má e não está inquinada, sendo usada nos gastos domésticos.

Há algumas nascentes, cujo importância é muito grande; destacam-se a da "Fonte dos Olhos", em Melides, e a do "Borboleção", poucos quilómetros a norte da vila de Grândola.

é com a primeira que se rega toda a várzea de Melides, até à lagoa; a várzea está quase toda a arroz e a rega é quase toda feita com água de pé.

Com água da nascente do Borboleão são também regadas lavras de arroz.

É a água de nascentes que rega quase todos os arrozais do concelho, pelo que são as nascentes o mais importante dos recursos aquíferos do concelho.

Algumas das nascentes permitem as regas de pé; noutras faz-se a elevação, geralmente por meio de moto-bombas.

#### E - Erosão

Existe principalmente em toda a zona xistosa da Serra de Grândola, notando-se os seus efeitos com maior evidência nos locais onde mais se abusa da cultura cerealifera que são, como é evidente, os menos arborizados e sem matos.

Nas zonas assim desprotegidas a acção das chuvas, de carácter torrencial e abundantes, ainda quando a vegetação espontânea não pode exercer o seu papel protector, provoca o arrastamento das terras em grande escala, deixando marcados numerosos sulcos, cuja abundância e profundidade mais se acentuam nas terras alqueivadas, testemunhando assim como é perniciosa tal operação nestas terras.

Nas zonas ribeirinhas das linhas de água da parte nascen-  
te do concelho também encontrámos exemplos típicos de erosão, pro-  
vocada pelas enxurradas, que chegam a transformar em caudalosos  
ribeiros alguns barrancos que só têm água em meia dúzia de dias  
no ano.

Na charneca os efeitos da erosão quase não se manifestam,  
excepção feita para a zona de dunas do litoral, onde a erosão  
eólica tem alguma importância; no entanto, como as dunas estão  
revestidas de mato até quase à costa, a erosão está muito longe  
de apresentar a gravidade que se verifica nos xistos.

Entre as medidas possíveis para atenuar os efeitos da de-  
gradação dos terrenos em toda a zona serrana, em que pouco mais  
do que cultura florestal se pode fazer, sem perigo de se estar a  
cavar a ruína de uma região em que o sobreiro vai muito bem, são  
as que passamos a indicar:

- 1)-condicionamento das áreas de cultura de praganhos, o que não significa proibição mas o evitar-se a sementeira da parte cimeira dos cerros e das encostas mais de-  
clivosas, onde se torna necessário criar uma couraça ve-  
getal que evite o desaparecimento da terra e atenui os  
efeitos dos arrastamentos;
- 2)-nos locais menos declivosos execução de cultura em  
faixas, segundo as curvas de nível, cultivando alterna-  
damente cereais e mato - após alguns anos, os que a ex-  
periência mostrasse mais aconselháveis, passar-se-ia a

fazer a cultura cerealífera na faixa até à de mato e vice-versa, sendo de aconselhar que o mato das faixas fôsse roçado periódicamente, deixando ficar no solo tão importante quantidade de matéria orgânica, pouco a pouco transformável em humus;

- 3) - aumentar a densidade da arvoredo nos montados de sobre, o que além de proteger melhor o solo aumentaria o rendimento das propriedades;
- 4) - e, finalmente, protecção dos coluviais, abrindo valas que desviem os cursos das enzurradas.

São estas as medidas que proponos para evitar neste concelho a repetição do que se passa noutros do Baixo Alentejo, onde o problema erosão não foi cuidado a tempo e hoje só tem remédio se forem tomadas medidas dispendiosas e difíceis de executar.

Em Grândola ainda não há propriamente prejuízos devidos à erosão, estamos, pois, na fase em que basta prevenir.

#### F - Vias de comunicação

As vias de comunicação no concelho são:

- 1 - O caminho de ferro
- 2 - as estradas nacionais
- 3 - as estradas e caminhos municipais e vicinais.

Quadro XII  
Projecto de classificação de caminhos vicinais

Nº.	Designação	Alguns pontos intermédios	Extensões		
			Construídas	Em terraplénagem	Por construir
1	Casa Branca - Carvalhal	-	2.200 m.	-	-
2	Pinheiro da Cruz - Brejo da Vinha	Chaparral - Taganhal - Palhota	-	-	24.100 m.
R-3	Chaparral - Vale de Coelheiros	-	-	-	3.600 "
R-2	Para Brejo do Mouro	-	-	-	1.700 "
3	Fontainhas do Meio - concelho de Alcácer do Sal	Porqueira - Vale de Coelheiros	-	-	16.900 "
R-3	Para Fontainhas de Baixo	-	-	-	1.500 "
4	Melides - concelho de Alcácer	Fontainhas de Cima - Almajões	-	-	19.200 "
5	Fontainhas de Cima - Murteirinhas	Monte Nova - Vale de Poço	-	-	11.800 "
R-5	Para o C.V. 2 em Barranco	-	-	-	2.000 "
(a) 6	Melides - Grândola	Casa Branca - Silvestres	1.200 "	500 m.	13.300 "
R-6	De Silvestres para o C.V. 5 (em Clementes)	Atalaia	-	-	1.400 "
7	Melides - concelho Santiago	Poças	-	-	5.800 "
8	De Fetal - concelho de Santiago (em Tanganhali)	Stª. Margarida da Serra - Azinheira - Adrejão	-	-	12.500 "
9	Grândola - concelho de Alcácer (no Forninho)	Aldeia do Futuro - Freixeirinha - Brejo da Vinha	2.430 "	-	7.470 "
10	Aldeia do Futuro - concelho de Alcácer do Sal	Ameira das Faias - Pascoal - Venda Nova	-	-	8.800 "
R-10	Para Cadoces (C.V. 11)	-	-	-	2.000 "
11	Estação de Grândola - concelho de Alcácer	Fofos da Quinta Velha-Cadoces-Água Derramada (C.V. 13)	-	-	14.800 "
12	Estação de Grândola - Tanganhali	Cruz de Ferro - Courelas - Gidrão - Silvestre	-	-	14.600 "
13	Límite do concelho de Alcácer - S. Manede	Água Derramada - Caniceira	-	-	11.200 "
14	Água Derramada - concelho de Santiago (na Cerqueira)	Poceirão - Aniza - Azinheira de Barros - Cerqueira	-	-	21.000 "
15	Padrões - Estação de Caminho de Ferro de Bairros	Canal - Garreiro - Venda - Achados (C.V. 16)	-	-	11.000 "
16	C.V. 12 - C.V. 15	Cortes Gerais - Boa Vista - Cabacinha	-	-	10.000 "
17	C.V. 14 (Aniza) - S. Manede	Pizão	-	-	6.800 "
18	Romanal - Louzal Novo	-	-	-	2.500 "
Soma			5.830 m.	500 m.	223.070 m.

1 - A linha do Sado serve o concelho pelas estações de Grândola, Canal-Caveira, Barros e Louzal; quer dizer que o interior do concelho está bastante bem servido pelo caminho de ferro, o que não sucede a todo o litoral.

A estação de Grândola dista do Barreiro 103 quilómetros<sup>(1)</sup>.

2 - As Estradas Nacionais que atravessam o concelho são quatro, uma de 1º e 3 de 2º. A de 1º é a nº 120 (Alcácer do Sal-Lagos), que serve Grândola e Santa Margarida da Serra, fazendo a ligação do concelho com os de Alcácer do Sal e Santiago de Cacém. O pavimento é betuminoso e encontra-se em bom estado de conservação. Percorre no concelho uns 20 quilómetros.

As de 2º são as nºs. 261-1, 261 e 219, respectivamente,

(261-1) - de Casa Branca-Estação de Grândola,

(261) - de Comporta-Santiago e

(219) - de Grândola-Ferreira.

A primeira serve as povoações de Casa Branca, Brejo do Lobo, Pinheiro da Cruz e Melides, seguindo para o concelho de Santiago de Cacém. O pavimento é de macadame e está bastante picado; entre as povoações da Comporta e da Casa Branca encontra-se intransitável em cerca de uma dezena de quilómetros.

A nº. 261 tem grande importância para a freguesia de Melides; o seu pavimento encontra-se bastante esburacado.

(1) De Barreiro a Lisboa, via fluvial, são mais 10 quilómetros.

A nº 219 passa por Grândola e Estação de Canal-Caveira e nela entronca a terraplanagem que segue para Azinheira dos Barros, que será a futura estrada nacional nº 262. O pavimento é de macadame e necessita grande reparação.

Está em construção uma estrada nacional de 2º (nº 261 - 2) que liga directamente a povoação de Melides a Grândola e que muito necessária se tornava: basta que se diga que vem encurtar a distância de Grândola a Melides em 22 quilómetros!

Também falta uma estrada ligando a Comporta a Tróia, para encurtar a distância a Setúbal em 20 quilómetros; contudo para ter interesse era necessária a reconstrução do troço Casa Branca-Comporta.

Há grande interesse em que seja acabada a estrada que liga Azinheira dos Barros à nº 259 e que para poder seguir para o concelho de Santiago de Cacém se construa uma ponte na ribeira de Corona, no sítio do Bravo.

3 - As estradas e os caminhos municipais são os que constam do quadro XIII. Da sua consulta se conclui que pouco ou nada está feito.

Os caminhos vicinais são numerosíssimos<sup>(1)</sup>, mas de difícil trânsito, por causa da areia.

(1) Grande parte das futuras estradas e caminhos municipais seguirão o traçado dos caminhos vicinais.

Do que fica dito se conclui estar o concelho muito mal servido de estradas, existindo povoações de difícil acesso, só por carro de bois ou de burro!

----- + -----

#### Distâncias de Grândola a

Beba .....	68 km.	Alcácer .....	22 km.
Setúbal ...	72 "	Lisboa .....	114 "
Perreira ..	44 "	Comporta .....	32 "
Santiago ..	25 "	Melides .....	30 "
Sines .....	42 "	Lagos .....	164 "

----- + -----

#### Principais meios de transporte:

1) O caminho de ferro, 4 estações no concelho (Grândola, Canal-Caveira, Azinheira dos Barros e Louzal).

O serviço de comboios e automotoras é o seguinte: ascendentes, 1 comboio e uma automotora que procedem, respectivamente, de Vila Real de Santo António e de Sines, e seguem para o Barreiro; e descendentes, 1 comboio, e 1 automotora, que procedem do Barreiro e seguem respectivamente para Vila Real de Santo António e Sines.

Não ainda, três vezes por semana, um comboio de mercadorias nos dois sentidos. Esse comboio faz o percurso Barreiro-Funchal e vice-versa.

2) Veículos automóveis. Duas empresas de camionagem de passageiros servem o concelho, ligando-o com Cacilhas, Setúbal, Ferreira do Alentejo, Alcácer do Sal, Grândola, Santiago de Cacém, Sines e Algarve.

O concelho está bastante bem servido no que respeita a camionagem de passageiros; referimo-nos, é claro às povoações atraçadas pela estrada nacional nº 120, pois as restantes nada têm.

Foram manifestados na Câmara Municipal, no ano corrente, os seguintes veículos automóveis:

Auto-ligeiros .....	95
Auto-pesados .....	27
Motociclos .....	<u>8</u>
Total .....	130

Dos auto-ligeiros 3 são de aluguer, fazendo praça em Grândola e os restantes são particulares.

Existem 7 camionetas de aluguer, com praça em Grândola.

3) O número de veículos de tracção animal é de 1.455, assim distribuídos por freguesias:

Azinheira dos Barros .....	161
Grândola .....	816
Melides .....	354
Santa Margarida da Serra ..	<u>104</u>
Total .....	1.455

Grande parte destes veículos são os conhecidos carros alentejanos, pitorescamente designados por de molas de azinho, puxados por uma parelha de muares.

Existem também alguns carros puxados por bovinos, conhecidos por carretas.

Tanto as carretas como os carros alentejanos se destinam, em regra, ao transporte de mercadorias dentro do concelho.

Há ainda carros de uma só muar ou mesmo de um animal cavalar e que além de se utilizarem no transporte de mercadorias também servem para o transporte de pessoas.

----- + -----

O transporte dos produtos agrícolas e dos artigos necessários à lavoura é feito, dentro do concelho, nos carros de tração animal; também já se vão utilizando os reboques dos tractores de rodas e um pouco a camionagem, esta empregando-se de preferência para os produtos florestais.

Para fora do concelho utilizam-se apenas o caminho de fer-

ro e a camionagem.

O tráfego pelo caminho de ferro tem decrescido nos últimos anos.

Os carros de tração animal costumam levar por dia de trabalho o mesmo preço da jeira, que, nos últimos anos, tem regulado por 70\$00.

A camionagem de carga cobra 4300 por quilómetro (tonelagem geralmente de 5.000 quilogramas), o que dá por tonelada/quilómetro aproximadamente \$80.

A camionagem faz muitos fretes de retorno, que resultam bastante baratos.

Os transportes por caminho de ferro têm vindo a diminuir bastante, como dissemos. Entre Grândola e Barreiro (103 quilómetros) os preços dos fretes para as principais mercadorias vão em seguida enumerados:

Trigo .....	444\$50	por vagão (10 T.)
Aveia .....	"	"
Cevada .....	"	"
Arroz com casca .....	381\$50	"
Falsa de trigo enfardada...	296\$00	" 4 T.
Azeite em bidons .....	510\$70	" 8 T.
Cortiça em bruto, enfardada	296\$00	" 4 T.
Lenha .....	507\$50	" 10 T.
Madeiras .....	728\$00	" 10 T.
Adubos .....	800\$00	" 10 T.

### C - Áreas

De um trabalho executado pela Junta de Colonização Interna há 9 anos, extraímos os elementos a seguir coordenados.

O quadro XIII mostra a distribuição de culturas pelo concelho; o sobre ocupa o primeiro lugar, seguido, a pequena distância, pela terra campa. Os incultos vêm logo em terceiro lugar, com 14.700 ha.. O azinho é relativamente pouco, pois nos montados mixtos de sobre e azinho, o sobre costuma dominar. Já o pinhal ocupa uma área relativamente grande, da ordem dos 5.000 hectares.

A área que vem no quadro XIII relativa a arroz deve ser acrescida com mais mais 300 ou 400 hectares, o número vai sempre aumentando.

Quadro XIII

## Concelho de Grândola

Culturas ou formas de utilização	Áreas ha.	Percentagens
Terra Campa	24.660,6	30,8
Olival	551,0	0,7
Vinha	70,5	0,1
Vinha e olival	566,1	0,7
Arroz	769,3	0,9
Horta e pomar	4,2	-
Regadio	301,5	0,4
Várzea em sequeiro	331,2	0,4
Incultos	14.783,2	18,5
Sobre	25.654,6	32,0
Azinho	1.180,0	1,5
Sobre e azinho	5.387,8	6,7
Sobre e pinhal	291,5	0,4
Pinhal	5.464,7	6,8
Eucaliptal	72,8	0,1
<b>Totais</b>	<b>80.089,0</b>	<b>100,0</b>

Nos 300 ha. de regadio estão incluídas numerosas hortas e pomares, plantados nos últimos anos.

Os cítricos, principalmente, aumentaram muito em relação à altura em que se fez o trabalho donde se extraíram os elementos acima.

Quadro XIV

Fregue- sias	Áreas ha.	% da área total	Terreno (ha.)					
			Bom	%	Médio	%	Mau	%
Melides	19.772,4	24,3	642,5	3,3	8.340,9	42,2	10.796,5	54,5
Grândola	58.612,5	47,5	4.311,1	11,2	13.571,4	35,1	20.743,3	53,7
Serra	5.250,6	6,5	387,7	7,3	2.921,7	55,6	1.949,8	37,1
Barros	16.413,5	20,2	758,7	4,6	8.485,7	51,6	7.180,4	43,8
Totais	80.039,0	-	6.099,4	7,6	33.319,7	41,6	40.669,9	50,8
	1.227,0	1,5						
	81.316,0	100,0						

As freguesias onde as culturas regadas ocupam lugar de maior relevo são as de Grândola e de Melides e a menos importante Santa Margarida da Serra, mas são, também, precisamente aquelas, onde os incultos dominam, ocupando na primeira mais de 7.000 ha. e na se gunda perto de 6.000 ha..

A freguesia de Santa Margarida é que tem maior taxa de arborização de sobre - 78% da área útil da freguesia. Em valor abso luto a freguesia com mais sobre é Grândola; Melides e Azinheira dos Barros equivalem-se.

Quadro XV

Freguesias	Área agrícola		Área florestal		Incultos	
	Ha.	%	Ha.	%	Ha.	%
Melides	6.126,6	31,0	6.323,1	31,9	7.322,7	37,1
Grândola	14.883,4	38,5	17.993,1	46,6	5.776,0	14,9
Santa Margarida da Serra	706,3	13,5	4.517,3	86,0	27,0	0,5
Azinheira dos Barros	5.538,1	33,7	9.217,9	56,2	1.657,5	10,1
Total	27.254,4	34,0	38.051,4	47,5	14.783,2	18,5

Quadro XVI

Conce- lho (Ha.)	Área agri- cola (Ha.)	%	Área flo- restal (Ha.)	%	Incultos (Ha.)	%	Área so- cial, vi- as de com. etc. (Ha.)	%
61.316,0	27.254,4	33,5	38.051,4	46,8	14.783,2	18,2	1.227,0	1,5

O quadro XIV mostra que mais de 50% dos solos do concelho são maus e apenas 7% se podem classificar como bons.

As freguesias com maior percentagem de bons solos são Grândola e Santa Margarida.

O quadro XVI mostra que 18,2% da área do concelho é ocupada por incultos, alguns deles, sem dúvida, susceptíveis de aproveitamento pela cultura florestal e, até, pela cultura agrícola, em zonas restritas, naquelas onde a água se oferece a pequena profundidade.

## II - PRODUÇÃO AGRÍCOLA

A - Culturas e técnica cultural

## a)- plantas cultivadas ou cultiváveis, sua importância relativa e finalidades

As principais plantas cultivadas no concelho, por ordem de crescente de importância, são os seguintes: sobro, cereais praganosos de sequeiro e arroz.

Entre os cereais praganosos de sequeiro temos o trigo, a aveia, a cevada e o centeio. Ainda se usam as seguintes culturas arvenses de sequeiro: fava, milho, grão e, em muito menor escala, a batata.

Das culturas arvenses de sequeiro as mais importantes são o trigo e a aveia seguindo-se, em ordem decrescente, a cevada, o milho e a fava.

----- + -----

Das culturas arvenses de regadio as de maior projecção são o arroz, o feijão e o milho. A batata doce também ocupa lugar de relevo, principalmente na freguesia de Melides, nos brejos.

A horticultura já tem no concelho um certo desenvolvimento, ainda que, em geral, se trate de hortas de carácter familiar.

Mas o número destas é elevado, pois rara será a propriedade sem uma horta com algumas árvores de fruto; existem, mesmo, pequenas quintas em que a horta e o pomar figuram em primeiro lugar e quase as ocupam totalmente.

E na freguesia de Melides e nos arredores de Grândola onde mais hortas há.

As principais plantas de horta são as couves (não esquecendo o repolho e a couve de cortar), a batata doce, a batata, o milho, o feijão verde, a ervilha, a fava, o tomate, o pimento, e, por vezes, saladas e cheiros.



A vinha é a única planta arbustiva cultivada, ocupando uma área razoável, maior contudo, em tempos passados.

Esta diminuição de área é devida aos entraves que têm sido postos à plantação de novas vinhas; assim, as vinhas antigas envelheceram e desapareceram poucas tendo sido substituídas. No entanto, em certas terras do pliocénico onde a cultura cerealífera não é compensadora, a vinha poderia valorizá-las bastante.

A maioria das vinhas são pequenas e as maiores do concelho são as do Canal e Monte-Novo.

A oliveira está espalhada por toda a parte, à exceção das terras de charneca, mais ordinárias, e das maiores elevações da

### Serra de Grândola.

No pliocénico que envolve a povoação de Melides consegue vegetar razoavelmente, o mesmo sucedendo para os lados da Aldeia do Futuro; mas o seu verdadeiro solar é a várzea de Grândola, com terrenos de boa constituição. Também paredes meias com o concelho de Ferreira do Alentejo se encontram bons núcleos de cultivo.

A fruteira encontrada em maior número é a laranjeira, seguindo-se-lhe em ordem de importância decrescente a figueira, a pereira, a macieira e a ameixeira.

A região de melhor laranja é a de Melides, havendo também alguns bons laranjais nos arredores de Grândola.

Na freguesia de Melides encontram-se alguns pequenos frutíferais.

O maior número de fruteiras, com exclusão da laranjeira, vive nas hortas que, como dissemos noutra lugar, são frequentes.

— + —

Cultivam-se exclusivamente para alimentação do gado, a aveia e a fava, base das rações do gado muar.

A cevada em grão também está a ser dada ao gado, e começam a semear-se bersim e luzerna, de momento ainda em pequena escala.

Dentre as plantas que não se cultivam com a finalidade da alimentação pecuária, mas cujos produtos secundários se empregam na sua alimentação, têm interesse os cereais preganescos, pelas palhas e moínhas.

Tanto o grão de milho, como a palha, são empregados na alimentação da pecuária.

----- + -----

Pelo conhecimento que obtivemos do concelho parece-nos ser o trigo espécie bem adaptada às condições do meio físico, com a reserva, claro está, de certos terrenos de charneira onde imprópriamente é semeado e onde só quase por milagre é capaz de produzir alguma coisa: nestes terrenos vai melhor o centeio.

Os factores climáticos, como é natural, têm na cultura dos cereais de sequeiro muito maior importância do que a boa ou má qualidade dos terrenos; assim, se as chuvas e geadas vêm na altura própria...se na granação o calor não aperta; isto é, se os factores climáticos correm de acordo com as necessidades das safras, as produções são boas; pelo contrário, se as coisas não correm de feição, as produções chegam a ser miseráveis.

O que se passa com o trigo repete-se com os restantes cereais de sequeiro.

Nas terras mais fortes a fava produz razavelmente; mas como está muito sujeita à alforra e aos ataques de afídeos, é sempre uma seara de resultados contingentes; o grão de bico, mes-

mo tendo em conta os ataques de mela, é cultura mais certa.

O arroz está bem adaptado nos locais onde se cultiva; é das culturas que, atendendo a um conjunto de factores especiais, ninguém vai cultivar senão em sítios apropriados. Por conseguinte podemos sem receio afirmar ser cultura bem adaptada. Tivemos ocasião de ver belos arrozais, não só na Comporta e várzea de Melides, como também nas pequenas lavras do Borboleção e outras.

Tem fama o feijão de Melides.

A batata doce, dá-se optimamente em todas as manchas frescas do litoral produzindo muita e de boa qualidade. A batata da Lagoa Formosa gosa de certa fama, sendo considerada muito doce. Em nossa opinião deve tratar-se simplesmente de um caso de fama.

Quanto às plantas hortícolas pode dizer-se que, sem exceção, encontram boas condições de cultivo.

A vinha, ainda que não dê grandes produções, está razoavelmente adaptada; a nosso ver, só há interesse em generalizar a cultura onde as arvenses de sequeiro são contra-indicadas, pelas baixas produções.

A oliveira encontra o óptimo de condições na várzea de Grândola, vegetando bem e dando boas produções e há, de facto, grande diferença entre estas e as que se vêm noutras localidades do concelho. As que mais se lhes aproximam são as que

constituem prolongamento dos olivais de Ferreira do Alentejo.

A laranjeira encontra óptimas condições de vida na faixa litoral sul, sendo precisamente si que se vêem em maior número, não só dispersas pelas hortas como constituindo pomares, existindo algunes de cento e poucas unidades e um de 450, o maior do concelho.

Também nessa zona há figueirais, quase todos novos, mas com bom desenvolvimento.

Em face do que nos foi dado observar e das informações colhidas junto da Levoura indicaremos algumas das variedades mais aconselháveis para as culturas mais generalizadas, com as devidas reservas, como é evidente.

Assim, no que respeita ao trigo, as variedades hoje mais empregadas e que se consideram melhor adaptadas, são:

1)-trigos moles: Quaderna, Precoce, Roma, Mocho de Espiga Branca e Tremesinho.

2)-trigos rijos: Iobsiro, Tremes Preto e Busso.

A Levoura começa a interessar-se pela aquisição de trigo seleccionado para semente, mas, por enquanto, ainda não se passou, por assim dizer, da fase experimental.

Em 1949 adquiriu 4.000 Kg. das variedades Precoce de Itá-

Lia (2.960 Kg.), Mocho de Espiga Branca (720 Kg.) e Roma (400 Kg.), e em 1950 adquiriu já 16.160 Kg., das variedades Roma (8.560 Kg.), Mocho de Espiga Branca (6.960 Kg.) e Russo (640 Kg.).

Como se vê o trigo Roma começa aqui a interessar bastante, como sucede noutras regiões do país.

O Mocho de Espiga Branca ainda se vai semeando em quantidade nos terrenos do pliocénico.

As aveias semeadas resultam de misturas em que é vulgar o predomínio da chamada aveia amarela.

As cevadas também são misturas; à cevada dão o nome de cevada branca e à aveia de cevada aveia.

A fava mais generalizada é a fava meã; semeia-se alguma fava grada e pouco de ratinha.

Não sendo uma região batateira o lavrador não tem ainda formado o seu juízo sobre as variedades mais aconselháveis às condições do meio físico local, isso não impede que se tenha ido generalizando a plantação da Arran-Banner, não se sabe porquê.

As variedades de arroz mais empregadas são o Chinês, Ponta Rubra e Precoce 6; o primeiro predomina em absoluto (mais de 80% do arroz semeado).

Além do feijão frade semeia-se bastante feijão encarnado,

feijão raiado e feijão branco.

----- + -----

As castas de uva mais frequentes e de maior tradição são:  
 brancas: Diagalves, Boal, Roupeiro, Manteúdo e Fernão Pires (Molinha);  
 tintas: Periquita, Bastardinho, Tintureira e Tinta Aragonesa.

----- + -----

Está adaptada às condições fisiográficas locais e daí talvez a razão de se encontrar tão espalhada, a oliveira da variedade Galega. Na várzea de Grândola vão bem a Bical e a Lóngal.

As laranjeiras que mais abundam são a Setúbal e a Baía; principalmente na freguesia de Melides a primeira tem muito maior expansão do que a segunda. É que a laranja da Baía, pelo menos na referida freguesia, sofre mais do que qualquer outra com os ataques da mosca do Mediterrâneo.

Parece-nos conveniente a introdução da variedade D. João, que não se deve dar mal.

Na freguesia de Melides, onde a cultura da figueira está muito generalizada, as variedades mais usadas são a Moscatel, Ba-

gulheso Prato e Castanhais.

Não sendo uma região em que o pessegueiro consiga medrar muito bem, os que existem não produzem mal, nomeadamente os raros exemplares que ainda se encontram de antigas variedades, como o conhecido na região por Mira-olho.

----- \* -----

Das culturas arvenses de sequeiro do concelho, consideramo-las todas de interesse, ainda que nos pareça que nalguns locais mais valeria enveredar-se de vez pela cultura florestal ou, nos casos em que a água não falte e seja possível dividir a propriedade, ir para a horta e pomar familiares. É claro que nestas hortas deveriam predominar as culturas de milho e feijão. De árvores de fruto o primeiro lugar destinar-se-ia à figueira, para alimentação de porcos.

A cultura do arroz está a generalizar-se aos locais onde é possível porque o lavrador viu que obtinha bons resultados económicos<sup>(1)</sup>.

A área da vinha deve alargar-se, o que será vantajoso até pela mão de obra que a cultura absorve, o que muito interessa mes-

(1) Isto vem provar mais uma vez que o nosso lavrador não é tão rotineiro como se quer fazer crer por vezes. Quando ele vê que qualquer empreendimento dá bons resultados não olha para trás e lança-se nele; contudo, não pode fazer milagres!...

mo num concelho onde o desemprego rural não atingiu gravidade de maior.

Quanto à oliveira é possível e desejável a sua expansão, o que traria riqueza a certas terras da freguesia de Azinheira dos Barros que a cultura cerealifera estreme não pode dar.

Na cultura florestal há a questão da densidade do arvoredo, que nem sempre é a necessária para que se possa considerar o terreno no seu máximo de aproveitamento; se na serra os montados de sobre apresentam boa densidade, num caso ou outro excessiva mesmo, o mesmo não se poderá dizer doutras zonas do concelho. Haveria a maior vantagem em semear lende nas clareiras, que nada produzem a não ser, de muitos em muitos anos, uma seara que tanto pode ser boa como não prestar.

O montado de azinho, contudo, é um caso especial em que a fraca densidade das árvores até permitem que a cultura cerealifera se faça em melhores condições. Normalmente os terrenos onde o azinho é espontâneo são de melhores aptidões para a cultura agrícola do que aqueles onde predomina o sobre.

----- + -----

Não há propriamente culturas a introduzir mas, sim, o alargamento de algumas, como sejam as forragens de regadio - lucerna e bersim. A questão das forragens tem o maior interesse para a exploração pecuária.

----- + -----

Não julgamos necessário proceder à eliminação de culturas; as plantas cultivadas estão bem adaptadas e consideramos o seu cultivo indispensável ao equilíbrio da economia agrária do conce lho.

As modificações que preconizamos para melhor aproveitamento do agro trariam, a nosso ver, maior procura e colocação de mão de obra, o que é fundamental para o bem estar das populações rurais.

----- + -----

Há uns 50 a 60 anos fazia-se a cultura do linho na Serra de Grândola em extensões apreciáveis. Foi cultura que pode considerar-se desaparecida desde há uns 35 anos.

#### b)-afolhamentos e rotações tipo

Na charneca e consoante o terreno é mais ou menos fértil, assim os anos de pousio são em maior ou menor número, variando também os cereais semeados.

Nas terras mais fracas a rotação mais frequente é:

alqueive - centeio - 8,9 ou 10 anos de pousio.

Noutras terras de charneca já se fazem rotações do tipo se quinte:

alqueive - trigo - aveia - 4 a 5 anos de pousio.

Na serra usam-se rotações como as seguintes:

alqueive - trigo - aveia - 6 a 15 anos de pousio.

alqueive - cevada<sup>(1)</sup> - aveia - 6 a 15 anos de pousio.

Nas terras argilosas, nuas ou com azinho raro, faz-se:

fava<sup>(2)</sup> - trigo - trigo tremês; ou,

fava - trigo - aveia - 1 ano de pousio; ou

alqueive (nú ou revestido de milho e, nos rocios, de grão) - trigo - trigo tremês - com 1 ou 2 anos de pousio, ou sem pousio nenhum, se as terras são de melhor qualidade.

Nas terras de várzea, ou de arroz em cultura contínua, o que hoje é vulgar, ou rotações começando por alqueive revestido de milho e feijão frade, seguido de 2 anos de trigo, havendo depois pousio ou não, conforme a necessidade de pastagens é maior ou menor.

A intensificação cultural em explorações de alguns rendeiros justifica-se pela necessidade que têm de extrair da terra o maior rendimento possível para satisfazer o alto montante das rendas, bastante exageradas. Afora estes casos especiais somos de parecer que no momento presente não haveria talvez vantagem em modificar o que está, no campo das rotações e afolhamentos.

(1) Esta rotação emprega-se em terras em que o mato é bastante denso.

(2) A fava já é pouco usada.

c) Técnica cultural

Vamos apresentar em seguida uma ligeira descrição da técnica das culturas mais importantes, que em pouco se afasta, do que é usual em todo ou quase todo o Baixo Alentejo.

O alqueirive para o trigo, a uma profundidade de 20 a 25 cm., é feito de Janeiro em diante; segue-se mais tarde a segunda lavoura ou de atalho, (há quem não a execute). Antes da sementeira grada-se, enregas-se, espalha-se o adubo e a semente, que se cobre à charrua de volta-aiveca.

A sementeira do trigo começa em Outubro e prolonga-se até Dezembro. Os trigos rijos, os das melhores terras, (e também em menor quantidade), são os últimos a ser lançados à terra.

A adubação mais usual no trigo é feita à base de superfosfato de 18% de que é costume empregar 200 a 300 Kg. por hectare. Existem alguns lavradores que completam a adubação com 100 Kg. de sulfato de amónio.

Nos anos chuvosos e quando as searas começam a amarelecer há quem faça coberturas com nitrato de sódio, na dose de 100 Kg. por hectare.

A sementeira é feita a lanço e tanto as mondais, indispensáveis em quem pretende ter boa seara, como a ceifa, são manuais.

A maior parte do trigo é debulhado à máquina e só pequenas quantidades pelos antigos processos.

Para o cultivo dos restantes praganhosos de sequeiro a téc-

nica é idêntica, excepto no que respeita a lavouras, apenas com diferença de ser tudo feito muito mais à ligeira e de não ser costume mondar a aveia, que também não é adubada.

Existe um caso especial de cultura do trigo que se observa na serra, onde o mato, principalmente a esteva e o rosmaninho, ainda aparece em abundância: a sementeira sobre moreias. As moreias resultam da apanha do mato, que se dispõe depois em linhas paralelas coberto de terra e a que se lança fogo em fins de Agosto. As cinzas resultantes, misturadas com a terra, são depois espalhadas, seguindo-se operações técnicas de todos conhecidas. Este caso das moreias é bastante típico da Serra de Grândola, usando-se também no concelho de Santiago de Cacém. Em tempos ainda não recuados a prática das moreias teve importância muito superior à actual e estamos convencidos de que desaparecerá dentro de poucos anos.

Nos olivais são usuais as culturas arvenses, pelo que beneficiam das suas fertilizações e amanhos culturais; quando tal não sucede não ficam por fertilizar, pelo menos por parte dos agricultores mais cuidadosos; também é costume limpar<sup>(1)</sup> as oliveiras.

A cultura do arroz é, incontestavelmente uma cultura especializada, absorvendo muita mão de obra, tendo um papel social de primeiro plane; desde a preparação da terra da lavra até à ceifa

(1) Podar.

sucedem-se os trabalhos, todos requerendo cuidados de variada ordem. Assim, às lavouras, segue-se a armação da lavra, os nivela-mentos parciais, a sementeira ou a plantação, as mondas, a ceifa...isto claro está, sem falar nas operações relacionadas com a rega, cuja importância é escusado encarecer.

Nos montados mais bastos apenas se desmota e lavra, fazendo-se, também, a limpeza do ar<sup>(1)</sup>.

———— + —————

De modo geral as técnicas culturais empregadas não são de condenar e adaptam-se, até bem, às condições de vida local. Não se rão a última palavra mas nem sempre a técnica mais aprimorada corresponde os melhores resultados de ordem económica.

Irá para as grandes reformas, em campo tão complexo, equivaler a provocar um fundo desequilíbrio social; parece-nos pois que, de momento, o alargamento da área das culturas regadas e dos povoamentos florestais tem maior interesse e trará à grei rural benefícios mais palpáveis. Ora, em última análise é isto o que deve preocupar em primeiro lugar todo o técnico agrário que não ignore ser a valorização do homem o problema fundamental.

---

(1) Nome dado à poda do sobreiro.

### B - Materia orgânica

As principais fontes de matéria orgânica são as palhas e os matos que, infelizmente, não são aproveitados convenientemente.

A falta de gado estabulado influí desfavoravelmente no aproveitamento de enormes massas de materiais que, por vezes, se queimam, com perda sensível de elementos fertilizantes.

#### a) = estrumes

Os estrumes são de má qualidade e insuficientes para as necessidades da Lavoura; nas grandes casas agrícolas é produzido em quantidade insignificante, em relação às necessidades.

Se a falta de gado estabulado, acima referida, influí de modo sensível no desaproveitamento da grande massa de palhas e matos existentes, o facto de poucas propriedades possuirem nitreiras ou estrumeiras, mesmo rudimentares, para o aproveitamento e boa curtimenta das camas, não deixa de vir ainda complicar mais o problema dos estrumes.

Com raras exceções os estrumes resultam da curtimenta das camas que, depois de retiradas dos alojamentos do gado, são amontoadas, normalmente sem quaisquer cuidados, ficando à ação do tempo. Obtém-se, assim, estrumes de fraco poder fertilizante, resultado de uma fermentação defeituosa e das perdas sofridas por lavagem e volatilização. Os inconvenientes resultantes

da falta de estrume são assim agravados pela sua baixa qualidade. Uma tonelada de estrume vale, aproximadamente, 40\$00.

Talvez este seja um dos pontos em que a Lavoura necessita ser mais industriada, mostrando-se-lhe por todos os meios os inconvenientes do mau aproveitamento das grandes massas de matéria orgânica de que, felizmente, dispõe aqui.

Grandes quantidades de palhas e matos podem ser transformados em estrume, segundo os conhecidos processos artificiais que tão bons resultados têm dado; contudo, para que neste campo alguma coisa se consiga torna-se indispensável a construção de nitreiras.

É usual a estrumação a bardo ou a rabo de ovelha; 100 cabras estruram por ano 1 a 1,5 hectares.

O bardo apenas é coberto com a lavoura de abrição, atalho ou gradagem, 15 dias antes da sementeira, conforme foi respectivamente feito em pousio, depois da abrição ou depois do atalho.

#### b)=Lixos

A Câmara Municipal vende os lixos provenientes da limpeza da vila de Grândola; são amontoados em terrenos situados a pouca distância da vila, onde aguardam, sem a mais pequena preparação, a ocasião da venda.

A vila ainda não possui esgotos; quando fôr resolvido problema de tão instante necessidade, convinha se olhasse ao seu

aproveitamento em benefício da agricultura.

#### e) - Sideração

É prática rara; de longe em longe algum lavrador faz uma tremoçada, dando-se ainda o caso de, por vezes, quando promete boa colheita, não ter coragem para a enterrar, guardando-a para grão.

A sideração interessa em absoluto, especialmente para o caso dos oliveiros e das vinhas de terras fracas.

#### C - Máquinas e alfaiações agrícolas

Quanto à maquinaria agrícola o concelho não está bem apetrechado, pois para a sua elevada área não dispõe de mais de uma dúzia de tractores; estes e as debulhadoras, em número de sete ou oito, são as máquinas mais importantes que encontrámos.

Os tractores são em geral equipados com charruas e grades de discos.

Aos tractores e debulhadoras seguem-se, em ordem decrescente de importância, os moinhos de martelos (cerca de 6), e os motores e bombas para elevar água, os crivos (4 ou 5) e os descarcadores de milho, em número inferior a meia dúzia.

As charruas mais espalhadas são as Portugal 142, 126, 125 e 114, sendo a primeira destinada aos alqueives e as restantes

a sementeiras e outros serviços mais leves. Charruas Tramagal 2 e 4 também há bastantes e algumas n.ºs. 6 e 7, usadas nas terras de arroz.

Além destas alfaias ainda existem cultivadores, grades de madeira com dentes de ferro, um ou outro arado, trilhos, etc..

Como se vê não se pode dizer que se trate de um concelho onde abundem máquinas e alfaias agrícolas.

As ferramentas mais generalizadas são as enxadas e os machados dos tiradores de cortiça.

Os transportes dos géneros agrícolas e dos produtos necessários à Lavoura faz-se principalmente nos carros alentejanos, de muares. Os atrelados dos tractores, numerosos no vizinho concelho de Alcácer do Sal, são aqui raros.

Os trabalhos agrícolas mais importantes na cultura cereácea de sequeiro já se encontram mecanizados (alqueives e debulhas); pelos antigos processos as debulhas passariam de uns anos para outros e os prejuízos seriam consideráveis. Há, no entanto, outro trabalho não menos importante, a ceifa, ainda feita a braço. Por várias razões a sua mecanização não é coisa fácil; a ela se opõe, até, o acidentado do terreno, em toda a zona serrana, bastante extensa. Depois vem os problemas de ordem social, que não podem desprezar-se, agravando-se com a mecanização da ceifa - fonte de receita que permite aos rurais adquirirem vestuário e calçado. No entanto os problemas sociais em Grândola não apresentam a mesma gravidade verificada noutras regiões alem

tejñas: há sempre serviços para ocupar braços em épocas de faltas das da cultura arvense do sequeiro. O arroz paga muitas jornadas e a cortiça e outros serviços dos montados também absorvem muita mão de obra, relativamente bem paga.

Para utilização colectiva consideramos do maior interesse a existência de uma debulhadora, que podia ser adquirida pelo Grémio da Lavoura; a dificuldade reside em o Grémio conseguir fundos para a sua aquisição.

Presentemente tem para servir os associados um pulverizador de pressão e um tractor, munido das alfaias mais usuais. É um grande benefício para os agricultores que não estão em condições financeiras de adquirir máquina que ainda importa algumas dezenas de centos.

#### D - Doenças e pragas

Não vimos, nem consta que existam, algumas doenças ou pragas que, pela frequência dos seus ataques ou pela sua localização, se possam considerar como características da região.

As pragas mais importantes pelo volume dos seus prejuizes ou cuidados que requerem são a mosca da azeitona (*Dacus oleae*), a mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*), o bichado (*Carpocapsus pomonella*), os afídeos verdes e pretos, as cochonilhas, a formiga argentina e as Octónias.

A mosca da azeitona tem anos de causar prejuízos de vulto, principalmente por tornar os azeites de inferior qualidade; a mosca do Mediterrâneo está a tomar grande desenvolvimento atacando, por assim dizer, todos os frutos; na freguesia de Melides, sobre tudo, a laranja está a sofrer imenso com esta praga, que faz cair parte importante da produção. A laranja da Baía é a mais atacada, possivelmente devido à época em que aparece.

O bichado não poupa a maçã e a para, é praga vulgar.

Os afídeos, devido à sua notável polifagia, encontram-se em quase todas as espécies mas causam prejuízos principalmente nas que possuem fraco grau de resistência e que, pela sua natureza, não permitem tratamento económico; a faveira, por exemplo é das suas grandes vítimas e influi bastante, por vezes, no próprio resultado da cultura.

As cochonilhas fazem sentir sobretudo os seus perniciosos efeitos na laranjeira e plantas afins; são a vírgula e a pinta amarela as mais espalhadas.

As laranjeiras também são atacadas pelo conhecido aranhico vermelho.

A formiga argentina é incontestavelmente a praga mais difundida, pois tanto se encontra em pleno campo, como nos centros urbanos; chega a ser verdadeiro flagelo, até pelo que incomoda os animais e os próprios seres humanos.

As cetónias só aparecem nalguns anos e pouco ou nada preju-

dicam, ainda que cheguem a assustar os lavradores.

São poucos os que dedicam ao combate às pragas a devida atenção; pode mesmo dizer-se que neste campo o atraso é considerável pois que, com exceção de poucos que procuram defender os seus pomares de laranjeiras dos daninhos insectos, ninguém mais se preocupa com o assunto.

As doenças mais importantes são as alforras dos cereais e da faveira, o mildio e o oidio da videira, o aguado e a fumagina das laranjeiras e a tuberculose da oliveira.

As alforras constituem, sem dúvida, o pior flagelo do lavrador, ocasionando graves desastres nos trigois e nos favais.

O mildio e o oidio da videira são doenças muito difundidas, mas também das poucas com que o agricultor se preocupa a valer, quer fazendo tratamentos preventivos, quer curativos.

O aguado e a fumagina são relativamente frequentes nas laranjeiras e fruteiras afins. Um ou outro pomareiro já se preocupa com o tratamento, ainda que nem sempre o faça na melhor oportunidade.

A tuberculose da oliveira faz maiores estragos nos olivais de várzea.



Parece-nos que enquanto a assistência técnica à Lavoura não for feita à base do agrónomo municipal, trabalhando em íntima colaboração com o Grémio da Lavoura, seria de alta vantagem a existência de um Posto de Sanidade Vegetal, com sede no Grémio local e tendo uma espécie de delegação em Melides, onde se encontrariam sempre em depósito alguns insecticidas e fungicidas dos mais empregados, assim como pelo menos um pulverizador. A frente do Posto estaria um prático agrícola e, um dia por semana viria um técnico da Brigada de Setúbal prestar a assistência e verificar o que se tinha feito na sua ausência. Isto é o mínimo que se pode exigir para se poder dizer que a Lavoura é assistida.

É claro que os técnicos não se limitariam a tratar de assuntos de fito-sanidade.

### E - Indústrias serícolas

#### a) - Oleícola

Em nosso entender esta indústria não atingiu ainda o grande desenvolvimento normal em comparação com o que se passa noutras concelhos, de menores possibilidades.

Existem 9 lagares industriais, em que um deles ainda possui prensa de parafuso e que hoje não tem justificação; os restantes não podem classificar-se de unidades industriais bem

apetrechadas, pois não dispõem sequer de uma única prensa de cinchos! No total há 16 prensas, sendo 15 de ceiras e uma de parafuso.

O azeite produzido é de rasoável qualidade, sendo as freguesias de maior produção as de Grândola e Santa Margarida da Serra.

As contra-safras são escentuadas, como é normal em todo o litoral do Continente.

Podem classificar-se como pequenos produtores os que não ultrapassam a produção média anual de 200 litros, médios de 200 a 2.000 litros e grandes os de mais de 2.000 litros.

O quadro XVII mostra-nos em síntese o que é a indústria oleícola no concelho de Grândola.

#### b) - Vinícola

Encontra-se esta indústria em decadência, o que aliás sucede noutras concelhos que não têm tido quem saiba ou possa defendê-la e acutelar devidamente os seus interesses.

## Quadro XVII

## Produções médias de 1942/47

Lagares	Azeitona laborada	Azeite colhido
Antigos	29.721 Kg.	4.219 L.
Modernos	<u>619.701</u> "	<u>101.227</u> "
Total	649.422 "	105.446 "

## Lagares existentes

	Antigos	Modernos	Total
Industriais	<u>1</u>	<u>8</u>	
Total	1	8	9

## Prenses

	Antigas	Modernas	Total no concelho
Parafuso	1		
Ceiras		15	
Total			<u>16</u>
Capac. de labor. total em 12 horas	100 Kg.	4.500 Kg.	4.600 Kg.
Capac. de labor. total em 50 dias	5.000 Kg.	225.000 Kg.	230.000 Kg.

Contudo, os vinhos da região não são maus, destacando-se os das areias de Melides, de elevada graduação alcoólica e bem apaladados.

As freguesias onde a cultura da vinha apresenta maior desenvolvimento são as de Grândola e Melides; na primeira existe vinha em consecução com olival, tendo as oliveiras, que foram plantadas depois da vinha, ganho imenso com isso, devido aos amanhecos da vinha. É notória a diferença entre as oliveiras plantadas em terra campa e as que são em terra de vinha; as últimas aparecem, por vezes, quase o dobro da idade.

As vinhas são quase todas pequenas, sendo por consequência elevado o número de pequenos vinicultores - mais de 80% do total. Grandes vinicultores apenas existem dois.

Emprega-se vazilhame de madeira e o vinho é fabricado pelo antigo sistema regional, fazendo-se o esmagamento da uva a pé.

#### c) - Indústrias derivadas da fruta

Não existem nem nos parece possível, pelo menos nos anos mais próximos.

#### d) - Indústrias derivadas dos produtos hortícolas

Não existe indústria cuja matéria prima sejam os produtos hortícolas, que aliás não se cultivam em quantidade suficiente que com esse objectivo possam ser utilizados.

### e)- Apicultura

Apesar de não ter no concelho desenvolvimento equiparado ao que se verifica no concelho de Alcácer do Sal, ainda apresenta importância considerável.

A produção média anual de mel regula pelas 10 toneladas.

Explora-se em colmeias e cortiços, sendo aquelas 80% de total. O número de colmeias móveis tem aumentado muito nos últimos 25 anos.

Existem alguns colmeais razoavelmente montados e com elevado número de unidades, à roda de 100.

Produções médias anuais:

cortiços - 5 a 8 Kg. de mel (raramente 10)

1 a 2 Kg. de cera

colmeias - 12 a 15 Kg. (e mais).

As plantas melíferas ainda abundam nas grandes áreas de charneca existentes que, de modo geral, estão cobertas de mato; as principais são o alecrim, o tejo, o rosmaninho, o mato branco, encontrando-se também o cardo narciso e a tágula.

Pratica-se a transumância para aproveitar as diferentes épocas de floração que, mesmo dentro do próprio concelho, têm as várias espécies e variedades de plantas.

De modo geral a apicultura encontra boas condições para progredir, principalmente para os lados da Comporta, onde há muito mato e também na alguma locais da Serra de Grândola, que dá o melhor mel.

Do mel produzido as maiores quantidades destinam-se à exportação para o mercado interno, sendo o principal cliente o mercado de Lisboa.

Há certa dificuldade em colocar o mel, que tem tido nos últimos anos o preço médio por quilograma de 11\$00 a 12\$00.

O fomento desta indústria depende, pois, da colocação do produto.

Os principais inimigos das abelhas são o homem, os ratos, os abelharuces e as formigas.

Deviam ser severamente reprimidos os assaltos aos colmeais.

#### f)-Indústrias agrícolas de carácter familiar

Se alguma existe tem tão pequena projecção que podemos dizer sem receio, não ter interesse. Em tempos reuados a fiação de linho chegou a ocupar um lugar de relevo; como deixou de cultivar-se, a indústria familiar desapareceu, há uns 40 anos.

#### g)-Sericicultura

Hoje nada existe e não há memória desta indústria ter tido alguma vez interesse.

A título informativo diremos que as poucas amoreiras que vimos apresentam bom desenvolvimento.

### h) Outras indústrias

As indústrias de que vamos tratar não são considerados propriamente indústrias agrícolas, mas tão ligadas se encontram à agricultura que achamos de interesse fazer-lhe ligeira referência.

Carpintarias de carros existem dez, sete em Grândola, duas em Melides e uma na Azinheira dos Barros; nestas oficinas são confeccionados e arranjados os carros alentejanos, assim como algumas alfaias mais rudimentares.

O número de fábricas de cortiça é elevado, uns vinte seis, quase todas na sede do concelho, com exceção de uma em Santa Margarida da Serra; pena é que parte delas se limite a pequenas operações de manufatura, pois de contrário podia ficar aqui mais elevado número de salários.

Há uma serração de madeira em Grândola, onde existe também uma casa que confecciona artigos de vime e verga.

O número de moegens é de duas, ambas em Grândola, havendo quinze moinhos e nove azenhas. Os moinhos são quatro na freguesia de Grândola, oito na de Melides, um em Santa Margarida da Serra e dois na de Azinheira dos Barros; e as azenhas ficam duas na de Melides, quatro na dos Barros, uma em Grândola e outra na de Santa Margarida. Os moinhos e as azenhas ainda prestam hoje bons serviços às populações rurais.

Existem dois descassques de arroz, um em Grândola e outro em Melides.

Fabricantes de louça de barro há seis e fornos de telha e tijolo há uns doze.

Oficinas de ferrador existem cinco e os albardeiros são três.

Do que fica dito, e é possível que haja algumas omissões, pode concluir-se que no concelho as indústrias que vivem paralelas meias com a agricultura desempenham um importante papel na economia local.

#### F - Quantidades e valores

##### a)-Generalidades

Conforme nos mostra o quadro XVIII o concelho tem uns bons efectivos pecuários ocupando boa posição no distrito.

Quadro XVIII  
Efectivos pecuários em 1940

Espécies	Efectivos em 1940	Posição no distrito	Observações
Equinos	431	IV	a) - Elementos colhidos no Boletim Pecuário - - nº 1 - Ano XIII - - 1945
Muares	952	II	
Asininos	777	IV	
Bovinos	2.591	-	b) - O número de manifestantes foi de 1.891
Ovinos	16.050	III	c) - Dos bovinos, 2.448 são de trabalho e 143 produtores de leite. Nos bovinos de trabalho o concelho ocupa o 3º lugar no distrito e nos produtores de leite o 12º.
Caprinos	5.999	II	
Suínos	9.559	IV	
Galináceos	14.625	IV	
Patos	337	X	
Perús	700	IV	
Pombos	1.262	IX	
Coelhos	4.722	IV	

Apenas três espécies se encontram em declínio e as causas, pelo menos para duas delas, são fáceis de encontrar.

Os equinos, como sucede praticamente em todo o país, vêm os seus efectivos diminuídos, visto o cavalo ter deixado de ser um animal indispensável à lavoura, como sucedia em tempos ainda não muito recuados. Os modernos "jeeps" e outros transportes motorizados vieram relegar o cavalo para plano muito secundário. Por outro lado as forças armadas também já deixaram de o comprar em grandes quantidades, além de que muitas vezes recorrem aos cavalos estrangeiros.

A Serra de Grandola antes do inicio da arroteia era, por assim dizer, um paraíso de gado caprino. Logo que o homem, nas últimas décadas, começou na sua faina de livrar o montado de sobre da vizinhança do mato ou de procurar limpar terras para a cultura cerealífera, a cabra começou a ser substituída pela ovelha, animal mais exigente e de maior valor.

A variedade característica da Serra, de cor avermelhada, pêlo curto e cornos quase verticais, está a desaparecer, substituída por produtos do cruzamento com a granadina, que melhor se adaptam a terrenos já arroteados.

O gado muar continua a ver aumentados os seus efectivos e a prestar à lavoura óptimos serviços; logo que começa a trabalhar vive estabulado.

O gado bovino pertence em grande parte à sub-raça alentejana, sendo criado em manadas nas grandes explorações; também é aproveitado em trabalhos de lavoura, vivendo então estabulado ou semi-estabulado.

Né quem tenha manadas de gado alentejano cruzado com gado bravo e mertolongo.

Os bovinos leiteiros são de raça turina, havendo alguns cruzamentos com holandês.

A ovelha veio em grande parte ocupar na serra o lugar da cabra e a tendência é para serem aumentados os seus efectivos.

Uma das riquezas do concelho é o gado suíno, todo ele de

raça alentejana, cuja precocidade é bem conhecida, assim como a rijeza de pernas e unhas, que lhe permite grandes caminhadas em terrenos difíceis, mesmo quando as arrobas já lhe pesam. São muito e bom toucinho, de grande valor alimentar e apreciado em alto grau pelo rural da região.

Além do porco engordado nos montados e subsidiariamente a milho ou outros cereais, há também o chamado porco de chiqueiro, criado com restos, pela gente de poucos meios, e depois engordado com milho, cevada, abóboras, figo e batata doce.

Nos últimos cinco anos foram manifestados no Grémio da Loura os seguintes porcos de montanheira:

Quadro XIX

Anos	Manifestos	Porcos
1945/46	10	255
1946/47	29	1.168
1947/48	9	443
1948/49	12	586
1949/50	66	4.135

É um concelho onde a caça indígena ainda abunda, principalmente a perdiz e o coelho.

No inverno aparecem em bandos os pombos bravos, tão numerosos que chegam a ocasionar grandes prejuízos nos montados de

sobre o azinho, pelas grandes quantidades de lorde e bolota que comem. Contudo devem ter sido estes pombos os grandes disseminadores do montado em toda a região.

Tanto na serra como na charneca ainda se encontram alguns animais bravios, como a raposa, o gato bravo e o lince.

Em 1932 foi feito o inventário das árvores de fruto do país, tendo sido encontradas no concelho de Grândola as que constam do quadro XX.

Já lá vão quase vinte anos e em tão grande lapso de tempo muita coisa se modificou, não tanto como à primeira vista pode parecer. Se em vinte anos se plantou muita árvore, o que não nos restam dúvidas, pelo que nos foi dado observar concluimos que se devem manter as mesmas diferenças entre as várias espécies, isto é, a laranjeira continua a ser a fruteira preferida, seguindo-se a figueira, a pereira e a macieira.

Não nos referimos à oliveira por ser uma árvore de fruto de características especiais e cuja plantação se faz sempre num ritmo mais elevado.

Em 1948/49 foi feito o inventário dos citrinos, que damos no quadro XXI. De então para cá, principalmente no que respeita a laranjeiras, bastantes mais se plantaram.

Quadro XX  
Fruteiras inventariadas em 1932

Espécies	Quantidades		
	Plena pro- dução	Novas e pou- co produtí- vas	Total
Oliveiras	42.730	22.900	65.630
Macieiras	2.390	3.150	5.520
Pereiras	3.680	2.410	6.290
Laranjeiras	4.160	4.000	8.160
Limoeiros	310	420	730
Tangerineiras	140	580	720
Ameixeiras	1.500	1.610	3.110
Damasqueiros	210	350	560
Pessegueiros	670	970	1.640
Cerejeiras	40	120	160
Figueiras	4.280	3.120	7.400
Aveleiras	10	50	60
Nogueiras	130	120	250
Amendoeiras	90	110	200
Não descremadas	2.860	3.350	6.190
Total			106.620

## Quadro XXI

Citrinos inventariados em 1948/49

Espécies	Quantidades			
	Plana produ- ção	Novas	Velhas	Total
Laranjeiras	5.151	3.855	820	9.826
Tangerineiros	395	245	36	676
Limoeiros	372	107	22	501
Outras	-	-	3	3
	Total			11.006

## b)-Quantidades unitárias de semente

Está um pouco arreigada a idéia, até entre alguns técnicos, de que as quantidades unitárias de semente são muito variáveis com a natureza dos solos ou com a cultura ser feita em terra campa ou sob coberto; nada menos verdadeiro pois as diferenças dependem muito mais do critério do lavrador ou até de quem semeia do que doutro motivo.

Com esta ressalva, que reputamos importante e necessária, vamos indicar as quantidades unitárias de semente que se nos afiguram mais correntes:

Arroz ...	{	sementeira directa	80 a 120 Kg.
		(viveiros (para plantação))	1.000 a 1.400 Kg.

	{ na charneca	80 Kgs.
Trigo	{ na serra	80 "
	{ nas várzeas e terras fortes	100 a 120 Kgs.
Cevada		120 L.
Aveia		120 L.
Centeio		60 Kgs.
Fava		100 a 220 L.
Grão de bico		50 L.
Milho		15 a 30 L.
Batata		1.500 Kgs.
Feijão frade		50 L.

Como dissémos trata-se de números médios, de que alguns se afastam, sem saberem bem porquê.

#### c)-Produções unitárias

A Lavoura costuma avaliar as produções das suas sementes pelo número de sementes; este método de avaliação conduz a erros, por vezes, bem grosseiros.

Não é raro haver quem tenha elevado número de sementes e que não impede ser no mesmo tempo das pessoas com mais baixas produções unitárias. Para se conseguirem muitas sementes basta, em muitos casos, ter semeado raro. É o que fazem alguns dos que continuam a semear os modernos trigos italianos, de pouco afi-

lhamento, como se se tratasse de trigos de grande afilhamento. Obtém, assim, número de sementes capaz de deslumbrar os que vivem de ilusões, mas que, afinal, representam uma produção pouco menos do que miserável.

O quadro XXII mostra as produções em sementes que vulgarmente se registam no concelho (os números registados representam médias):

Quadro XXII

Culturas	Número de sementes:		
	Máximo	Mínimo	Médios (anos normais)
Arroz	70	35	50
Trigo	15	5	8
Ceveda	12	5	8 a 10
Aveia	10	4	6
Centeio	12	6	7 a 8
Fava	10	3	6 a 7
Grão	15	8	10 a 11

Da análise do quadro XXII conclui-se ser o arroz a melhor semente, ainda que dando produções médias ligeiramente inferiores às do vizinho concelho de Alcácer do Sal, e que deve ser devido às pequenas lavras dos barrancos, que dão produções baixas, por serem pouco cuidadas.

- As produções unitárias médias são aquelas que verdadeiramente interessam e às quais o lavrador deve habituar-se, pois enquanto tal não suceder arrisca-se a viver de ilusões, que lhe podem causar aborrecimentos e dissabores.

- A seara de arroz é aqui, como aliás sucede em Alcâcer, a melhor defesa da Lavoura, quando há o cuidado de não semear arroz sem prévio conhecimento das disponibilidades de água; as produções vão dos 3 aos 7.000 quilogramas, podendo talvez considerar-se como média de concelho os 4.500 a 5.000 quilogramas.

- O trigo não é uma seara certa e depende em alto grau da maneira como o tempo corre durante o seu ciclo vegetativo; as geadas de Fevereiro são-lhe benéficas, o mesmo sucedendo com as chuvas de Abril; já os grandes calores, na altura da granação, ou as chuvas prolongadas, nos primeiros tempos de vida, podem liquidar por completo qualquer seara.

Na charneca só produz alguma coisa de jeito se o ano corre húmido, mas mesmo assim não se podem contar com produções médias que se afastem muito dos 300 a 500 Kgs. por hectare.

Nas terras de xisto conseguem-se às vezes produções um pouco maiores, da ordem dos 600 a 700 quilogramas.

Nas terras fortes de algumas várzeas chegam a obter-se sãras de 1.000 e 1.200 quilogramas.

- A cevada nas terras delgadas - xisto e arcias do pliocénico - produz à volta dos 500 L. e nas terras fortes chega a ul-

trapassar os 1.200 L.; mas nestas pouco se usa.

- A aveia dá produções médias de 600 a 700 litros.

- O centeio, cultura típica da charneca, produz em média 300 Kg. por hectare.

- Só muito raramente se semeia fava em terras que não sejam fortes, onde se conseguem obter de 600 a 1.500 litros por unidade de superfície.

- O grão também só vai bem nas terras fortes, sendo sempre seara mais certa do que a da fava e dá produções médias de 600 a 700 litros.

- O milho varia muito conforme se trata de sequeiro ou de regadio. O primeiro pode produzir 400 ou 500 L. e no segundo, principalmente se híbrido, já se atingem os 3.000 ou 4.000 litros.

- A batata de sequeiro produz em regra de 6.000 a 7.000 Kg. e a de regadio 12.000 a 15.000 quilogramas.

- Segundo informações colhidas a vinha entra em plena produção aos 3 anos; as produções médias por cepa são muito variáveis, conforme se trata de cepas em terras de areia ou de alguma baixa fresca. As primeiras dão produções da ordem dos 0,5 L., e as segundas chegam a atingir 1 litro.

- Uma laranjeira entra em plena produção dos 12 para os 15 anos, altura em que pode dar uns 800 a 1.000 frutos.

- A oliveira nas terras fracas atinge a plena produção aos 35 anos e nas terras fortes aos 25. No primeiro caso a produção média anual deve andar por 0,5 L. e no segundo por 2 a 3 litros.

#### d) - Equivalência das medidas concelhias

O sistema métrico decimal é hoje adoptado por toda a população, sendo pouco usual ouvir referências às antigas medidas concelhias; no entanto, ainda há uma ou outra que não desapareceu por completo, principalmente por causa do pagamento de foros e rendas antigas.

Alqueire de cereais, legumes e batata 14,540 L.

Alqueire de azeite 9,660 "

Almude de vinho ou vinagre 19,320 "

Arroba 15 Kg.

Saco 6 alqueires

Moio 10 sacos

Jeira  $\frac{1}{3}$  de hectare

Moio de terra 10 hectares

### III - PRODUÇÃO E CONSUMO

#### A - Produções que o concelho consome e não produz

Não há nenhum género agrícola vulgar que o concelho consome e não produza.

#### B - Produções locais em quantidade insuficiente

Consome mais do que produz, vinho, azeite, fava, grão, milho e algumas frutas.

As produções de vinho nos últimos quatro anos são as que constam do quadro XXIII, elaborado com elementos extraídos dos manifestos da Junta Nacional do Vinho, bastante aproximados dos indicados pelo Instituto Nacional de Estatística.

O milho importado é quase sempre colonial e destina-se à engorda do gado suíno; a produção local é da ordem dos 250.000 E., com tendência para aumentar.

**Quadro XXIII**

**Vinho produzido no concelho**

Anos	Manifestos	Produção
1947	147	274.518
1948	89	97.883
1949	85	113.256
1950	95	167.280

### C - Produções em excesso

Os principais géneros agrícolas que o concelho produz em quantidades superiores às suas necessidades e que, portanto, exporta para os mercados interno e externo são: o arroz, o trigo, a aveia, a cevada, o centeio e o feijão.

O concelho está a produzir mais de 3 milhões de quilogramas de arroz, com tendência para aumentar, devendo talvez no ano corrente ultrapassar bastante os 4 milhões; o consumo local é insignificante.

As produções de trigo nos últimos seis anos são as que constam do quadro XXIV organizado com elementos extraídos dos manifestos da P. E. dos Produtores de Trigo.

**Quadro XXIV**  
**Produção de trigo**

Anos	Manifestos	Em quilogramas		
		Mole	Rijo	Total
1945	1.891	2.287.685	139.235	2.426.920
1946	1.895	2.624.844	136.254	2.761.098
1947	1.599	2.171.800	68.011	2.239.811
1948	1.552	1.790.846	130.063	1.920.909
1949	1.625	2.370.275	184.509	2.554.784
1950	1.636	2.800.000	350.000	3.150.000

O quadro XXV mostra as quantidades de trigo vendidas pela Iavoura nos últimos seis anos; os últimos dois quadros mostram que os trigos moles se cultivam em muito maior escala dos que os rijos.

A freguesia que mais trigo produz é a de Grândola, seguindo-se as de Azinheira dos Barros, Melides e Santa Margarida da Serra.

Quadro XXV  
Trigo destinado à venda

Anos	Em quilogramas:		
	Mole	Rijo	Total
1945	764.019	29.686	793.705
1946	960.722	30.593	991.315
1947	671.872	6.132	678.000
1948	469.397	28.451	497.828
1949	935.811	57.862	993.673
1950	988.934	86.826	1.075.760

Os trigos do concelho têm bom específico: em média, tanto para os moles como para os rijos, é superior a 81.

A produção de aveia é muito importante, entre 5 e 6 milhões de litros; apesar do consumo no concelho ser elevado, visto tratar-se da base das rações do gado muar, ainda se exportam 2 a 3 milhões de litros.

De cevada a produção é bastante inferior à da aveia, cerca de 1 milhão e meio de litros.

Quadro XXVI

Centoio manifestado na F. N. P. Trigo

Anos	Manifestos	Produção	Venda
1945	438	189.610 Kg.	59.374 Kg.
1946	515	311.582 "	143.463 "

Quadro XXVII

Milho manifestado na F. N. P. Trigo

Anos	Manifestos	Produção	Venda
1944	553	197.523 Kg.	22.732 Kg.
1945	304	72.464 "	20.856 "
1946	543	174.771 "	50.353 "

Quadro XXVIII

Cevada manifestado na F. N. P. Trigo

Anos	Manifestos	Produção	Venda
1944	373	273.986 Kg.	20.644 Kg.
1945	348	314.719 "	3.256 "

Não se produz muito centeio, mas o consumo também não é grande; a produção média deve andar pelos 250.000 quilogramas.

De feijão o concelho exporta bastante pois tem uma boa produção, principalmente a freguesia de Melides; a produção anual chega a ser superior aos 100.000 litros.

#### D - Produtos e artigos importados, necessários à indústria agrícola

No que diz respeito a máquinas e alfaizes o concelho importa tudo ou quase tudo, pois além de algum arado - já pouco usado - ou das grades de madeira, nada mais produz a indústria local.

De adubos também tudo se importa, sendo os mais empregados o superfosfato, o sulfato de amónio e o nitrato de sódio.

Tanto fungicidas como insecticidas são importados: o volume da importações dos primeiros é muito superior.

Os fungicidas que a Lavoura mais consome são o sulfato de cobre e o enxófre; em insecticidas são, por enquanto, os à base de D.D.T..

#### IV - COMÉRCIO DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS

##### A - Modalidades

- Entre a produção agrícola propriamente dita ocupa o arroz o primeiro lugar; ora este cereal é transaccionado através da Comissão Reguladora do Comércio do Arroz e a Lavoura mostra-se satisfeita, até pelo preço do género, que ninguém deixa de considerar compensador.

- O trigo é transaccionado através da F. N. dos Produtores de Trigo, que também tem servido bem a Lavoura, que apenas não pode estar satisfeita com o preço que recebe.

A Federação também tem interferido no comércio das cevadas, centeio e milho, sempre com vantagem para a Lavoura. Estes cereais, bem como a aveia e as leguminosas arvenses são, no entanto, normalmente transaccionados no mercado livre. A Lavoura faz vendas directas aos armazénistas do concelho ou, então, a comissários de armazénistas de fora.

Existem no concelho 17 armazénistas de cereais, sendo 16 em Grândola e 1 em Melides.

- A laranja é vendida no ramo, na árvore, a laranjeiros de Lisboa e as vendas começam em princípios de Janeiro; no acto de fechar o negócio o comprador dá um sinal, acabando de pagar na altura de levantar da propriedade o último cabeçalho de fruta.

A laranja aqui vende-se em melhores condições do que em concelhos de mais fama, como por exemplo no da Vidigueira, e em que chegam a fazer transacções sobre a flor, tornando o negócio num verdadeiro jogo de lotaria.

- A restante fruta e produtos hortícolas, quando sobram dos gastos das casas agrícolas são vendidas no Mercado Municipal, ou numa das oito casas de venda de fruta e produtos hortícolas que se encontram na vila de Grândola.

- O vinho, em numerosos, casos é transaccionado directamente entre o produtor e o retalhista, isto é, o taberneiro, que faz gala em dizer que vende no seu estabelecimento vinho da lava-  
vra de determinado ou determinados lavradores.

- A cortiça é quase sempre vendida depois de tirada e, mes-  
mo quando são feitas vendas antecipadas, o lavrador faz a despe-  
sa por sua conta; na altura de fechar o negócio o comprador dá  
um sinal, acabando de pagar depois da cortiça pesada.

- O lavrador costuma transaccionar os seus gados nas fei-  
ras e mercados.

Em Grândola realizam-se mercados mensais todas as segun-  
das feiras, mais ou menos concorridos conforme as épocas do ano.

No sede do concelho faz-se a Feira de Abril, nos dias 28 e 29 de Abril; no último domingo de Agosto e dois dias seguin-  
tes realiza-se a mais importante, a Feira de Agosto, onde é tra-

dição fizerem-se as últimas vendas de cortiça na região.

Nas freguesias de Azinheira dos Barros, Melides e Santa Margarida da Serra realizam-se feiras respectivamente em 25 e 26 de Setembro, 26 e 27 de Novembro e 5 de Agosto.

É na Feira de Agosto, em Grândola, que os levradores adquirem as juntas de bovinos ou as parelhas de muares para os serviços de lavoura e que vão substituir os bois velhos ou as parelhas consideradas incapazes.

Também interessam ao concelho as feiras que se realizam em Beja, Évora, Ferreira do Alentejo, Alcácer do Sal, Torrão, Abela e Viana do Alentejo.

E vamos finalizar este assunto com a apresentação do quadro XXIX, organizado com elementos colhidos na Estiva Canarária:

Quadro XXXIX  
Preços da Estiva Camerária

Anos	Trigo 10 L.	Centeio 10 L.	Cevada 10 L.	Aveia 10 L.	Milho 10 L.	Fava 10 L.	Feijão frade 10 L.	Cortiça 15 Kg.	Azeite 10 L.	Vinho 10 L.	Carne de porco 15 Kg.	Arroz em bra- vas 15 Kg.
1885	\$30	\$18	\$26	\$12	\$24	\$26	\$30	\$60	1820	\$50	3600	1800
1895	\$42	\$25	\$21	\$14	\$24	\$28	\$20	\$50	1820	\$60	2680	1800
1900	\$50	\$35	\$24	\$16	\$34	\$33	\$40	\$60	1840	\$50	3820	1820
1910	\$47	\$24	\$22	\$16	\$30	\$35	\$40	\$50	2880	\$55	1830	3840
1914	\$47	\$30	\$25	\$22	\$28	\$34	\$35	\$54	1860	\$60	3860	1850
1918	1860	1810	895	885	1815	1880	1840	\$50	7820	1880	14800	6330
1922	5850	4800	2850	2800	3800	4800	3850	1815	40800	10800	60800	20800
1925	10800	5850	3800	2800	5800	5800	6800	2800	40800	10800	70800	20800
1929	12800	6850	6800	5800	7800	11800	7850	15800	79800	18800	120800	30800
1932	11800	6850	4800	3800	6800	7850	12800	9800	55800	10800	80800	36800
1937	10800	4850	4800	3800	6800	6800	8800	20800	60800	15800	80800	38800
1939	11800	4850	5800	3825	6850	8800	8800	12800	50800	10800	70800	35800
1944	16800	9800	10800	7800	11800	20800	15800	20800	80800	20800	142800	55800
1945	16800	9800	12800	9800	12800	30800	20800	25800	80800	22800	205800	65800
1948	17800	10800	12800	8800	15800	15800	20800	30800	90800	30800	220800	70800
1950	17800	10800	11800	7800	15800	15800	20800	28800	90800	30800	200800	70800

### B - Mercados de destino e suas tendências

- Os produtos agrícolas não consumidos no concelho destinam-se ao mercado interno; só excepcionalmente algum vai para os mercados externos.

A tendência geral actual no mercado dos géneros agrícolas é para maior exigência no que se refere à qualidade.

Alguns desses géneros, como a fava e a aveia, têm por vezes dificuldade de venda, pela diminuição que se deu nos efectivos de gado muar e cavalar, os consumidores, por excelência, de qualquer deles.

Quanto a frutas e produtos hortícolas cada vez são maiores as exigências quanto à qualidade e a sua procura também é cada vez maior.

- Os produtos florestais, nomeadamente a cortiça, primeira riqueza do concelho, destinam-se aos mercados externos, gostando a da Serra de Grândola de autêntica fama.

Com a cortiça, ao contrário do que sucede com os géneros agrícolas, as exigências quanto a qualidade têm diminuído, o que deve derivar do facto de se destinar à indústria dos aglomerados.

- Os gados destinam-se ao mercado interno, saindo do concelho grande quantidade de porcos, para alimentar a indústria de salsicharia da margem esquerda do Tejo.

No concelho laboram oito pequenas salsicharias, de tipo familiar.

#### C - Acção dos organismos associativos

Existe um Grémio da Lavoura, fundado em 1 de Agosto de 1940, que tinha, em 31 de Dezembro de 1950, 1.126 associados.

Pela consulta do quadro XXX verifica-se que o número de associados dos escalões mais baixos é muito elevado: só os que pagam quotas de 6\$00 e 12\$00 são 64% do total!

A quotização emitida em 1950 foi de Esc. 55.730\$00, havendo um certo espírito associativo entre os lavradores mais conscientes; até na própria direcção do Grémio encontrámos quem acreditasse na Organização Corporativa!

Há facilidade na cobrança das quotas, não sendo necessário o emprego dos meios coercitivos.

O Grémio tem desempenhado o papel de regulador de preços e é um dos grandes fornecedores da Lavoura em adubos, ferragens, fungicidas e insecticidas; em adubos deve vender 70% dos consumidos no concelho, os restantes são fornecidos pelos sete estabelecimentos que negoceiam na mercadoria, situados quatro em Grândola, um na Azinheira dos Barros, um em Melides e um em Santa Margarida da Serra.

Quadro XXX

## Associados do Grémio da Lavoura

Escalão	Nº. de associados	Escalão	Nº. de associados	Escalão	Nº. de associados
6\$00	417	156\$00	8	396\$00	1
12\$00	317	162\$00	1	400\$00	2
18\$00	56	168\$00	2	420\$00	1
24\$00	50	174\$00	2	438\$00	1
30\$00	41	180\$00	2	465\$00	1
36\$00	29	186\$00	4	468\$00	1
42\$00	21	192\$00	4	492\$00	1
48\$00	9	198\$00	1	510\$00	1
54\$00	8	204\$00	1	522\$00	1
60\$00	20	210\$00	4	534\$00	1
66\$00	7	222\$00	3	546\$00	2
72\$00	12	228\$00	1	570\$00	1
78\$00	3	240\$00	2	612\$00	1
84\$00	3	246\$00	1	642\$00	1
90\$00	5	252\$00	1	672\$00	1
96\$00	9	258\$00	2	684\$00	1
102\$00	5	282\$00	1	696\$00	1
108\$00	2	292\$00	1	786\$00	1
114\$00	5	318\$00	1	888\$00	1
120\$00	6	330\$00	3	1.050\$00	1
126\$00	3	336\$00	2	1.170\$00	1
132\$00	2	354\$00	2	1.200\$00	6
138\$00	4	360\$00	2	-	-
144\$00	1	366\$00	1	-	-
150\$00	5	372\$00	3	-	-
156\$00	1	390\$00	1	-	-

Quadro XXXI

Anos	Valor dos fornecimentos	Lucro
1947	1.144.359\$98	28.127\$50
1948	1.581.552\$85	34.051\$892
1949	1.273.467\$75	30.107\$22
1950	1.213.570\$80	35.947\$79

Da ferragens o Grémio fornece à Lavoura 30% de seu consumo.

Os principais adubos gastos no concelho são o superfosfato de 12 e 18%, o sulfato de amónio e o nitrato de sódio.

Em ferragens o maior consumo é de ferros para charruas.

O Grémio não se tem limitado a desempenhar funções comerciais. Assim, tem feito a concentração de lãs entregues pelos associados, numa média de 400 arrobas por ano; tem dado a sua colaboração a cursos para habilitar pessoal especializado, a fim de não faltar à Lavoura quem possa servi-la capazmente; tem dado toda a colaboração indispensável aos Organismos Corporativos de grau superior e aos de Coordenação Económica, assim como à Brigada Técnica da Região, e tem-se interessado de maneira efectiva pela defesa dos legítimos interesses da Lavoura. Em suma, procura cumprir da melhor maneira com o que mandam os seus Estatutos, o que não sucede com alguns dos seus pares.

Quadro XXXII

Mercadorias fornecidas pelo Grémio à Lavoura

1947

	Quan- ti- da- de Ton.	Vale- res (Centos)
Adubos	13,	730,
Fungicidas	-	10,
Farinha para gado	18,	25,
Ferragens agrícolas	-	65,
Diversos	-	312,
Total		1.142,

Quadro XXXIII

Mercadorias fornecidas pelo Grémio à Lavoura

1948

	Quan- ti- da- de Ton.	Vale- res (Centos)
Adubos	1.266,	840,
Fungicidas	-	20,
Farinha para gado	24,	34,
Ferragens agrícolas	-	70,
Milho para porcos	240,	439,
Diversos	-	175,
Total		1.578

Quadro XXXIV

Mercadorias fornecidas pelo Grémio à Lavoura

1949

	Quan- ti- da- de Ton.	Vale- res (Centos)
Adubos	1.204,	759,
Fungicidas	-	37,
Farinha para gado	102,	140,
Ferragens agrícolas	-	79,
Aveia para gado	40,	86,
Diversos	-	170,
Total		1.271,

Quadro XXXV

Mercadorias fornecidas pelo Grémio à Lavoura

1950

	Quan- ti- da- de Ton.	Vale- res (Centos)
Adubos	1.440,	904,
Fungicidas	-	26,
Farinha para gado	39,	49,
Ferragens agrícolas	-	85,
Batata de semente	5,	14,
Milho para porcos	13,	27,
Diversos	-	105,
		1.211,

Também, através do Grémio, a Caixa Nacional de Crédito tem feito à Lavoura os empréstimos da Campanha do Trigo.

Em 1950 a C. N. Crédito começou a pôr dificuldades à Lavoura, mas o Grémio tomou então a importantíssima deliberação de fornecer aos agricultores, sem maiores encargos, os adubos necessários às suas sementes, liquidados com o produto da venda dos cereais. Esta medida, veio favorecer enormemente a Lavoura, principalmente a pequena e a média, as que presentemente lutam com maiores dificuldades.

Quadro XXXVI

**Empréstimos da Campanha do Trigo**

Anos	Número	Valor global
1945	133	300.000\$00
1946	152	950.000\$00
1947	191	990.000\$00
1948	215	1.150.000\$00
1949	196	1.078.000\$00
1950	170	631.029\$80 <sup>(1)</sup>

No concelho não funciona nenhuma Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, o que faz bastante falta.

(1) Este grande redução no valor global dos empréstimos foi devida a medidas restritivas impostas pela Caixa.

## V - TRABALHO AGRÍCOLA

A - Salários

Em todo ou quase todo o Alentejo o trabalhador rural, nomeadamente o jornaleiro, atravessa uma época de crise, que pode filiar-se nos inconvenientes da monocultura cerealifera e nos salários não terem acompanhado a subida dos preços dos géneros e do vestuário indispensáveis à vida das famílias rurais.

Trata-se de uma crise de ordem geral para o Alentejo mas que, felizmente no concelho, não apresenta a acuidade verificada noutras regiões da província; aqui, além da densidade populacional ser pequena, a variedade de culturas é grande e algumas, como a do arroz, ocupam numerosos braços.

Os salários, que em 1938/39, tinham um valor médio compreendido entre 10\$00 e 16\$00 subiram em 1944 para 16\$00 e 20\$00 e de então para cá têm-se mantido, embora se manifeste tendência para subirem, principalmente quando se trata de trabalhadores especializados; ainda no corrente ano os tiradores de cortiça estiveram a ganhar a jornal de 35\$00.

Para os trabalhadores não especializados os salários são mais altos na época das ceifas; nas sementeiras e debulhas são quase semelhantes, mas bastante inferiores aos das ceifas. Nos restantes meses do ano ainda são mais baixos.

No ano corrente, nas ceifas, a jornal variou entre os 24\$00

e os 25\$00 e na debulha veio para os 18\$00 e 20\$00. É natural que na altura da sementeira atinja o mesmo quantitativo, para depois baixar para os 16\$00.

Ultimamente, em todos os serviços que não sejam spanha da azeitona, mondas, ceifas e trabalhos relacionados com a cultura do arroz (plantação, monda e ceifa), as mulheres ganham, em regra, 8\$00; nos serviços enumerados chegam aos 15\$00 e mesmo 16\$00.

A grande Iavoura mantém ao seu serviço algum pessoal justo ao ano, cada vez menos, o que a nosso ver é inconveniente para ambas as partes: os laços que ligavam os membros da grande família rural quebram-se a pouco e pouco e, cada vez mais, o operário do campo se distancia do proprietário rural e se proletariza. Culpados? Parece-nos que ambos os sectores, cabendo as maiores responsabilidades aos que tendo mais elevado nível de vida e cultural deviam a todo o transe evitar que as coisas tomassem o pior caminho.

Hoje em dia apenas almocreves e maiorais de gado são contratados ao ano; o pessoal assim contratado costuma receber parte do salário em géneros e parte em dinheiro, o que dá, reduzido tudo a dinheiro, uns 16\$00 diários.

O horário de trabalho varia segundo as épocas do ano e até, por vezes, com as culturas.

No concelho é seguido o seguinte horário:

- da Feira de Agosto até 15 de Março - enregam<sup>(1)</sup> com maia

---

(1) Comecam.

hora de sol; uma hora de descanso ao almoço e outra ao jantar; largada ao sol posto.

- de 15 a 31 de Março - enregar com meia hora de sol; uma hora de descanso ao almoço e hora e meia de descanso ao jantar; largada ao sol posto.

- de 1 de Abril à Feira de Agosto - enregar com meia hora de sol; uma hora de descanso ao almoço e duas ao jantar; meia hora para a merenda; largada ao sol posto.

Nos trabalhos de arroz há uma pequena diferença em relação ao horário geral pois enregam sempre com uma hora de sol.

----- + -----

A alimentação do rural é à base da sopa de pão, a que dão o nome de acorda; tanto pode ser de alho, feita só com azeite, sal e alho, como de todos os outros caldos, inclusivé os de gordura de porco, cuja carne é a que tem maior consumo.

O bacalhau, nos locais onde só com dificuldade penetra o peixe fresco, consome-se bastante; o peixe, apesar de concelho ter 40 Km. de costa vem quase todo de Sines, Setúbal e Algarve.

Os legumes - grão e feijão - também se consomem em quantidade e a batata doce, principalmente na freguesia de Melides, é um dos alimentos preferidos pela população, que dela usa e abusa.

- sa, segundo informa o Sub-Delegado de Saúde:

As hortaliças começam a entrar nas refeições da população local, e que em parte se deve a terem-se fixado nos brejos famílias algarvias e nortenhas.

Os queijos de ovelha e de cabra, bem como as azeitonas, são usados nas merendas dos trabalhadores rurais, cuja alimentação, como se vê, tem por base os hidratos de carbono e as gorduras.

Em geral o trabalhador no verão usa fato de cotim e, no inverno, veste de saragoça, sendo as camisas de riscado; é raro vê-lo de casaco mas também será raro encontrá-lo sem colete. Calça botas de atanado, cardadas.

A roupa de fora das mulheres em regra é escura e algumas ainda se vêm com os tradicionais lenço e chaile.

#### B - Movimentos migratórios periódicos

Da freguesia de Melides saem todos os anos algumas centenas de pessoas, mais mulheres do que homens, para trabalhar nas lavras de arroz, não só do vizinho concelho de Alcácer do Sal, como outros, mais afastados. O pessoal que parte em procura de trabalho não é só de Melides, pois a freguesia de Grândola dá também os outros bairros da sua vizinhança.

bém um contingente apreciável.

O pessoal do concelho que mais relutância tem em ir trabalhar fóra é o das freguesias de Azinheira dos Barros e de Santa Margarida da Serra; deste última apenas meia dúzia de tiradores de cortiça se atrevem a ir até aos concelhos de Santiago de Cacém ou Alcácer do Sal.

Mas se algumas centenas de pessoas vão trabalhar fóra, também, por sua vez, aqui vêm ranchos de pessoal do Algarve e do norte empregar as suas actividades nas ceifas e nos trabalhos do arroz. Algumas dessas pessoas têm-se fixado no concelho e talvez se deva a isso boa parte do aumento que a população tem tido nos últimos anos.

#### C - Crises de trabalho

Conforme se disse noutro lugar, as crises de falta de trabalho não apresentam a mesma gravidade verificadas noutros concelhos.

A pior ocorre nos meses de Setembro, Outubro e Novembro e o número de trabalhadores desempregados talvez atinja 200, grande parte deles das freguesias de Santa Margarida da Serra e Azinheira dos Barros, a primeira com o maior contingente. Há, depois, uma segunda crise, menos importante, entre o fim das mondas e as ceifas e trabalhos do arroz; a sua duração varia com numerosos factores. O número de desempregados nesta segunda época de crise não deve ir além de 100.

## VI - A PROPRIEDADE E A EXPLORAÇÃO

A - Tipos de propriedade

Os números que apresentamos não passam de estimativas e, daí, a reserva com que devem ser apreciados.

As grandes diferenças quanto ao conceito de extensão de propriedade apenas existem quando se trata de terrenos de charneca ou de serra.

Nos outros casos as diferenças são tão pequenas que só aprofundados estudos permitiriam encontrá-las.

Na serra não existe a pequeníssima propriedade e a pequena propriedade é a que vai até aos 30 Ha., tendo a média propriedade de 30 a 80 Ha. e a grande daí para cima. Geralmente a grande propriedade não excede os 200 Ha., sendo a mais vulgar a dos 120 a 150 hectares. Não se encontra a muito grande propriedade.

Na charneca<sup>(1)</sup> as coisas são bem diferentes, sendo até numerosas as pequenissimas fazendas, cultivadas com esmero, ao lado, por vezes, de muito grandes propriedades de mil e mais hectares.

(1) A palavra charneca não tem aqui aquele significado de inculata ou terra de mato, mas sim a de terreno de areia, em que pode ou não haver abundância de água e que conforme se dá um ou outro caso, assim se cultiva intensamente ou não dá mais do que mato.

res, em grande parte cobertas de mato.

Por aqui já se pode avaliar a dificuldade que existe em se marcarem escalões de propriedade pelas suas áreas; mas tendo em vista fins económicos.

A pequenissima propriedade pode ir aos 15 Ha., sendo talvez a mais vulgar a de 5 Ha.; a pequena propriedade vai dos 15 aos 50 Ha.; a média propriedade é a que tem de 50 a 250 Ha., sendo a mais característica e numerosa a dos 100 a 150 Ha., a grande propriedade vai dos 250 aos 1.000 Ha., dominando com áreas compreendidas entre os 300 e os 500 Ha.; e a muito grande propriedade é a que excede os 1.000 hectares. Desta categoria há seis prédios, com a área total de 14.064 hectares.

A grande propriedade é constituída por uns 63 prédios, com a área total de 30.200 hectares. Quer dizer: a grande e a muito grande propriedade ocupam 54% da superfície do concelho.

O número de prédios rústicos é de 2.321 dos quais 327 não pagam contribuição, por terem rendimento colectável inferior a 15.800, e 7 estão isentos definitivamente, por serem propriedade do Estado.

O número de contribuintes é de 1.329 e, consoante a contribuição que pagam, podemos agrupá-los do seguinte modo:

até	5\$00 .....	15
de	5\$01 a 5\$00 .....	30
"	5\$01 a 10\$00 .....	84
"	10\$01 a 20\$00 .....	153
"	20\$01 a 50\$00 .....	271
"	50\$01 a 100\$00 .....	189
"	100\$01 a 200\$00 .....	152
"	200\$01 a 500\$00 .....	201
"	500\$01 a 1.000\$00 .....	80
"	1.000\$01 a 2.000\$00 .....	71
"	2.000\$01 a 5.000\$00 .....	56
"	5.000\$01 a 10.000\$00 .....	16
"	10.000\$01 a 20.000\$00 .....	9
"	20.000\$01 a 50.000\$00 .....	2
Total .....		1.329

A grande e a muito grande propriedade é, regra geral, constituída por um prédio e, em poucos casos, por dois ou três. Já a média propriedade é formada por mais prédios, ou precisando melhor, constituem-na, normalmente, dois ou três prédios, e a pequena é também assim formada.

----- + -----

Existem numerosos casos de propriedade aforada e arrendada a longo prazo (200 e 300 anos): talvez 1/10 da superfície do

concelho esteja nos casos acima indicados.

Entre outras propriedades que têm arrendamentos a longo prazo ou foram aforadas em parcelas, contam-se a Quinta Velha, Aldeia Nova, Cerrado dos Pinheiros, Água Derramada, Várzea Redonda, Mem Gonçalves, Milharadas, Ameiras, Fontainhas, Bicas de Baixo, etc..

### B - Valores venais médios

Os valores venais da terra variam com os múltiplos factores que levam à oferta ou à procura; assim, uma propriedade de cortiça ou de arroz tem hoje um valor que há cinco ou seis anos ninguém podia prever, enquanto a terra campa, sem água, pouco mais se valorizou.

Vamos indicar alguns números médios, relativos ao hectare:

#### Terra campa

xistos	2.500\$00 a 3.500\$00
areias	500\$00 " 2.000\$00
barros ou semelhantes	5.000\$00 " 7.000\$00

#### Montados de sobre

xistos	7.000\$00 " 10.000\$00
areias	5.000\$00 " 8.000\$00

#### Olivais

areias	10.000\$00 " 12.000\$00
barros ou semelhantes	15.000\$00 " 20.000\$00

#### Arrozais

	25.000\$00 " 45.000\$00
--	-------------------------

### C - Formas de exploração

A exploração agrícola faz-se na maior parte dos casos por conta-própria, vivendo no concelho e mesmo nas propriedades grande parte dos lavradores.

A área ocupada pela propriedade explorada por conta-própria deve ser de 64%, cabendo ao arrendamento 34% e à parceria 2%.

O seareiro tende a desaparecer, hoje muito reduzido em número. O quinhão costuma ser de 1/4 e nas piores terras de 1/5 ou de 1/6.

## VII - CONSTRUÇÕES RURAIS

Poucas são as herdades que possuem instalações rurais pelo menos razoáveis: é tudo de uma pobreza confrangedora, sendo esta uma das grandes falhas notadas na Lavoura concelhia.

### A - Silos

Não tivemos conhecimento de existir nenhum; estão dois em construção no Monte Novo, de capacidade superior a cinquenta metros cúbicos cada.

Consideramos de interesse haver mais alguns, para permitirem ao lavrador manter em certas épocas do ano maior número de cabeças, única maneira de evitar transacções ruinosas.

### B - Nitreiras

Nitreiras propriamente dites não encontrámos nenhuma, nem nos consta que exista alguma com os requisitos indicados pela moderna técnica.

A sua falta é grande como tivemos ocasião de referir quando tratámos dos estrumes.

C - Alojamentos de animais

As propriedades que os possuem melhores são o Monte Novo e o Canal.

Em quase todos os montes se encontram alojamentos para o gado de trabalho - muares e bovinos, assim como em muitos, malhas das para porcos.

De ovis e estábulos nada há em condições.

S E C U N D A P A R T E :

I N Q U I R I T O F L O R E S T A L

## I - IMPORTÂNCIA FLORESTAL DO CONCELHO

### A - Importância e situação dos macícios florestais

1 - Com um desenvolvimento de costa de cerca de 40 km., que se estende desde a Ponta de Troia a Norte até junto da Lagoa de Melides a Sul, o concelho de Grândola ocupa uma área de 81.316 ha. distribuída por quatro freguesias: Melides, Grândola, Santa Margarida da Serra e Azinheira dos Barros.

O exame do Quadro XXXVII anexo a este relatório e elaborado com elementos fornecidos pela Junta de Colonização Interna, permite-nos fazer uma idéia bastante clara do modo como se distribuem, em relação às suas freguesias e ao concelho, a área agrícola, a florestal e a de incultos. As percentagens que nele figuram foram estabelecidas apenas em relação à área do concelho excluída a área social, por não ser possível determinar a maneira como esta se distribui pelas freguesias.

Quadro XXXVII

	Área agri-cola ha.	%	Área flo-restral ha.	%	Incultos ha.	%
Melides .....	6.126,6	31,0	6.323,1	31,9	7.322,7	37,1
Grândola .....	14.833,4	38,5	17.993,1	46,6	5.776,0	14,9
Stª Margarida da Serra .	706,3	13,5	4.517,3	86,0	27,0	0,5
Azinheira dos Barros ...	5.533,1	33,7	9.217,9	56,2	1.657,5	10,1
	27.254,4	34,0	38.051,4	47,5	14.783,2	18,5

Pelo que diz respeito ao total do concelho as percentagens da área agrícola, da área florestal e da de incultos pouco diferem das que se verificam no concelho de Alcácer do Sal, com o qual o de Grândola apresenta muitas semelhanças sob diversos aspectos, que irão sendo focados nos casos em que tenha interesse fazê-lo.

Assim, para o concelho de Grândola, a área agrícola ocupa 34% da sua área total, a florestal cobre 47,5% e a inculta 18,5%.

2 - A distribuição das manchas arborizadas, não se faz por forma uniforme por todas as freguesias do concelho. A freguesia de Melides, com uma taxa de arborização de 31,9%, é aquela em que a taxa é mais baixa; pelo contrário a freguesia de Santa Margarida da Serra apresenta, dentro do concelho, a taxa mais elevada: 86,0%. As freguesias de Grândola e de Azinheira dos Barros têm, respectivamente, taxas florestais de 46,6% e 56,2%.

Quanto à forma como as principais essências e as respectivas manchas se distribuem pelas freguesias e dentro do concelho, pode fazer-se uma idéia bastante precisa pela análise do quadro XXXVIII.

Quadro XXXVIII

	Melides	%	Grândola	%	S. Margarida da Serra	%	Azinheira dos Barros	%	TOTAL	%
sôbro .....	4.876,0	24,6	11.653,4	30,7	4.117,5	78,4	4.807,7	29,1	25.654,6	32,0
inho .....	-	-	-	-	9,0	0,2	1.171,0	7,1	1.180,0	1,5
sôbro e Azinhol	-	-	2.203,4	5,7	390,8	7,5	2.793,6	17,0	5.387,8	6,7
sôbro e pinhal .	65,0	0,3	212,5	0,6	-	-	14,0	-	291,5	0,4
nhal .....	1.353,6	6,8	3.683,5	9,5	-	-	427,6	2,5	5.464,7	6,8
sucaliptal .....	28,5	0,2	40,3	0,1	-	-	4,0	-	72,8	0,1

Na freguesia de Melides sobressaem os povoamentos de sôbro que ocupam 24,6% da área da freguesia seguindo-se os de pinhal com 6,8%; os povoamentos de sôbro e pinhal misturados e os sucaliptais, não ultrapassam 0,5%. Nesta freguesia não existe azinhol em virtude das condições edafo-climáticas não serem favoráveis a esta espécie.

Na freguesia de Grândola, que ocupa quase 50% da área total do concelho, dominam os povoamentos de sôbro com 30,7% da área da freguesia seguidos dos de pinhal com 9,5% e dos de sôbro e azinhol em mistura com 5,7%.

Para a freguesia de Santa Margarida da Serra, onde praticamente não existem incultos e onde a área agrícola apenas corresponde a 13,5% da área total, verifica-se uma taxa de arborização florestal de 86,0%, ocupando os povoamentos de sôbro 78,4% e os sôbro e azinhol 7,5%.

Finalmente, na freguesia de Azinheira dos Barros verifica-se que são ainda os povoamentos de sôbro com 29,1% da sua área que dominam, pois os povoamentos mistos de sôbro e azinho cobrem 17,0% e os de azinho 7,1%, seguindo-se os de pinhal com 2,5%.

Tal como se verifica no concelho de Alcácer do Sal é o sobreiral que domina a enorme distância de todas as outras espécies; com efeito o sobreiral espalha-se sobre 32,0% de área do concelho, cobrindo o pinhal 6,8%, o sôbro e azinho em mistura 6,7%, o azinal 1,5 e todas as outras espécies florestais cerca de 2,0% apenas.

Neste concelho nota-se nos povoamentos de pinhal um certo predomínio de pinheiro manso sobre o bravo, podendo estimar-se em 60% a área ocupada por pinhais mansos e em 40% a coberta por pinhais bravos. Deve ainda referir-se a existência no concelho de inúmeros pinheiros mansos dispersos e marginando estradas.

O azinho apenas tem alguma importância na freguesia de Azinheira dos Barros, ocupando 7,1% da sua área, não existindo nas outras freguesias.

O eucaliptal não tem praticamente importância no concelho.

Quanto à distribuição das diversas essências verifica-se que o sobreiro ocupa boa parte da área de todas as freguesias e que não se verifica para as outras espécies; o azinho aparece

mais para o interior, já bastante próximo do concelho de Ferreira do Alentejo onde existem terrenos mais fortes e barrentos. Por sua vez o pinhal tem a sua maior importância ao norte do concelho.

Este modo de distribuição das espécies florestais é muito semelhante ao verificado no concelho de Alcácer do Sal e que, aliás, não é de surpreender dadas as semelhanças existentes sob o ponto de vista edáfico entre certas regiões dos dois concelhos.

Os principais núcleos arborizados encontram-se localizados entre cotas que vão dos 50 m. aos 280 m. de altitude.

3 - Como já se disse a essência indígena de maior importância dentro do concelho é o sobreiro, a que se segue o pinhal manso e o bravo, o sôbro e o azinho em mistura, o azinho em povoamento puro e o sôbro com pinhal.

O problema do alargamento da área cultural das espécies florestais anda intimamente ligado ao problema dos incultos e ao dos terrenos que, embora classificados de cultura agrícola, melhor e mais económico aproveitamento teriam se fôssem explorados com culturas florestais.

A Junta de Colonização Interna classificou os terrenos do concelho do modo seguinte:

	Área (ha.)	%
Bom .....	6.099,4	- 7,6
Médio .....	33.319,7	- 41,6
Mau .....	40.669,9	- 50,8

Debaixo deste aspecto é a freguesia de Melides que apresenta maior percentagem de terrenos maus - 54,5% - e a menor de terrenos bons - 3,3%. Sendo assim mal se comprehende que nesta freguesia estejam ocupados com cultura agrícola 31,0% da sua área o que resulta, em parte, de se terem certamente classificado como agrícolas terrenos que só de largos em largos anos poderão dar uma magra seara. Acresce que é também esta freguesia aquela que apresenta a mais elevada percentagem de incultos de todas as freguesias do concelho, 37,1%.

Estes incultos, com uma área de cerca de 7.000 ha., são o prolongamento da grande mancha pliocénica de Alcácer do Sal, e no seu conjunto desenvolvem-se no sentido N-S com um comprimento de cerca de 14 km. com uma largura média de 5 km..

Com estes ligam-se a N., desenvolvendo-se no sentido E-O, cerca de 5.700 ha. de incultos da freguesia de Grândola, também de plioceno, e ligados igualmente ao concelho de Alcácer do Sal.

Na freguesia de Santa Margarida da Serra praticamente não existem incultos.

Na de Azinheira dos Barros existem cerca de 1.600 ha. de incultos a NO de S. Mamede do Sabão.

Todos os incultos do concelho representam 18,5% da sua área total e estendem-se por 14.783 ha..

Todos ou quase todos estes incultos são susceptíveis de aproveitamento pela cultura florestal o que, em nosso entender,

daria grandes possibilidades ao alargamento da área do sobreiro e, muito especialmente, da do pinhal que também neste concelho tem sido alvo de grandes devastações. A azinheira, como aliás já se verifica na freguesia de Azinheira dos Barros, poderia aumentar com proveito a sua área de expansão.

4 - Pode dizer-se que as essências exóticas pouca ou nenhuma importância têm no concelho, debaixo do ponto de vista da constituição de maciços florestais; efectivamente, além de algumas novas plantações de eucaliptos, a mostrar certa tendência para a expansão da espécie, apenas se destacam dois povoados, um de 27,5 ha. na Colónia Penal do Pinheiro da Cruz (freguesia de Melides) e de outro com 15,0 ha. herdade de Berboleção (freguesia de Grândola). Além destes eucaliptais existem alguns outros mas de áreas muito reduzidas.

As essências exóticas, no caso presente o eucalipto, não têm importância alguma em relação às indígenas.

Quanto ao alargamento da área ocupada por esta essência podemos dizer que reputamos vantajoso o fomento da sua expansão dentro de certos limites e com algumas reservas; com efeito, havendo no concelho espécies indígenas de há muito adaptadas e de reconhecido valor, apenas achamos no eucalipto a vantagem do seu rápido desenvolvimento e da fácil exploração em talhedia.

Este facto afigura-se-nos muito importante, num futuro

próximo, pois têm-se verificado de há uns anos a esta parte, e especialmente a partir da última conflagração, grandes cortes e desbastes nos pinhais do concelho. Apesar de se notarem, por todo o concelho, sementelras novas e prometedores nascedios e bastios, queremos parecer que actualmente, a área do pinhal deve ser inferior à indicada no quadro XXXVIII.

Dado que os pinhais adultos têm, actualmente, uma área menor da que ocuparam há alguns anos, e os novos pinhais só daqui a muitos anos estarem em condições de dar material lenhoso abundante, julgamos que, para fazer face às necessidades de lenhas, é necessário recorrer às espécies de rápido crescimento, como o eucalipto.

#### 5 - Importância e situação das essências dispersas ou constituindo povoados de área muito reduzida

5 - As essências que no concelho mais importância têm sob este aspecto são, sem sombra de dúvida, o pinheiro manso e bravo seguidos de eucalipto e de algumas folhosas como o amieiro, o chicupo e algumas acácia.

O pinheiro, quer formando pequenos povoados quer apresentando-se disperso, encontra-se por quase todo o concelho excepto feita à freguesia de Santa Margarida da Serra onde é praticamente inexistente: a maior parte encontra-se, sem dúvida na freguesia de Grândola. Também ladoando as estradas se encontram muitos exemplares sobre tudo de pinheiro manso e eucalipto.

Além dos dois eucaliptais atrás referidos vêem-se, por vezes, alguns pequenos povoamentos desta espécie e árvores mais ou menos dispersas em alguns pontos do concelho.

Aparecem ainda povoados de reduzidas dimensões junto às linhas de água, na sua maioria constituídos por freixos, choupos e mais raramente algumas acárias.

Não vemos que existe de momento no concelho razão para se preconizar um alargamento da área destas espécies em virtude de não terem procura as madeiras que elas podem fornecer.

6 - Não vimos nenhum exemplar que mereça ser classificado de interesse público.

7 - Não existe no concelho qualquer parque ou arboreto de interesse botânico.

#### C - Importância económico-social da silvicultura

8 - Comparando os valores brutos dos principais produtos agrícolas com os florestais ou ligados à cultura florestal, não podemos deixar de concluir a alta importância que estes têm nas actividades económicas do concelho.

Na última campanha orizicola foram produzidos no concelho, segundo dados da Comissão Reguladora do Comércio do Arroz, cerca de 3 milhões de quilos de arroz que ao preço de 2,70 por quilo representam um valor de 8.100 contos.

Com elementos cedidos pelo Grémio da Lavoura de Grândola apurados que nos últimos 6 anos foram produzidos, em média, no concelho, cerca de 2.614.000 kg. de trigo que ao preço médio de 3\$60 por quileograma somam 7.842 contos.

Referimo-nos apenas a estas duas culturas agrícolas por serem incontestavelmente as mais importantes.

Com respeito aos valores dos produtos florestais ou deles dependentes, começemos por calcular a produção média de cortiça de concelho.

Números resultantes da comparação das quantidades de cortiças manifestadas pelos produtores com as quantidades compradas pela indústria e publicados pelo Instituto Nacional de Estatística, permitiram elaborar o quadro XXXIX onde se calculou uma produção média referente a um período de 6 anos.

Quadro XXXIX

Ano	Produção (arróbas)
1944	320.866
1945	317.400
1946	402.800
1947	320.266
1948	348.666
1949	202.066
Soma	1.912.064
Média anual	318.677

O engenheiro silvicultor J. A. S. Antunes Sampaio, no seu trabalho "Para um estudo económico do montado de sobreiro do concelho de Grândola" - 1950, que constituiu o seu relatório final de curso, indica que das cortiças produzidas no concelho 82,6% são amadias e 17,4% são virgens.

Nestas circunstâncias, das 318.677 arróbas produzidas em média no concelho, 263.227 serão de cortiças amadias e 55.450 serão de cortiças virgens. Podemos, por outro lado, atribuir às primeiras o preço médio de 45\$00 por arróba e às segundas o de 25\$00. Assim, as cortiças amadias representam para o concelho um valor aproximado de 11.850 contos e as virgens 1.400 contos, anualmente, o que perfaz um total de 13.250 contos.

Quanto à produção de ladeira para a engorda de gado suíno admitamos que aos 25.654,6 ha. de sobreiro em povoamentos puros se podem acrescentar 2.839,6 ha. provenientes de povoamentos em que, ao sobreiro, se associam o azinho e o pinheiro, o que nos dá um total de 28.500 ha. de sobreiral.

Sendo os médios e pequenos sobreirais que dominam no concelho, sendo os ataques da limantria pouco importantes, sendo a densidade média superior à que se verifica no concelho de Alcácer do Sal, nem por isso consideraremos, à cautela, uma área superior a 8 ha. de sobreiral, na charneca, como a necessária para que um porco de montanheira adquira, durante ela, um aumento de peso de 4,5 arrobas de carne.

Sucede que na região serrana, mercê de várias circunstâncias entre as quais avultam o reduzido porte médio das árvores e certo abandono a que os montados são votados, as produções de fruto são mais insignificante, pelo que não devemos atribuir, para o mesmo efeito, uma área de montado inferior a 12 ha..

Computando em 25% a área dos montados da serra é agora fácil calcular a quantidade e o valor da carne de porco produzida no concelho, uma vez que nestas hipóteses são necessários 9 ha. de sobreiral para a ceva de uma cabeça.

Temos pois que os 28.500 ha. podem produzir, em média, por ano, 14.300 arrobas de carne que ao preço de 220\$00 representam um valor de 3.150 contos.

Em relação ao pinhal temos a considerar, por um lado, 1.180 ha. de povoamentos puros e por outro 2.700 ha. do azinheiro proveniente da mistura com outras essências, num total de 3.880 ha..

Apesar de as produções de fruto serem mais regulares nessa espécie do que no sobreiro e de os estragos causados por de predadores serem muito reduzidos, não devemos considerar como necessários para a ceva de um porco nas mesmas condições que estabelecemos para o sobreiral, uma área inferior a 7 ha. pela razão de os azinhais terem fraca densidade.

Os 3.880 ha. de azinheiro poderão, pois, fornecer 2.493 arrobas de carne num valor total de 550 contos.

Calculamos que os montados de sobre e de azinho recebem em média 3.700 porcos por ano; números referentes às montanheiras de 1945 a 1950 e fornecidos pelo Grémio da Lavoura de Grândola não permitem uma média superior a 1.500 porcos manifestados anualmente. Estes números estão muito àquela da verdade por razões facilmente discerníveis.

Em compensação o "Arrolemento Geral de Gados" de 1940 indica para o concelho o recenseamento de 9.559 suíços.

Ligado, embora indirectamente, à exploração florestal temos também a considerar o problema e o valor das pastagens.

O engenheiro silvicultor Antunes Sampaio, no seu já citado trabalho, indica os seguintes valores atribuíveis ao valor de renda das pastagens nos montados de sobre, por hectare e por ano:

Na charneca - 6\$00 - 8\$00 - média 7\$00

Na serra - 8\$00 - 10\$00 - média 9\$00

Tornando extensivos estes valores às pastagens de todos os terrenos cobertos com culturas florestais e fixando em 7\$50 o valor de renda referido, podemos dizer que embora pobres, as pastagens podem render aos proprietários florestais cerca de 285 contos.

Passemos agora ao cálculo do carvão produzido no concelho, outro valor muito importante a tomar em consideração.

Dados fornecidos pela Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquicolas permitiram-nos elaborar o quadro XL onde se dá conta dos sobreiros eliminados num período de quatro anos, e em média, anualmente, em desbastes, cortes e transformação de culturas.

Assim, são abatidos em desbastes, cortes e transformações de cultura, anualmente e em média, cerca de 6.640 sobreiros.

A grande maioria deve ser necessariamente de sobreiros velhos, cujos troncos em parte se encontram corroídos pela caria.

Inúmeras medições em muitas parcelas permitiram a Antunes Sampaio estabelecer a árvore média, na serra e na cherneca, cujas dimensões são, respectivamente, 0,85 m. e 1,20 m. de C.A.P. e que dá para o concelho uma árvore-tipo com 1,10 m. de C.A.P..

Para árvores desta classe de C.A.P. podemos atribuir o fornecimento de 700 kg. de lenha seca e 30 kg. de cascas tanninosa.

Os 6.640 sobreiros poderão, portanto, fornecer 4.648.000 kg. de lenha grossa seca e 13.200 arrobas de casca. Admitindo que 20% daquela lenha é consumida em natureza e que o valor por quilo é de \$20 o seu valor será de 186 contos aproximadamente. A lenha restante, 3.718.000 kg., será transformada em carvão com um rendimento de 20% o que dá 743.680 kg. ou sejam 8.263 sacas de 90 kg.. Recebendo o proprietário cerca de 45\$00 por saca fabricada o valor total corresponderá a cerca de 372 contos.

Quadro XL

Ano	Desbastes		Cortes	Transformação de cultura	
	Área (ha.)	Atendidos	Nº. de sobreiros	Área ha.	Autorizados
1947	2.651,0	4.855	60	10,3	104
1948	3.953,5	4.891	989	6,1	410
1949	2.758,5	4.458	60	7,1	443
1950	5.814,0	7.611	2.198	14,0	481
TOTAL	15.177,0	21.815	3.307	37,5	1.438
Média	3.794	5.454	827	9,4	357

A casca obtida, ao preço de 13000 por arroba, vale cerca de 175 contos.

Consideraremos finalmente o valor dos despojos obtidos na poda.

A área ocupada pelos montados de sobre e de azinheira em mistura é, no concelho, de 32.000 ha. aproximadamente. Sucede que à moderação das podas se alia o facto de, na região serrana, elas serem muito espaçadas - 10 ou 12 anos - e na charneira se efectuarem de 5 em 5 ou de 6 em 6 anos. Por isso consideraremos que, em média, se realizam para todo o concelho de 8 em 8 anos. Assim, serão podados anualmente, 4.000 ha. de mon-

tados.

Ainda segundo Antunes Sampaio, os montados da serra e da charneca apresentam as seguintes densidades:

Montados da serra ..... 70 - 80 árvores por hectare

Montados da charneca ... 50 - 60 árvores por hectare

Dum modo genérico podemos afirmar que a densidade média dos montados de Grândola é de 60 árvores por hectare o que, tendo em atenção os 4.000 ha. podados, correspondem a 240.000 árvores.

Acresce ainda que as árvores da serra fornecem, (poda com as características de moderação já apontadas) cerca de 15 kg. de despojos e os da charneca cerca de 40 kg. o que nos dá uma média de 30 kg. por árvore, respeitadas as proporções da área ocupada pelos montados de serra e os de charneca.

As 240.000 árvores fornecerão, portanto, 7.200.000 kg. ou 7.200 t. de despojos.

Segundo Antunes Sampaio cada tonelada destes despojos pode fornecer, em média:

12 arrobas de fálica

3 " " cascas

51,66 " " lenha

Os despojos da poda dão, aproximadamente, exceptuando a fálica que já foi considerada no valor das cortiças, 21.600 arrobas de cascas que ao preço de 15\$00 representam cerca de 280

contos, e 371.952 arrobas de lenha miúda, que ao preço de 1850 representam um valor aproximado de 558 contos.

Não podendo ser tomado em consideração o valor que representam as madeiras, lenhas e ramas dos pinhais, vê-se que só por si os montados do concelho dão anualmente e em média um rendimento de cerca de 18.800 contos assim distribuídos:

Cortiças .....	13.250	contos
Carne de porco ....	3.700	"
Pastagens .....	265	"
Lenhas .....	744	"
Carvão .....	372	"
Cascaes taninosa ..	453	"
 TOTAL .....	 18.804	 contos

O elevado preço de todas as categorias de cortiças na presente campanha poderia permitir atribuir um preço médio do produto superior ao que atrás atribuímos; no entanto os números apresentados destinam-se a dar uma visão, tanto quanto possível, aproximada da real, da importância económica das actividades ligadas à silvicultura. Por esse motivo preferimos pecar por defeito que por excesso, porque mesmo assim fica sobejamente demonstrada a afirmação atrás feita de que eram as actividades silvícolas muito valiosas para o concelho.

9 - Pretendemos mostrar, no número anterior, a importân-

cia da exploração florestal com base na dos montados de sobreiro, dentro do concelho e em relação à sua economia.

A sua importância social não é certamente menor.

Desde que é separada da árvore até que é entregue ao exportador ou à indústria transformadora, a cortiça exige o concurso de numerosos operários, muitos deles especializados; por outro lado a montanheira, a poda dos sobreiros, o desbaste, a indústria do carvão, a péla do mato e a pastorícia requerem também muitos outros operários.

O total dos salários absorvidos directa e indirectamente pela cultura florestal, pela indústria e pelo comércio dos seus produtos é sem dúvida elevado e supomos ser uma das principais fontes de remuneração dos trabalhadores do concelho. Procuraremos mostrar a seguir algumas conclusões a que chegámos a este respeito mas que outra coisa não são senão números que procurámos traduzir em valores médios.

O arranque ou péla de mato nos sobreirais faz-se, no concelho, com intervalos de 2, 3, 4, 5 ou 6 anos conforme o critério do proprietário. Consideraremos como valor médio o período de 3 anos. A operação é executada geralmente por homens e, dada a natureza das plantas arbustivas, é feita na serra à mão por abundarem a esteva e o rosmaninho e na charneira com ferramenta por dominarem o tojo e a erva branca. Exige em média por hectare 4 jornais - homem ao preço de 18\$00.

Os montados do concelho ocupam aproximadamente 32.000 ha. mas consideremos apenas 30.000 ha.; de 3 em 3 anos serão peltados cerca de 10.000 ha. que exigem 40.000 salários no valor de 720 contos.

O rendimento de cada tirador é na serra de 18 arrobas e na charneca de 22 arrobas, o que dá em média para o concelho em virtude das áreas ocupadas pelos montados de serra e de charneca, 21 arrobas.

Sendo a produção média no concelho de 318.077 arrobas anuais conclui-se que serão necessários em cada ano 15.175 salários de tirador que ao preço de 30\$00 representam 455.250\$00.

Estando calculado que por cada 10 machados são necessários 1,5 juntadores e 1,5 rapazes serão precisos portanto 2.276 de cada um ao preço respectivamente de 24\$00 e 12\$00, representam 54.624\$00 e 27.312\$00.

Também é necessário 1 carro de muares para o transporte para a pilha da corteça extraída por 10 machados; seriam pois necessários 1.012 carros, mas como cada um deles pode fazer em média 4 carretos por dia bastam por isso 253 que ao preço de 60\$00 perfazem 15.180\$00; 253 salários de rapaz que ajuda à carga e descarga, ao preço de 12\$00 somam 3.480\$00.

Para o número de machados que temos estado a considerar são ainda precisos 1 empilhador e um ajudante, ou sejam 1.517 salários de cada um que ao preço de 30\$00 e 12\$00 representam respectivamente, 45.516\$00 e 18.204\$00.

A pesagem da cortiça requere em geral 5 homens: 2 a pôr na balança, 2 a tirar e um ac fiel, que em média podem pesar 1.500 arrobas por dia. Assim são consumidos nesta operação 1.525 salários que ao preço de 24\$00 representam 31.800\$00.

Não tomamos em consideração o número de salários e o seu valor em escudos respeitantes aos cozinheiros, guardas de pilhas, etc. por o seu cálculo ser muito imperfeito.

Para o gado suíno em montanheira consideraremos os guardadores e os seus ajudas.

Dissémos que, em média, computávamos em 3.700 o número de porcos que anualmente passavam pelos montados do concelho. Se considerarmos que um guardador e um ajuda podem tomar conta de 70 animais temos que para os três meses que dura a montanheira, são necessários 53 homens e outros tantos rapazes para essa feina, ou sejam 4.770 salários de cada um que ao preço de 15\$00 e 6\$00 respectivamente, somam 100.170\$00..

Considerações feitas no número anterior pertiram-nos calcular em 4.000 o total de hectares podados em cada ano no concelho, em média. Viu-se, também, que podia estimar-se em 60 o número de árvores por hectare e que nos leva à conclusão de serem podados anualmente 240.000 sobreiros e azinheiras. A uma média de 30 kg. por árvore, visto que na região a poda é muito moderada, são abatidas 7.200.000 kg. ou 480.000 arrobas de despojos. Abatendo um homem por dia cerca de 25 arrobas serão gastos nesta operação 19.200 salários que ao preço de 18\$00 valem 345.000\$00.

Já vimos, também, que seriam abatidos em desbastes 6.640 árvores com o peso médio de 700 kg. de lenha, o que dá para o total 4.648.000 kg.. Se admitirmos que para abater e rachar 1.000 kg. de lenhas são necessários dois salários ao preço médio de 22\$00, esta operação consome 9.296 salários no valor de 204.512\$00.

As 743 t. de carvão que segundo os nossos cálculos seriam produzidas neste concelho, necessitam para o seu fabrico, cerca de oito salários por tonelada ao preço de 22\$00; sendo assim, serão necessários ao todo 5.944 salários no valor de 130.768\$00.

As 16 fábricas de cortiga instaladas em Grândola, como mais adiante mais detalhadamente se verá, devem laborar cerca de 242.000 arrobas de cortiças, anualmente, pelo baixo. O custo de preparação da arroba, segundo Antunes Sampaio, orça por 15\$00, o que dá um total de 3.630 contos. Admitindo que deste total 1.630 contos representam encargos de contribuições, caixas sindicais, fundo de desemprego, juros, desvalorizações e reparações de edifícios e maquinarias, etc. ficam 2.000 contos que representam encargos com mão de obra. A uma média de 25\$00 por salário aquele valor representa um total de 80.000 salários.

Não considerando outras actividades dependentes em grande parte das que temos vindo a referir, tais como a camionagem, o caminho de ferro, a indústria dos seguros, etc. vemos

que ligados à silvicultura e às indústrias mais directamente de la dependentes se consomem por ano 184.565 salários no valor de 4.152.810\$00. O salário médio é de cerca de 22\$00 e, consideran do 360 dias no ano, dá trabalho permanentemente a 512 trabalhadores por dia.

## II - A PROPRIEDADE E A EXPLORAÇÃO FLORESTAL

A - Conceito regional da extensão da propriedade florestal

10 - Consideraremos, separadamente, o caso dos montados de azinho, e dos montados de sobre e os de mistura destas duas essências.

Tal como fizemos para os montados de azinho de Alcácer do Sal consideramos três categorias: pequeno, médio e grande. Pequeno será o que tiver área até 60 ha., médio o que estiver comprendido entre 60 ha. e 200 ha. e grande entre 200 e 800 ha..

Não existindo montados de azinho nas freguesias de Grândola e de Melides, elaborámos o quadro XLI com elementos fornecidos pela Junta de Colonização Interna, em que se pode ver para as freguesias de Santa Margarida da Serra e de Azinheira dos Barros e para todo o concelho a sua distribuição em número e em área, dentro dos limites que foram estabelecidos.

Quadro XLI

Freguesias	Pequeno		Médio		Grande	
	Nº	Área (ha.)	Nº	Área (ha.)	Nº	Área (ha.)
Santa Margarida da Serra	1	9,0	-	-	-	-
Azinheira dos Barros	8	246,6	5	629,6	1	276,0
Concelho	9	255,6	5	629,6	1	276,0

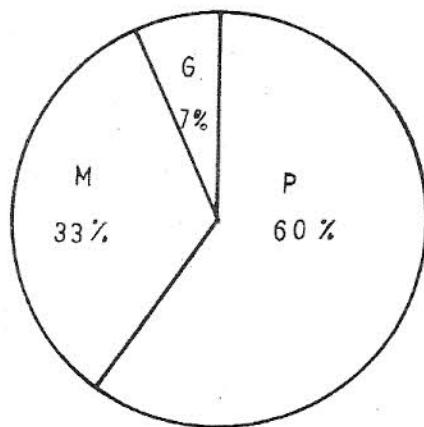
não tomou em consideração cerca de duas dezenas de hectares de azinheira disperso.

O azinheira em povoados puros só existe praticamente na freguesia de Azinheira dos Barros.

Em relação ao concelho o exame do quadro XII mostra que, em número, a predominância cabe aos pequenos montados seguidos dos médios e dos grandes; em área o domínio cabe aos médios, vindo a seguir os grandes - em número de um - e os pequenos.

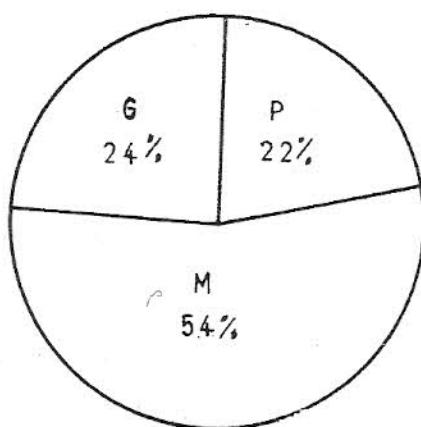
Os gráficos 1 e 2, mostram respectivamente como os montados de azinheira se distribuem no concelho em número e em área.

## **GRÁFICO 1**



Distribuição em Número

## **GRÁFICO 2**



Distribuição em Área

Consideremos, agora, os montados de sobre que são os mais importantes do concelho.

Cálculos semelhantes aos adoptados para o caso dos aziendas levaram-nos à conclusão que para o pequeno, médio e grande montado de sobre os limites são aproximadamente os mesmos do caso anterior.

Dadas as características e a extensão dos montados, mais reduzidos em área que em Alcácer do Sal, não foi necessário estabelecer para este concelho nenhuma nova categoria de montado.

O quadro XLIII, elaborado de acordo com o que atrás fica estabelecido e com informações da Junta de Colonização Interna, mostra-nos a distribuição dos montados de sobre dentro das três categorias, em relação a cada freguesia e ao concelho, reportados à área. Não foi possível determinar como essa distribuição se faz em número visto existirem no concelho, em virtude da maior divisão da propriedade, grandes núcleos de pequena propriedade onde as áreas figuram em globo e não por predios.

Quadro XLII

Freguesias	Pequeno	Médio	Grande
	Área (ha.)	Área (ha.)	Área (ha.)
Melides .....	3.804,5	468,0	231,5
Grândola .....	3.663,9	2.927,6	5.090,1
Santa Margarida da Serra	2.304,0	1.526,5	212,0
Azinheira dos Barres ....	931,9	655,3	2.879,5
Concelho .....	10.704,2	5.777,4	8.413,1

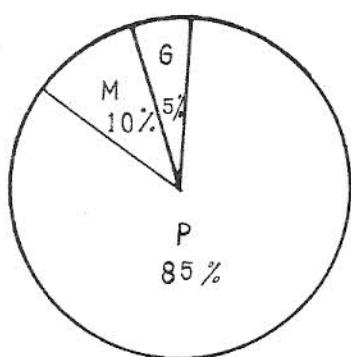
Não consideramos, por motivos óbvios, o sobre disperso.

A análise do quadro anterior mostra que, em relação à área dos montados de sobre, existe nas freguesias de Melides e Santa Margarida da Serra, um acentuado predomínio dos pequenos montados sobre os médios e grandes e até em relação a estas duas categorias reunidas. Em relação à freguesia de Grândola já o domínio pertence ao grande montado, seguido do pequeno e depois do médio. Na freguesia de Azinheira dos Barres acontece o mesmo.

No concelho há domínio do montado pequeno seguido do grande e do médio.

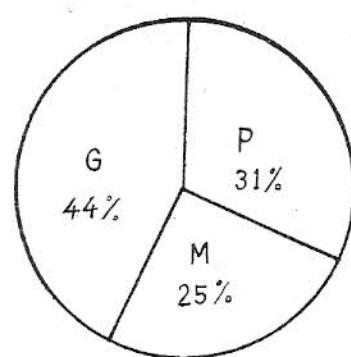
Os gráficos que se seguem mostram com certa objectividade, para cada freguesia e para o concelho, as distribuições que acabamos de referir.

**GRAFICO 3**



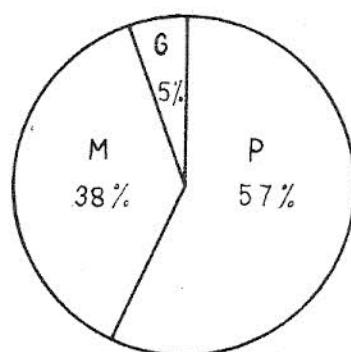
Melides

**GRAFICO 4**



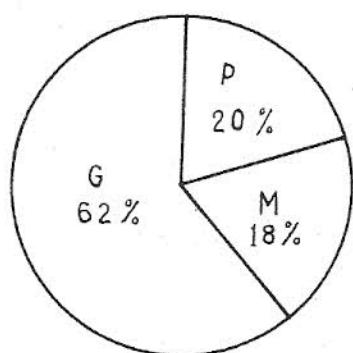
Grandola

**GRAFICO 5**



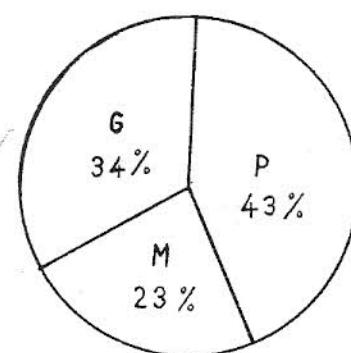
S. M. da Serra

**GRAFICO 6**



Azinheira dos Barros

**GRAFICO 7**



Concelho

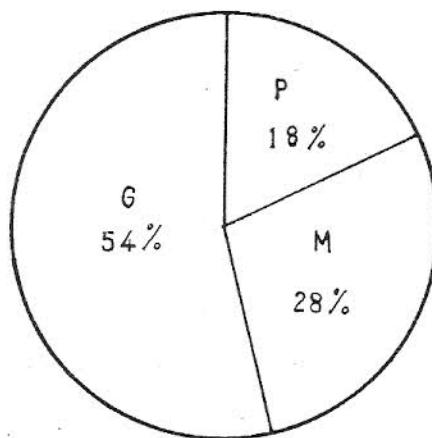
Excepção feita à freguesia de Azinheira dos Barros verifica-se em todas as outras e no concelho um domínio muito nítido dos pequenos e médios montados sobre os grandes.

Ao contrário do que sucede no concelho de Alcácer do Sal onde existem montados de excepcional extensão, no concelho de Grândola não existem mais de três ou quatro com área à roda dos 600 ha..

Pelo que diz respeito aos povoamentos mistos de sobreiro e azinheira o quadro XLIII e o gráfico 8 dispensam-nos de fazer mais comentários.

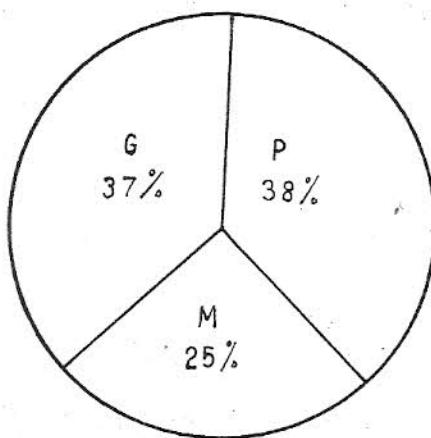
Quadro XLIII

Freguesias	Pequeno	Médio	Grande
	Área (hectares)		
Melides .....	-	-	-
Grândola .....	500,3	519,3	1.183,8
Santa Margarida da Serra.	77,5	313,3	-
Azinheira dos Barros ....	375,3	699,3	1.719,0
Concelho .....	953,1	1.531,9	2.902,8

**G R A F I C O 8**

Distribuição em Área

Se considerarmos em conjunto os montados de sobre, de azinho e de mistura teremos:

**G R A F I C O 9**

Distribuição em Área

Passando agora ao caso dos pinhais, a outra essência além do sobreiro e da azinheira que tem ainda interesse no concelho, verifica-se que a sua importância se confina às freguesias de Melides e de Grândola. Com efeito em Santa Margarida da Serra não existe pinhal e em Azinheira dos Barros apenas se encontram alguns pequenos pinhais e apenas dois de boa extensão que são os situados nas Herdades da Negueirinha e da Aniza com 150 e 120 ha., respectivamente. Os restantes em números de dez ou doze têm área média de 11 ha..

Já na freguesia de Melides se encontram alguns pinhais de maior extensão; na Língua de Troia há pinhal com a área de cerca de 400 ha., na herdade do Pinheiro da Cruz onde está instalada a Colónia Penal do mesmo nome existem quatro manchas com um total de cerca de 150 ha., nas herdades do Chaparral e das Forqueiras existem pinhais com 120 e 150 ha., respectivamente. Os restantes são pequenas manchas de áreas bastante reduzidas.

E porém na freguesia de Grândola, onde estão localizados 65% dos pinhais do concelho, que se encontram maiores e mais numerosas manchas de pinhal. As principais são as que se encontram nas Herdades da Comporta com um total de 760 ha., da Tranca com 370 ha., do Piso do Freixo com 175 ha., da Amoreira do Incenso com 160 ha., do Brejo do Mouro com 130 ha., de Enxotu Fardos com 125 ha., das Ameiras do Pereira com 100 ha..

Além destes muitos outros existem de áreas muito reduzidas.

De tudo quanto atrás se diz acerca da distribuição da propriedade florestal se depreende que, ao contrário do que se verifica para o concelho de Alcácer do Sal, a propriedade florestal se encontra muito mais dividida abundando os médios e pequenos proprietários.

Na realidade foram inventariadas pela Junta de Colonização Interna cerca de 180 propriedades com área superior a 60 ha. e numerosos núcleos de outras com área individual inferior àquela e cujo total, de cerca de 21.400 ha., representam 26% da área do concelho.

Há ainda a salientar o facto de não existirem em número elevado grandes propriedades. Além da parte situada neste concelho, da Herdade da Comporta e que tem a área de 4.600 ha. sendo, no entanto, 3.200 ha. de incultos; além da Herdade da Aniza que tem área de 3.000 ha. aproximadamente, apenas existem com área de 3.000 ha. aproximadamente, apenas existem com área superior a 1.000 ha. as herdades das Fontainhas de Baixo com 1.560 ha., a Língua de Troia com 1.820 ha. e o Pinheiro da Cruz com 1.420 ha..

Estas cinco muito grandes propriedades, cuja área total representa cerca de 15% da área do concelho são, no entanto, constituídas por 57% de incultos.

Acresce, finalmente, que neste concelho, além de quatro ou cinco proprietários que possuem mais do que uma ou duas herdades, não existe concentração.

O número de patrões-proprietários era de 389 e o de isolados-proprietários de 150, segundo o censo da população de 1940.

Enquanto que no concelho de Alcácer do Sal existiam segundo o mesmo censo 174 proprietários com uma área média de cerca de 836 ha. por cada um, em Grândola existem 539 com a área média de 150 ha..

### B - Técnica cultural empregada

II - Tanto os pinhais como os montados de sobreiro e azinheira são objecto, por parte dos seus possuidores, de alguns cuidados culturais.

O pinhal, uma vez assegurada a regeneração natural ou artificial, deixa-se crescer sofrendo na altura em que o seu proprietário o entender, as desramações e desbastes que o seu desenvolvimento e as necessidades do dono aconselharem.

Não existe, portanto, na exploração dos pinhais qualquer regularidade nas operações culturais ou observação de normas técnicas que permitam considerar-se aqueles como bem explorados. O único facto que com mais regularidade se pode apontar de há alguns anos a esta parte é o desaparecimento gradual de muitos pinhais e o decréscimo de densidade dos restantes.

Se bem que muitos pinhais tenham desaparecido para dar lugar a sobreirais a verdade é que, a partir da célebre época das requisições de lenhas, muitos deles deram apenas origem a

extensas clareiras e incultos.

Somos, por isso, levados a supor que actualmente já não devem existir no concelho os 5.465 ha. de pinhais que existiam quando do trabalho levado a cabo há alguns anos pela Junta de Colonização Interna e em que baseamos o cálculo das áreas que figuram, para as diversas espécies, neste relatório.

Pelo que diz respeito aos montados as operações culturais ou se referem ao solo ou ao arvoredo. Deixando as partes respeitantes à propagação, ao descortiçamento e às doenças e pragas para serem tratadas respectivamente nos n°s. 13, 42 e 38, ocupemo-nos agora, no que diz respeito ao solo, das pelas de mato e das lavouras e no que se refere ao arvoredo, às podas e desbastes.

A limpeza, péla ou arranque de mato é uma das operações mais generalizadas na região e visa principalmente dois fins: diminuir os riscos de fogo, um dos grandes inimigos do montado e, subsidiariamente, poder permitir a lavoura para as culturas sob coberto. Alguns executam-na de 2 em 2 anos, outros de 3 em 3, outros ainda com intervalos 4, 5, 6 ou 7 anos e porventura mais, ainda que mais raramente.

O modo como é praticada a péla, o intervalo com que se repete, o pessoal empregado e o número de jornais necessários por unidade de superfície variam bastante conforme se trata do caso da serra ou da charneça.

Assim, na serra quando o intervalo entre duas pelas é curto, 2 ou 3 anos, e o mato não atinge por isso grande desenvolvimento, o arranque pode ser feito à mão por mulheres ou por homens, com rendimento muito superior, dado que a flora espontânea, constituída principalmente pelo rosmaninho e pela esteva, a isso se presta.

No caso da charneca, em que a flora arbustiva é principalmente constituída pelo tojo e pela erva branca, e onde os intervalos entre as roças de matos são geralmente um pouco mais espaçadas, 4 a 6 anos, a operação só pode ser executada por homens e com o recurso da ferramenta. O número de jornais é neste caso superior ao da serra no caso apontado. Na altura própria dedicaremos a este assunto mais atenção.

As lavouras fazem-se conforme os casos com intervalos que vão dos 5 aos 10 anos, geralmente entre 7 e 9 ou 10. Geralmente faz-se a desmoita e queima do mato em moreiras, especialmente na região serrana, antes do alqueive, nos montados menos danosos. Na charneca a cultura agrícola sob coberto mais usada é a da cevada, centeio ou aveia, raramente trigo, por a cultura ser cara e o terreno pobre; na serra emprega-se também a cevada e a aveia e ainda tremoço e cizirão em pequena escala.

Um ou outro subricultor mais consciencioso usa, nos montados da serra, abrir covas para facilitar o represamento e infiltramento da água que, de outro modo, seria perdida por escoamento superficial; a operação resulta mais eficiente quan-

do e mato não é queimado.

O Exmº. Sr. Dr. Manuel Mateus, que é ao mesmo tempo o melhor e o maior subericultor do concelho, diz ter aumentado muito e regularizado bastante as produções de fruto nos seus montados de sobre empregando, nas tremoçadas, superfosfato de cálcio.

Das duas operações referidas, a pela do mato e a lavoura do solo, podem resultar e resultam, quer as consideremos em separado ou em conjunto, consequências que muito importa tomar em conta.

Se pensarmos, de momento, apenas na vasta zona da charneca constituída como a de Alcácer do Sal por solos derivados do plioceno, pobres de matéria orgânica e princípios minerais fertilizantes, sem poder de retenção para água e desequilibrados fisicamente, facilmente poderemos reconhecer que aquelas operações não terão efeitos graves de erosão por se tratar de uma região sensivelmente plana mas que a sua prática vai conduzindo esses terrenos a um estado de degradação progressivo em virtude da cultura cerealifera esgotante. O problema da charneca ou se resolve a favor da agricultura desde que se possa dispôr de água e matéria orgânica em abundância ou só pode ser economicamente solúvel pela silvicultura, no caso contrário.

Se voltarmos a nossa atenção para a região da serra, cons-

tituída por terrenos de carbónico, na sua quase totalidade xistosos, já com certa percentagem de argila e poder de retenção para água e principíos minerais, vemos que o problema tem de ser posto ao inverso: embora a cultura agrícola pudesse ser viável por a natureza do solo o permitir em algumas zonas, a erosão torna essa cultura desaconselhável pelos elevados pendões que se verificam em quase toda essa região.

Não obstante estar patente aos olhos de todos as consequências que a cultura cerealífera tem nas vertentes inclinadas dos cérros da região, especialmente na vertente da Serra de Grândola voltada ao mar, teima-se nesse erro que nos parece grave. A solução do repovoamento florestal dessas encostas é, sem dúvida, a mais aconselhada.

Uma boa parte da freguesia de Azinheira dos Barros, onde aparecem bons tratos de terrenos do miocénico, e onde o terreno é mais rico e menos declivoso e o montado mais ralo, pode permitir-se sem inconvenientes a cultura agrícola intercalar.

A seguir à extração da cortiça, remate lógico e legítimo da subericultura, são as podas e os desbastes nos sobreiros as operações culturais que à maioria dos subericultores aparentemente mais repugnam mas que intimamente mais agradam. Os seus fins são já sobejamente conhecidos.

Felizmente, no concelho de Grândola, as podas são conduzidas com toda a moderação e o resultado desse comedimento ma-

nifesta-se por belos sobreiros em que a parte aérea, à parte um ou outro caso de árvores velhas, se apresenta bem revestida.

Na charneca a poda é um pouco mais pesada mas sempre dentro de certa moderação e executa-se de 5 em 5 ou de 6 em 6 anos; na serra é mais ligeira e faz-se com intervalos de 8 a 10 anos.

A poda executada com bom senso e moderação só traz vantagens quando se pensa numa exploração económica. Reduzindo um pouco a parte aérea da árvore na época de menor actividade vegetativa, reduz mais tarde o consumo de água e permite que as reservas nutritivas sejam, relativamente, em maior quantidade pelo que a frutificação e formação da corteza podem ser muito beneficiadas. Estas vantagens são muito mais de acentuar quanto mais pobre fôr o solo em princípios fertilizantes e em água.

Os desbastes, que apenas deveriam visar, nos chaparrais, a eliminação das árvores mal conformadas e a selecção das melhores com vistas a uma melhoria de qualidade das cortiças no futuro, e nos sobreirais adultos, também a par dum conveniente espaçamento, uma melhoria na qualidade, a perpetuação do montado e a constância do rendimento, são nalguns casos um meio condonável, mascarado sob os mais diversos disfarces, de obter rendimentos imediatos à custa do carvoeiro.

Embora neste concelho a regra geral seja a existência de montados que se podem considerar bem tratados, com regular densidade, por vezes até excessiva como se pode observar em algu-

nas regiões da serra, vêm-se no entanto alguns, principalmente na charneca e em povoados da mesma idade, que apresentam grandes clareiras. Deve ser este um dos maiores inconvenientes dos montados constituídos apenas por povoados da mesma idade.

Em caso algum consideramos que o problema tem aqui a gravidade que apresenta em Alcácer do Sal, visto a densidade média dos montados ser neste concelho superior, em 15 ou 20 árvores por hectare, à que ali se verifica.

A legislação actual permite ao subericultor, em caso de desbaste, a efectivação do mesmo, desde que o participe à Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas com quinze dias de antecedência. Em inúmeros casos são concedidas as autorizações sem prévia vistoria dos serviços competentes o que leva muitas vezes à prática de abusos condenáveis.

Um substancial reforço da vigilância neste e outros aspectos seria, a nosso ver, de grande interesse para o futuro da subericultura nacional.

#### C - Exploração

12 - Quer se trata da grande, da média ou da pequena propriedade florestal o regime de exploração quase totalmente usado, no concelho, para as espécies florestais é o da conta-própria.

Nos casos em que se verificam arrendamentos o proprietário reserva para si alguns dos produtos provenientes da exploração florestal tais como a cortica, o produto das limpezas e dos desbastes, estando incluídos nos arrendamentos os frutos e pastagens, e as terras de semeadura quando isso é possível.

Para o total da área do concelho respeitante às explorações agro-florestais estabelecemos as seguintes áreas e percentagens para a média e grande propriedade, por um lado, e para a pequena por outro:

Quadro XLIV

Área total	Média e grande propriedade					Pequena propriedade		
	Conta própria (ha.)	%	Renda (ha.)	%	Parceria (ha.)	%	(ha.)	%
80.116	40.074	50	17.980	22	668	1	21.394	27

Para a média e grande propriedade verifica-se, pois, que 50% de área do concelho são explorados em regime de conta-própria, 22% em regime de renda e 1% em parceria. Para o caso da pequena propriedade não foi possível determinar em que proporção a sua área se distribui pelos regimes de exploração mas é de crer que a maior parte seja de conta-própria.

O quadro XLV, elaborado como aliás o foi o anterior com dados da Junta de Colonização Interna, mostra como se faz, para cada freguesia e para a média e grande propriedade por um lado e para a pequena por outro, a distribuição em área pelos regimes de exploração de conta-própria, renda e parceria.

As percentagens referem-se às áreas das respectivas freguesias.

Quadro XIV

	Área (ha.)	Média e grande propriedade						Pequena propriedade			
		C. Própria		Renda		Parceria					
		Área (ha.)	%	Área (ha.)	%	Área (ha.)	%				
Melides .....	19.780	11.885	60	787	4	97	1	7.011	35		
Grândeia .....	38.652	20.468	53	8.634	22	508	1	9.242	24		
Stº Margarida da Serra ..	5.259	1.707	33	845	16	75	1	2.632	50		
Azinheira dos Barros ....	16.425	6.014	37	7.714	47	188	1	2.509	15		

Os casos de parceria são raros. Em Santa Margarida da Serra demos conta de um único caso, numa propriedade denominada "Enxacafues", constituída por um povoamento de sobreiro e com a área de 75 ha..Na freguesia de Melides também existe um caso de

parceria respeitante a uma propriedade denominada "Vale das Iamas", também povoada de sobreiros e com 97 ha.. Na freguesia de Azinheira dos Barros também existe um caso dizendo respeito a uma propriedade denominada "Brunheira de Baixo" com a área de 186 ha. constituída por 155 ha. de terra campa e 33 ha. de sobreiral. Na freguesia de Grândola ainda se verifica apenas um caso de parceria dizendo respeito à Herdade de Mim Gonçalves que tem 308 ha. e é constituída por 232 ha. de terra campa, 56 ha. de sobreiro, 12 de pinhal e 8 de olival.

Os casos espontâneos dizem respeito ao conjunto da média e grande propriedade e o seu total em relação ao número de propriedades representa apenas cerca de 2%.

A renda já tem uma importância bastante grande; na realidade os casos verificados representam cerca de 35% do número de propriedades grandes e médias.

Ficam, assim, para as de conta-própria 63%.

Se considerarmos apenas a parte florestal das explorações poderemos dizer, sem grande erro, que cerca de 90 a 95% para os diversos produtos em conjunto são explorados no regime de conta-própria.

**13 - De todos os produtos florestais aquele que, possivelmente em quantidade e certamente em valor, mais interessa no concelho, é a cortiça.**

Felizmente, para a riqueza, para a economia e para o problema social do concelho esta valiosa faceta da exploração florestal tem um aproveitamento mais útil, dada a existência dum poderosa indústria corticeira e dum largo comércio da cortiça, em bruto ou já preparada.

Grande porção das cortiças criadas no concelho são adquiridas e preparadas pela indústria local de que resultam grandes benefícios para a prosperidade do concelho, ao contrário do que sucede no concelho de Alcácer do Sal que, por inexistência de indústria corticeira, deixa sair para outras regiões uma notável soma de dinheiro que bem poderia ali ser arrecadada com vantagem.

Julgamos ter observado, na campanha corticeira de 1951, certamente em resultado dos elevados preços atingidos pelas cortiças actualmente, um descortiçamento um tanto mais exagerado em alguns casos do que em anos anteriores. O facto não terá, aliás, graves inconvenientes para os sobreiros se casos idênticos não se repetirem.

As madeiras usadas na construção civil são as de pinho e, tanto o tabuado como o vigamento, são produzidos no concelho de pinheiro bravo e manso, embora muito venha do norte do país em virtude da escassez que se vai notando por os pinhais terem sofrido, nos últimos 10 anos principalmente, grandes derrotas. A produção de esteios para minas, em grande parte consumidos por Aljustrel e também Lousal, a construção naval do Algarve e a

construção civil têm contribuído grandemente para a diminuição da área e densidade dos pinheiros.

As serragens de madeiras existentes no concelho bastam para satisfazer as suas necessidades e para ajudarem a desgastar, ainda mais, o material lenhoso existente em pé.

Dos outros produtos florestais ou deles derivados, tais como lenhas, ramas e carvão existe grande abundância a ponto de se poderem colocar fóra do concelho, depois de assegurado o seu abastecimento, apreciáveis quantidades desses produtos, principalmente carvões e lenhas grossas, especialmente para Lisboa e Setúbal.

Não existindo no concelho a indústria dos cortumes ou dos taninos, as cascas produzidas são exportadas para os centros consumidores que são principalmente Alcanena, Lisboa e Porto.

Tal como se verifica em Alcácer do Sal não se pratica aqui a resinação dos pinheiros. A causa parece-nos que seja a grande dispersão, a natureza, a densidade geralmente fraca e a reduzida área total dos pinheiros e, sobretudo, a enorme distância a que se encontram as fábricas de destilação de resina localizadas no norte do país.

Os frutos dos montados representam um elevado valor que se transforma em carne de porco e constituem, através da suinicultura, parte muito importante do rendimento indirecto dos montados.

cálculos simples permitiram-nos concluir que, anualmente e em média, esses montados poderiam engordar 3.700 porcos ou talvez mais.

Na parte referente ao interesse que as novas sementeiras e plantações merecem da parte do proprietário o problema é francamente razoável.

Na verdade vêem-se, por todo o concelho duma maneira geral, chaparrais em boas condições de vegetação, muitos provenientes de sementeira, outros de regeneração natural. Na freguesia de Azinheira dos Barros também notamos com agrado a existência de novos povoamentos de azinheira que, a serem poupadados, como tudo indica, não-de dar origem a belos montados.

Na parte referente ao sobreiral julgamos que a existência desses inúmeros e prometedores chaparrais garantem, com saldo positivo, a supressão dos sobreiros caducos abatidos nos desbastes.

Também se verifica a existência de novas plantações de eucaliptos e numerosas e novas sementeiras de pinhais, a par de pinhais novos, na generalidade com bom aspecto.

É certo que muito pinhal foi e tem sido abatido para dar lugar a sobreira e o que é perfeitamente compreensível se atendermos a que se trata de substituir uma cultura por outra mais valiosa.

Os montados de sobreiro do concelho apresentam a nosso ver, melhor aspecto que os de Alcácer do Sal, o que não é de admirar visto que a limantria tem aqui pouca importância, por enquanto.

14 - Não existem neste concelho explorações organizadas particulares ou do Estado.

15 - Os produtos essenciais provenientes da exploração dos povoamentos são as madeiras, lenhas, cortiças, ramas, frutos, carvão e cascas taninosas.

As madeiras que mais interesse têm no concelho são as de pinho visto que madeiras mais valiosas não são ali produzidas nem teriam, se o fôssem, utilização, pelo que desinteressam o proprietário. A marcenaria fina não encontra colocação no mercado regional onde quase só se gasta obra feita barata, vinda do norte do país.

Muitos pinheiros são abatidos numa idade em que não dão todo o rendimento em material lenhoso que deles seria de esperar se o termo da explorabilidade fôsse mais longo. Quer para vigamentos, quer para tabuado, quer para esteios o material é abatido geralmente bastante novo. Por isso e pela razão do material abatido ser superior ao que se regenera as produções vão gradualmente decrescendo. Um aumento de produção só seria, pois, provável desde que novas e abundantes sementeiras fôssem feitas até mesmo como único meio de valorizar terrenos incultos, especialmente do litoral, impróprios para qualquer outra cultura.

As lenhas, ramas e sementes de pinho só seriam susceptíveis de um apreciável aumento da área de cultura por novas se-

menteiras. Do carvão de pinho não valerá muito a pena procurar desenvolver a produção dada a sua baixa qualidade e fraco rendimento.

A lenha grossa e miúda e o carvão de sôbre e de azinheira só seriam susceptíveis de maiores produções, no estado actual dos povoamentos, à custa de mais intensos desbastes e mais pesadas podas o que não será aconselhável. O mesmo se poderá dizer acerca dum aumento de produção de cascas tanninosas.

O aumento da produção destes produtos poderia ser conseguido sem que as podas perdessem o seu carácter de moderação e os desbastes fôssem conduzidos com critério, se as sementeiras fôssem feitas muito bastas. Este simples facto traria várias e apreciáveis vantagens sob diversos aspectos: no aspecto técnico permitiria escolher nos desbastes efectuados nas primeiras idades as melhores árvores, isto é, as árvores com fustes mais direitos e mais robustas; no aspecto económico permitiria um maior número de desbastes e consequentemente maior quantidade daqueles produtos, o que viria amortizar os encargos da sementeira e da técnica cultural.

Em relação às cortiças temos a considerar, em separado, a questão do aumento de produção e a da melhoria de qualidade.

É geral, no nosso país, o conhecimento de que, mesmo os subericultores mais prudentes, descortiçam com intensidade superior àquela que os estudos acerca da fisiologia da árvore indicam ser a mais recomendável, para que os seus nocivos efeitos

sejam os mais atenuados. Nestas condições todo e qualquer aumento de produção de cortiças no concelho só seria conseguido desde que se adoptassem coeficientes de descortiçamento ainda superiores aos actuais, o que seria indesejável.

Farece-nos, contudo, que o concelho poderia aumentar bastante a sua produção suberosa dentro de 3 ou 4 décadas, se fossem aproveitados terrenos incultos com boas condições para a cultura do sobreiro, actualmente improdutivos. Na altura própria detalharemos mais este aspecto da questão (Incultos).

Quanto à qualidade das cortiças produzidas verifica-se uma diferença nítida entre as cortiças da serra e da charneca; embora mais delgadas, as cortiças da serra apresentam-se mais homogéneas, menos porosas e com menos defeitos, portanto melhores em qualidade e um pouco mais valiosas que as de charneca. No entanto, a tendência hoje é a de reduzir esta diferença de valores uma vez que a maioria das cortiças se destina à trituração.

Duma maneira geral pode afirmar-se que são boas as cortiças produzidas no concelho; para isso concorre o facto da ligantria não ter ali importância. Julgamos que seria possível, no entanto, obter alguma melhoria na qualidade com o uso mais moderado, em alguns casos, da cultura intercalar de cereais sob coberto.

A frutificação no sobreiro, que é por natureza muito irregular, poderia talvez ser mais certa com o emprego duma técni-

ca cultural mais cuidada, especialmente podas. A par disso, como já se disse, o emprego de superfosfato de cal levou um sub-ricultor do concelho à conclusão de que a frutificação era mais regular. Estudos simples a este respeito incidindo especialmente na parte económica poderiam aconselhar ou não o uso desta prática.

16 - Com elementos referentes a 6 anos e extraídos das publicações do Instituto Nacional de Estatística calculámos atfés (quadro XXXIX) que a produção anual média de cortiça, no concelho, era de 318.677 arrobas.

Destá também calculado que as cortiças da região serrana representam 20% aproximadamente do total obtido no concelho cabendo, portanto, 80% à região da charneca.

Nestas circunstâncias a região serrana produzirá 63.735 arrobas de cortiça e a de charneca 254.942 arrobas.

Destas produções globais 17,4% são de cortiça virgem e 82,6% de cortiças amedias, como já se referiu.

Teremos assim:

Quadro XLVI

	Virgen (arrobas)	Amedia (arrobas)	TOTAL (arrobas)
Serra	11.090	52.645	63.735
Charneca	44.360	210.582	254.942
Total	55.450	263.227	398.677

A área total dos montados de sobre do concelho é de cerca de 26.000 ha. e a parte situada na serra de 25% aproximadamente ou sejam 6.500 ha., e a situada na charneca de 19.500 ha.

Sendo, por outro lado, a densidade média na serra de 75 árvores por hectare e na charneca de 55 pudemos estabelecer o quadro XLVII que nos indica, para cada uma daquelas regiões distintas, as produções médias por hectare e por árvore, anualmente.

Não deixa de ser curioso verificar como as produções por árvore na charneca de Grândola e de Alcácer do Sal, embora obtidas num e outro caso por vias diferentes, são semelhantes; com efeito obtivémos respectivamente 3,6 e 3,5 kg. por árvore e por ano.

A produção por hectare e por ano é em Grândola superior à de Alcácer do Sal devido ao facto da maior densidade dos povoados e dos ataques de degradadores serem praticamente pouco importantes.

Quadro XLVII

	Serra		Charneca	
	Por ha. (arrobas)	Por árvore (arrobas)	Por ha. (arrobas)	Por árvore (arrobas)
Virgem	1,7	0,34	2,3	0,6
Amadia	8,1	1,62	10,8	3,0
Total	9,8	1,96	13,1	3,6

Poderia parecer, em face dos fracos ataques de Limontria, que a produção anual por árvore deveria ser muito maior em Granjola. Não o é, estamos crentes, porque a maior densidade do arvoredo não permite tão grande desenvolvimento da generalidade das árvores. As podas e desbastes fornecem 20% da cortiça virgem total e 0,61% da cortiça amadria total.

Dados os hábitos de frutificação no sobreiro, os ataques de alguns depradadores, a maneira como decorre o tempo, a intensidade da poda, outras práticas culturais e outros factores, a produção do fruto é muito irregular.

Neste concelho, por serem fracos e quase insignificantes os ataques dos mais temíveis depradadores e por a poda ser moderada, a alternância na frutificação fica dependente das outras causas que nela interferem.

Ainda assim são, para a mesma árvore, muito variáveis de ano para ano as quantidades de fruto produzidas; de árvore para árvore as diferenças são ainda maiores, como facilmente se compreenderá.

Procurando no entanto apontar alguns números que nos deem uma idéia aproximada da realidade, poderemos dizer que, quanto ao sobreiro, a produção na serra estará compreendida entre 1,5 a 2 litros de bolota por árvore e na charneca entre 3,5 a 5 litros, para um período de 10 anos.

A azinheira produzirá, em média, 6 a 8 litros por árvore e por ano, visto que a alternância da frutificação é muito menos acentuada nesta espécie.

Conhecido o número médio de árvores por hectare na serra e na charneca, pode dizer-se que as produções anuais médias de fruto por hectare serão, respectivamente, de 110 a 150 litros e de 190 a 270 litros.

Quanto ao azinhal não deveremos atribuir uma densidade superior a 30 árvores por hectare; sendo assim a produção, nesta densidade, estará compreendida entre 180 e 240 litros anualmente.

Como no caso dos frutos, os despojos provenientes da poda variam bastante de corte para corte em relação à mesma árvore, e muito mais ainda, como é lógico, de árvore para árvore.

Para as dimensões já referidas de 0,85 m. e 1,20 m. de C.A. P. para as árvores-tipo da serra e da charneca não devemos contar, respectivamente, com mais de 15 a 20 kg. e de 40 a 45 de despojos provenientes da poda, moderada que se efectua no concelho, em média com intervalos de 10 anos na serra e de 6 na charneca.

Nestas circunstâncias, sabido o número médio de árvores por hectare num caso e noutro, o rendimento médio em despojos em relação ao hectare será de 75 a 95 arrobas na serra de 10 em 10 anos e de 145 a 165 arrobas na charneca, de 6 em 6 anos.

Para simplicidade de cálculos que se seguem adoptaremos os números intermédios de 85 e 155 arrobas, respectivamente.

Admitindo com Muitos Sampaio, como já fizémos atrás, que

66,66 arrobas (1.000 kg.) de despejos fornecem:

12 arrobas de falso

3 " " cascas

51,66 " " lenha

teremos que, na serra, 1 hectare de sobreiral dará:

15 arrobas de falso

4 " " cascas

65 " " lenha

Na charneca o rendimento por hectare será:

28 arrobas de falso

7 " " cascas

120 " " lenha

Para uma poda moderada foi, também, estabelecida a seguinte relação entre a cortiça que se pode tirar da árvore em condições normais e os despejos:

sobreiro de 1,5 arrobas de cortiça - 13-15 kg. de despejos

" " 2,0 " " - 18-20 " " "

" " 3,0 " " - 35-40 " " "

São muito variáveis com o porte das árvores abatidas em desbastes as quantidades de material lenhoso que assim se podem obter.

Desde os desbastes que incidem sobre os chaparros, para dar às árvores o desafogo necessário, até aos que recaiem sobre as árvores caducas que ultrapassaram já o período de ex-

ploração económica, as quantidades de material lenhoso que se podem obter por indivíduo suprimido podem variar desde 100 a 2.000 kg. e até mais.

Para a árvore-tipo, na serra poderão obter-se em média 550 kg. de material lenhoso e na charneca 900 kg., o que dará uma média concelhia de 800 kg. aproximadamente.

A quantidade de material lenhoso obtido por hectare dependerá do número e do porte dos indivíduos suprimidos.

Os despojos da poda são geralmente, em grande parte, consumidos como combustível em natureza pois sendo ela executada com muita moderação só se obtém lenha miúda. Entretanto, podemos computar entre 2 e 3 kg., na serra, e entre 4 a 7 kg. na charneca, por árvore e rendimento em carvão. Em relação ao hectare, teremos:

Serra	-	10 a 15 arrobas
Charneca	-	15 a 25 "

Nos desbastes podem obter-se conforme o arvoredo sobre que incide, quantidades de carvão que podem ir de 5 a 30 arrobas por árvore.

Para árvores a abater em desbaste podem estabelecer-se, em média, os seguintes valores:

Árvore de 1,5 arrobas de corteça - 40\$00 a 50\$00  
 " 3,0 " " " = 80\$00 a 90\$00

17 - Têm-se verificado ultimamente enormes diferenças nos preços da cortiça, produto da exploração florestal de capital importância para o concelho.

Em relação ao triénio 1949 - 51 os preços médios para as diversas categorias de cortiças do concelho são os que constam do quadro XLVIII.

Quadro XLVIII

Ano	Preço médio por arroba		
	Virgem	Amedia	Bocados
1949	13\$00	22\$00	10\$00
1950	18\$00	28\$00	13\$00
1951	30\$00	50\$00	20\$00

Por acharmos de interesse fazemos, seguidamente, alguns cálculos tendentes a determinar o montante dos principais encargos que oneram a cortiça no produtor.

Tratando-se de números destinados apenas a dar uma idéia aproximada mas sem pretendermos que se assemelhem, na precisão, a contar de cultura, basearemos os nossos cálculos em números médios para o concelho.

Consideraremos, em primeiro lugar, os encargos resultantes da extracção, de juntar, de transportar à pilha, de empilhar, e de pesar a cortiça.

Extracção:

Rendimento diário de cada machado - 21 arrobas

Salário diário de cada machado - 30\$00

Encargo por arroba: 30\$00 = 1845  
21

Juntar:

Rendimento diário de 10 machados - 210 arrobas

1,5 salários de juntador a 24\$00 - 36\$00

1,5 " " rapaz a 12\$00 - 18\$00

Encargo por arroba: 54\$00 = 626  
210

Transporte à pilha:

1 carro de parelha, por dia - 60\$00

Número diário de carretos - 4

Número de arrobas por carro - 40

Arrobas transportadas por dia - 160

Encargo por arroba: 60\$00 = 38  
160

Empilhar:

Rendimento de trabalho diário - 210 arrobas

Salário de empilhador - 30\$00

Salário de rapaz - 12\$00

Encargo por arroba: 42\$00 = \$20  
210

### Pesagem:

5 salários a 24\$00, por dia = 120\$00

Número de arrobas pesadas = 1.500

Encargo por arroba: 120\$00 - \$08  
1.500

Verifica-se, portanto, que em média o encargo directo por arroba de cortiça desde a extracção até à conclusão da pesagem é de 2635 assim repartidos:

Extração	=	1643
Juntar	=	\$26
Transporte	=	\$38
Empilhamento	=	\$20
Pesagem	=	\$08

Em relação aos salários verificados em anos anteriores este encargo não excederia na maioria dos casos 2800 por arroba.

Devenos salientar que este encargo é mais elevado na ser  
ra do que na charneca em virtude do menor rendimento do tra  
lho ali verificado; poderemos atribuir uma diferença de \$ 30  
por arroba aproximadamente.

A média é que nos dá o encargo de 2835 por arroba.

Sendo a produção anual média de 12,5 arrebas por hectare o encargo reportado a esta unidade será de 28\$90 anualmente ou de 289\$00 em 10 anos.

Segundo o já citado trabalho de Antunes Sampaio os encargos resultantes dos capitais aos juros habituais, dos seguros, das contribuições e impostos diversos, dos salários, etc. serão na serra de 17\$00 e na charneca de 11\$00 por arroba, em média, aproximadamente.

Em relação a outros produtos da exploração florestal indicam-se a seguir os preços médios mais correntes últimamente:

Cascas taninosa	-	13\$00 a 15\$00	por arroba;
Lenha de pinho	-	18\$10 "	18\$30 " "
Lenha de sobre	-	2\$00 "	2\$20 " "
Carvão de sobre	-	8\$00 "	9\$00 " "
Madeiras	-	300\$00 "	400\$00 o m <sup>3</sup> em pé;
Madeiras	-	700\$00 "	800\$00 " " serrada;
Tabuado	-	900\$00 "	1.000\$00 " "

O tabuado que vem do Norte do País é mais caro visto que é bastante sobrecarregado com os transportes.

18 - Ligadas directa e indirectamente à exploração florestal existem no concelho numerosas indústrias e actividades comerciais de marcado interesse sob muitos pontos de vista.

A mais importante é, sem dúvida a indústria de preparação e transformação de cortiças. No entanto, por ser de muito interesse sob o ponto de vista social, económico e fiscal não resistimos à tentação de transcrever uma relação fornecida pela Secção de Finanças do Concelho de Grândola em que se referem as principais actividades comerciais e industriais, o número das entidades singulares ou colectivas que as exercem e o rendimento colectável no ano de 1951.

Designação	Nº	Rendimento colectável
1 - Carpinteiro de carros e alfaiais agrícolas	10	17.500\$00
2 - Emprezário de corte de árvores para carvão	5	10.500\$00
3 - Mercador de carvão vegetal	14	6.100\$00
4 - Mercador de cascas taninosas	2	1.400\$00
5 - Fábrica de preparar cortiça	16	235.540\$00
6 - Exportador de rolhas e outros produtos	1	176.000\$00
7 - Estância de madeiras	4	3.300\$00
8 - Mercador de lenhas e outros combustíveis análogos	1	150\$00
9 - Emprezário de corte de árvores para madeiras	4	5.700\$00
10 - Serração de madeiras	2	4.000\$00
11 - Fábrica de artigos de verga e vime	1	300\$00
Total .....	60	460.490\$00

O rendimento colectável atribuído a cada uma das fábricas de preparação de cortiça é determinado em face das quantidades laboradas, de que seguidamente damos uma relação:

Nome da firma	Quantidade de cortiça laborada (arrobas)
1 - António Joaquim	250
2 - Boaventura de Sousa Júnior	1.000
3 - Boaventura de Sousa e Irmão, Lda.	60.000
4 - Francisco de Brito Barracha	20.000
5 - Francisco de Brito Pinto	500
6 - Guia e Cesário, Lda.	40.000
7 - I. Granadeiro	70.000
8 - José Pereira Lício	250
9 - José Sancho	2.000
10 - Magro e Claudinos, Lda.	7.000
11 - Manuel Bernardino	10.000
12 - Mário Lício Feio	250
13 - Neves Costa e Alves, Lda.	14.000
14 - Norberto Martins do Nascimento	1.000
15 - Nunes e Sancho	14.000
16 - Possidónio Nunes	2.500
<b>Total .....</b>	<b>242.750</b>

Sobre cada arroba preparada incide uma taxa de cerca de \$95, e assim se determina o rendimento colectável.

Além destas 16 unidades de preparar cortiça, que se limitam a cozer, raspar, prensar e enfardar cortiça e refugo, existe um fabricante de rolhas e exportador, I. Granadeiro, e que foi atribuído um movimento anual de 3.250 centos neste ramo das actividades corticeiras.

Julgamos saber, no entanto, que nas actividades comerciais e industriais neste capítulo deve o Sr. Granadeiro trazer capitais muito superiores aos apontados, pelo menos no corrente ano.

Também podemos afirmar que as referidas fábricas laboraram, este ano, quantidades de cortiças bastante superiores às apontadas, em virtude da grande procura por parte dos exploradores com vistas ao abastecimento dos mercados externos, ávidos de cortiças.

Além desta indústria de capital importância para a vida económica e social do concelho outras existem como a do carvão e a da serração de madeiras que, embora de muito menor importância não deixam de ter a sua função social e económica dentro das suas possibilidades e características particulares.

Por outro lado, as actividades comerciais que se ligam com estas actividades industriais e outras como sejam o corte de árvores para carvão e madeiras, as estanças e outras e o

comércio dos produtos obtidos, ocupam inúmeros braços e realizam bom complemento das principais actividades já citadas.

O Estado também cobra de todas estas formas de actividade grande soma de receitas.

Para o concelho de Grândola está calculado que o custo de preparação de uma arroba de cortiça é de 15\$70.

Por outro lado o preço médio regional de 1 kg. de cortiça preparada, em 1950, era de:

1º. classe .....	13\$00
2º. " " .....	9\$00
3º. " " .....	7\$00
4º. " " .....	3\$50
5º. " " .....	2\$50
Refugo .....	1\$60

19 - As cortiças extraídas dos montados do concelho destinam-se ao fim e ao cabo, na sua grande maioria aos mercados estrangeiros. Embora adquirida ao produtor por comerciantes que a entregam, por sua vez, à indústria transformadora ou preparadora, ou directamente pelos agentes desta, a cortiça sai do país com destino aos grandes mercados internacionais através dos agentes e firmas exportadoras. Só uma pequena parte é destinada a satisfazer as necessidades reduzidas do mercado nacional.

Como é óbvio a parte mais importante dessas cortiças é

comprada pela indústria local, não só devido à sua boa qualidade na generalidade mas também porque os encargos de transporte são mais reduzidos. No entanto uma parte apreciável é adquirida pela indústria de outras regiões do País, como sejam a do Barreiro e Montijo em especial.

As cascas tanínicas escoam-se na sua totalidade para os mercados nacionais, especialmente, para Alcanena, Porto e Lisboa.

Os carvões têm larga aplicação doméstica dentro do concelho sendo a parte sobrante consumida principalmente pelos mercados de Setúbal e Lisboa.

As lenhas miúdas e uma parte das lenhas mais grossas têm também largo consumo no concelho; a parte restante das lenhas grossas destinam-se aos mercados internos especialmente Setúbal e Lisboa.

As madeiras de construção obtidas dos pinhais do concelho têm consumo na região, tanto sob a forma de vigas como de tabudes diversos.

Exporta-se alguma desta madeira sob a forma de esteios para minas, principalmente para Aljustrel, e em bruto para vários pontos do país, como o Algarve, para a construção naval.

Os frutos dos montados consomem-se no concelho na alimentação e engorda de gado suíno.

20 - São muitos os tratamentos culturais a que se submetem os montados, especialmente os de sobreiro, e variadas as operações tendentes à sua exploração. Desde a péla de mato até à extração e empilhamento da cortiça, desde a poda e desbaste de sobreiros até à fabricação do carvão passando pela engorda do gado suíno, a exploração integral dos montados necessita e absorve enormes somas de mão de obra e de dinheiro.

Tentaremos, seguidamente, dar uma idéia da mão de obra utilizada e do respectivo encargo, em relação às principais operações efectuadas nos montados do concelho.

Comecemos pela péla do mato.

O quadro XLIX esclarece suficientemente o assunto.

Quadro XLIX

Intervalo entre duas pelas	Número de jornais/ha.	Preço do jornal	Encargo por ha.
2 anos	4,5 j. m.	10\$00	45.00
4 anos	7 j. h.	20\$00	140.00
6 anos	11 j. h.	20\$00	220.00

Em relação à poda, que se efectua na charneca com intervalos de 5 ou 6 anos e na serra de 7 a 10 anos, temos:

Quadro L.

	Número de jornais/ha.	Preço do jornal	Encargo por ha.
Charneca	6,5 j.h.	20\$00	130\$00
Serra	4,5 j.h.	20\$00	90\$00

Pelo que se refere à extração da cortiça podemos apresentar os seguintes números.

Quadro L.I

	Número de jornais ha.	Preço do jornal	Encargo por ha.
Charneca	7,5 j.h.	30\$00	225\$00
Serra	5,5 j.h.	30\$00	165\$00

A operação de juntar fica assim resumida:

Quadro N. II

	Número de jornais/ha.	Preço do jornal	Encargo por ha.	Total do encargo/ha.
Charneca	0,83 j. h.	24\$00	19\$80	29\$70
	0,83 j. r.	12\$00	9\$90	
Serra	1,10 j. h.	24\$00	26\$40	39\$60
	1,10 j. r.	12\$00	13\$20	

Quanto ao empilhamento, temos:

Quadro N. III

Número de jornais/ha.	Preço do jornal	Encargo por ha.	Encargo to- tal por ha.
0,71 j.h.	30\$00	21\$30	29\$80
0,71 j.r.	12\$00	8\$50	

Pelo que se refere à pesagem da cortica, temos, em média:

Quadro N. IV

Número de jornais/ha.	Preço do jornal	Encargo por ha.
0,5 j. h.	24\$00	12\$00

Segundo informações de um emprezário para corte de árvores para fazer carvão e fabricante também, são necessários cerca de dois salários para abater e rachar lenha com o peso aproximado de 1.000 kg., e cerca de 10 salários ao preço de 22\$00 para fabricar uma tonelada de carvão.

Quanto à lenha de limpezas não se deve atribuir a cada salário mais de 60—70 kg. de carvão fabricados.

21 - O comércio da cortiça é geralmente exercido por indivíduos trabalhando por conta das casas exportadoras ou das indústrias; mais raramente é feito por indivíduos trabalhando por conta própria. A grande maioria das cortiças, como é de calcular, entra nas fábricas onde é escolhida, cozida, prensada e enfardada. No concelho apenas uma empresa — I. Granadeiro — acumula as funções industrial e de exportação; as outras fábricas vendem a cortiça já preparada às firmas ou outras entidades que a colocam no mercado nacional e sobretudo no estrangeiro.

A indústria do carvão, que tem muita importância no concelho, é exercida nos moldes geralmente seguidos noutras regiões. Em alguns casos, o arrematante que faz todas as despesas com o corte e demais operações, entrega ao proprietário cerca de 50% do carvão fabricado; outros é este que faz as despesas com os desbastes e limpezas recebendo do carvoeiro \$40 a \$50 por cada quilograma de carvão obtido. Geralmente é este que vende o carvão aos mercadores que o enviam para os grandes centros consumidores, mas muitas vezes acumula as duas funções

com vantagens financeiras.

De idêntica maneira as lenhas para consumo em natureza e as cascas taninosa são arrematadas por mercadores que lhes dão destino conveniente.

Não é hábito transaccionar os frutos dos montados.

As madeiras são geralmente adquiridas pelas serrarias do concelho.

22 - Não vemos utilidade na alteração dos sistemas actuais do comércio e indústria dos produtos florestais.

### III - ARBORIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO CULTURAL - INCULTOS E BALDÍOS

#### A - Transformação cultural

23 - O concelho de Grândola é ainda abrangido pelo bordo ocidental da Meseta Ibérica e apresenta, tal como sucede em Alcácer do Sal, duas grandes e distintas formações geológicas: uma de plioceno, quase plana, a Norte e Poente do concelho, continuação da de Alcácer do Sal com a qual confina, e outra de carbónico com configuração bastante acidentada e com início na margem direita da Ribeira de Grândola, espraiando-se por uma extensa zona a Sul.

É nesta última zona que surge a Serra de Grândola com a altitude máxima de 323 m. no Pico da Atalaia.

Tal como em Alcácer do Sal os solos derivados do plioceno são aqui conhecidos pelo nome de "terrás de charneca" e apresentam-se fisicamente desequilibrados, sem poder de retenção para a água e principíos minerais, são quase destituídos de matéria orgânica e podem ser na generalidade classificados como areias mais ou menos podzolizadas. A cultura agrícola não tem, na actualidade, viabilidade nesta espécie de terrenos mas a existência neles de belos montados e pinheirais, especialmente mansos, indicam que estas espécies devem ser a base duma futura valorização destas terras pela arborização florestal. Aliás os incultos do concelho estão quase todos situados nesta extensa mancha de terrás de charneca e só terão aproveitamento útil

deste modo.

Das formações do carbónico provém solos denominados "terras galegas" que não são mais do que terras delgadas provenientes de xistas mais ou menos argilosos, sujeitas à erosão por falta de bases que floculem a argila e devido aos elevados declives do terreno.

Sem propriedades físicas e químicas que os reconendem e com uma orografia em extremo desfavorável às culturas arvenses, não vemos outra forma de aproveitamento e preservação destes solos contra os instantes problemas da degradação e da erosão, a não ser pela cultura florestal racionalmente conduzida.

O sobreiro ocupa nestes solos uma grande mancha e ali se produzem cortiças das melhores do País. Pena é que ainda se observem nesta região tantos e tão extensos tractos de terrenos submetidos a uma teimosa cultura cerealifera degradante.

A grande mancha de montado de sobre da Serra de Grândola tem, numa maneira geral, boa densidade; apenas se pode recomendar uma melhor protecção do solo e da flora arbustiva e sub-arbustiva da associação do sobreiro; medronheiros, folhado, sanguinho, lenteico, etc..

Enquanto que em Aleácer do Sal os montados de sobre predominam na zona do pliocénico em regime de grande e muito grande propriedade, aqui uma grande parte encontra-se na zona serrana do carbónico, em regime de média e pequena propriedade.

A parte algumas pequenas manchas de terrenos em que podemos admitir uma transformação de cultura florestal em agrícola

la, parece-nos no entanto mais acertado e útil, sob diversos aspectos, proceder-se à arborização conveniente de certas zonas onde esta não é satisfatória e trazer para o campo florestal terrenos onde, muitas vezes, uma cultura cerealífera de longe e m longe não pode ser economicamente útil.

### B - Incultos

24 - Exceptuando a freguesia de Santa Margarida da Serra onde praticamente não existem, é muito grande nas restantes freguesias a percentagem dos incultos. Com efeito, embora na freguesia do Azinheira dos Barros a percentagem de incultos seja de 10,1%, na de Grândola essa percentagem é de 14,9% e na de Melides 37,1%. No concelho a percentagem de incultos atinge 18,5% correspondendo a cerca de 14.800 ha..

Todos os incultos deste concelho são, como os de Alcácer do Sal, com os quais cobrem em conjunto aproximadamente a enorme área de 36.800 ha., quase exclusivamente constituídos por areias do plioceno.

Aparte alguns sepais afigura-se-nos que é susceptível de aproveitamento pela cultura florestal tão extensa área, hoje quase completamente inútil. Esta afirmação baseia-se no facto de encontrarmos, em excelentes condições de vegetação, em solos perfeitamente semelhantes, bons sobreirais e pinhais bravo e manso. O eucalipto, espécie exótica de rápido crescimento, também poderia prestar bons serviços nalguns casos.

Os incultos referidos são na sua totalidade particulares.

Os principais incultos do concelho são os seguintes:

Freguesia de Grândola:

Herdade da Comporta e Carrasqueira .....	3.246 ha.
" da Pernada do Marco .....	301 "
" do Borboleão .....	292 "
" da franca .....	275 "
" das Lagoas da Caniceira .....	256 "
" da Sobreira Só .....	256 "
" do Bréjinho de Baixo .....	192 "

Freguesia de Melides:

Herdade das Fontainhas de Baixo .....	1.424 ha.
Colónia Penal do Pinheiro da Cruz .....	1.181 "
Ponta de Troia .....	1.059 "
Herdade de Assiceiras .....	570 "
" do Pinheiro da Légua .....	546 "
" da Azinheira .....	491 "
" das Fontainhas da Ponte .....	196 "

Freguesia de Azinheira dos Barros:

Herdade da Caniceirinha .....	410 ha.
" da Aniza .....	246 "
" de S. Mamede .....	233 "
" do Pinheiro .....	163 "
" da Nogueirinha .....	150 "

Os incultos situam-se principalmente na grande e média propriedade sendo, na maioria dos casos, o regime dominante o de conta-própria; noutras casos realizam-se por vezes arrendamentos de pastagens e matos.

25 - Não tendo as terras de charneca, onde se verificam os incultos, aptidão para a cultura agrícola mas não sendo por outro lado estéreis, só poderemos valorizar tais áreas pela arborização florestal.

As crescentes necessidades nacionais e internacionais de madeiras e outras matérias primas de origem florestal, a escasssez mundialmente verificada de alguns desses produtos, e as vantagens económicas e sociais que dali adviriam, poderiam justificar plenamente a primazia que porventura pudesse vir a ser dada a esta questão de arborização dos incultos da Alcácer do Sal e Grândola, visto o problema poder ser tratado em conjunto.

26 - A maior dificuldade prevista na arborização dos incultos deste concelho, assim como dos de Alcácer do Sal, é a que resulta do facto da cultura florestal ser uma cultura a longo prazo e de alguns dos incultos existentes serem muito extensos.

Tratando-se de incultos particulares o proprietário prefere, quando dispõe de capital, comprar novas herdades ou adquirir prédios urbanos de rendimento, e investir apreciáveis

somas, de rendimentos duvidosos para ele.

É quase certo que o problema não terá solução enquanto o Estado, mediante a promulgação de leis apropriadas com base, talvez, em empréstimos a longo prazo e a taxa reduzida, auxílios financeiros e assistência técnica, não vier em auxílio de alguns proprietários desejosos de iniciar a empreza.

## IV - FIXAÇÃO DE TERRENOS EROSIONADOS - CORREÇÃO TORRENCIAL

30 - No nº. 23 vimos que o concelho poderia ser dividido, "grosso modo", em duas grandes zonas: uma do plioceno, quase plana, abrangendo principalmente a parte Norte do concelho para além de Grândola e a Poente até à costa, constituída por areias, e outra do carbónico, ocupando principalmente a parte Sul do concelho, muito ondulada e formada por terrenos xistosos delgados.

A zona costeira do concelho, de grande desenvolvimento, é constituída ainda por areias movediças e apresenta dunas de largura variável. Afigura-se-nos de muita utilidade e vantagem o conveniente revestimento dessas areias a fim de contrariar a erosão eólica que ali se verifica em virtude da ser muito fraca a cobertura vegetal.

O problema fundamental da zona pliocénica não se pode classificar como um problema de erosão, que o não é, devendo situar-se e tratar-se como um caso de valorização de terrenos que podem ter, pelo menos por enquanto, outro aproveitamento que não seja através da cultura florestal.

Tanto o sobreiro como os pinheiros manco e bravo vão excellentemente nesta espécie de solos e este facto nos indica só por si o caminho a seguir; arborizar com estas espécies toda essa vasta e importante zona, depois de cuidadosos estudos.

Quanto aos terrenos abrangidos na zona do carbónico já o problema se apresenta de modo diferente, sendo mais grave e de

muito mais difícil solução, especialmente algumas grandes extensões da região serrana.

Dum modo geral, mas muito particularmente na vertente exposta ao mar da região da serra, encontram-se grandes áreas de terrenos muito declivosos onde se torna quase imperativo proceder ao repovoamento florestal, pois a erosão, motivada principalmente pela cultura cerealífera desregrada, arrasta e empobrece o solo de tal maneira que está a tornar cada vez mais pobre a vida dos pequenos proprietários, que ali labutam.

A erosão aí verificada é, na generalidade, de natureza superficial e, talvez por isso mesmo, muito mais perigosa por passar despercebida à maioria dos observadores; observam-se, no entanto, por todo a parte da serra onde a terra campa existe, numerosos sulcos, mais outros menos profundos, escavados pelas águas de escoamento superficial. Nas linhas de água observam-se algumas vezes profundos sulcos onde em certas épocas a água corre com violência desagregando a rocha mãe, branda por natureza e facilmente desagregável.

A solução do problema parece estar em contrariar o mais possível as causas determinantes do fenômeno; aconselha-se, portanto, o repovoamento pelo sobreiro com eliminação da cultura cerealífera, degradante e nociva no caso presente.

31 - Os casos de erosão profunda que se observam localizam-se duma maneira geral na região do carbônico, acidentada, onde falta a cobertura vegetal permanente. Não vemos no entan-

to que seja necessário empreender obras de engenharia na solução deste problema, parecendo-nos suficiente a cobertura florestal.

32 - São principalmente a falta de cobertura florestal e rasteira e ainda a não existência duma manta morta abundante, a que se aliam elevados declives, terrenos facilmente desagregáveis e práticas agrícolas desaconselhadas, as causas em que se podem fundamentar os casos de erosão apontados.

33 - Os efeitos provocados pela erosão são assoreamentos locais e longínquos e deposição de materiais mais finos nalgumas várzeas donde provém a sua boa fertilidade.

34 - Não nos parece que seja necessário empreender obras de engenharia, mas apenas arborizar, para estabilizar ou reduzir bastante a erosão neste concelho.

## V - ASSUNTOS DIVERSOS

35 - Não se observa qualquer tendência no movimento comercial de madeiras de qualidade, não só por o concelho as não produzir mas também por não terem nele consumo.

Os produtos florestais que mais interessam e ocupam as actividades comerciais da região são a cortiça, o carvão e as lenhas.

O aumento de procura de cortiças por parte da indústria, especialmente de há uns meses a esta parte, com vistas sobretudo à exportação cujo aumento se pode atribuir ao facto de ser importante matéria prima com inúmeras aplicações, tem tido, directa ou indirectamente, o correspondente desenvolvimento nas actividades comerciais do concelho.

Sendo ainda hoje no nosso País, de longe, o carvão e as lenhas as grandes fontes de energia para usos domésticos, não é de estranhar que as actividades comerciais ligadas a estes produtos, em que o concelho é rico, sejam muito importantes.

36 - Não existem neste concelho viveiros florestais particulares ou do Estado.

37 - Os cursos de água do concelho não têm, a nosso ver, condições para a vida e multiplicação de espécies piscícolas, principalmente porque durante uma grande parte do ano estão secos ou com pouca água.

O único caso que pode, porventura, ter interesse debaixo deste ponto de vista é o da Lagoa de Melides, situada junto à costa na freguesia do mesmo nome, e que recolhe as águas da ribeira de que recebe o nome.

É certo que existem ali algumas espécies, pobres em qualidade e variedade, e julgamos que poderia ter algum interesse estudar e ensaiar ali algumas outras mais valiosas.

38 - Felizmente, muito pouco há a dizer acerca das epífitas e pragas nos povoamentos florestais do concelho.

É certo que na região serrana aparece algum burgo nos sítios breirais, assim como a portésia há cerca de 10 anos a esta parte, e alguns ataques dispersos de limantria.

Nos pinhais, a processionária apenas, por vezes, causa alguns prejuizes mais notados no pinheiro bravo, ao que nos dizem proveniente de sementes vindas do Norte, sendo as provenientes de semente do Sul mais ou menos poupadão.

De qualquer modo as epífitas e pragas não têm causado, até ao momento presente, quaisquer danos apreciáveis nem constituem, por enquanto, grande preocupação para os proprietários de povoamentos florestais no concelho.

39 - Pelo facto de nunca terem existido em quantidade não houve devastações grandes em castanheiros, nogueiras e carvalhos.

196 - 200 ALGUNS DADOS SOBRE A FAUNA

40 - No concelho não se pratico a resinagem dos pinheiros.

41 - Assunto tratado no nº. 11.

42 - O descortigamento dos sobreiros, nos seus múltiplos aspectos, tanto nas idades novas como na idade adulta, é talvez a operação mais delicada da técnica cultural, pelos vários efeitos e consequências que acarreta para a vida e duração das árvores e para a quantidade e qualidade das cortiças produzidas.

A época em que é executado, a maneira como decorre o tempo, a idade com que é extraída a cortiça e a intensidade do descortigamento, entre outros factores, tem tal relação com os processos fisiológicos e vitais da planta que interferem poderosamente no crescimento da árvore e da cortiça e, em última análise, na duração dos povoados considerados como unidades económicamente exploráveis.

Poderemos dizer que, sob alguns aspectos, o descortigamento é bem conduzido no concelho, sendo-o mal em alguns outros.

A época mais activa dos trabalhos de descortigamento decorre geralmente de Junho a Agosto, época a que corresponde também uma maior actividade das camadas geradoras, favorável à separação da cortiça do entrecasco. Acontece, porém, que andando um rancho a trabalhar e sobrevindo condições atmosféricas desfavoráveis, nem sempre o trabalho é interrompido na altura de vida, o que tem alguns inconvenientes.

Quanto à desboia dos chaparros, operação que deveria merecer ao subericultor os maiores cuidados por ser aquela que, sendo mal conduzida, mais nocivos efeitos pode ter no futuro da árvore, deparamos frequentemente com condenáveis excessos e desrespeitos ao que está estabelecido por lei.

Custa a acreditar a quem o não tenha verificado, como nós o fizemos, que haja quem sacrifique, por alguns escudos apenas recebidos no momento, o futuro da árvore, desboiando em muitos casos a alturas exageradíssimas onde o perímetro, por vezes, mal atinge uns escassos 35 ou 40 cm..

A ganância de muitos proprietários que olham o sobreiro talvez apenas como sucessor da fabulosa árvore das patacas, a falta de fiscalização conveniente e a brandura das sanções aplicáveis aos prevaricadores serão, sem dúvida, as verdadeiras causas dos desmandos praticados.

Pelo que se refere à extração de cortiças amadis verificamos que, a par de descortiçamentos em que a intensidade está dentro dos limites razoáveis, se vêem outros, felizmente pouco numerosos, em que achamos excessiva a superfície descortiçada.

Em consequência dos elevados preços atingidos por todas as categorias de cortiças supomos que, este ano, o problema se agravou em relação aos anos anteriores.

O processo de descortiçamento mais sagrado no concelho é o do "pau batido".

Também na extracção da cortiça em árvores adultas se observam descortiçamentos nas pernadas a diâmetros inferiores ao fixado por lei. As causas são certamente as apontadas para o caso das desbóias.

Os excessos praticados no arvoredo adulto, se bem que menos perniciosos de que os sofridos pelo arvoredo novo têm, como consequências principais, uma diminuição no crescimento, um debilitamento geral da árvore com a consequente predisposição para as doenças e pragas, e ainda menores e piores produções suberosas.

A par de medidas tendentes a tornar efectivo o cumprimento das leis de protecção aos arvoredos achamos que seria útil mostrar ao subericultor, por meio duma bem cuidada e persistente divulgação, as consequências funestas que advêm dos abusos spontâneos, criando-se ao mesmo tempo escolas ou cursos de tiradores onde estes aprendessem os princípios fundamentais da técnica do descortiçamento, de que por vezes andam muito afastados.

43 - As cortiças pretas da serra são extraídas com 10 anos de criação; na charneca, embora se extraia muita com 10 anos sai também bastante com 9 anos apenas. Com a grande subida de preços e a enorme procura verificados na presente campanha de 1951, temos notícia de terem sido tiradas muitas cortiças com 9 anos de criação, mesmo em zonas onde era prática generalizada a extracção da cortiça com 10 anos de idade.

194

Parece-nos que poderia resultar útil para a boa qualidade das cortiças da serra fixar em 10 anos a idade da cortiça preta a extraír.

44 - Não existem no concelho espécies que tenham ou possam vir a ter grande interesse como meio de obtenção de pastos arbóreos.

TERCERIA PARTE

OS PROBLEMAS DO CONSELHO

Os problemas fundamentais, inerentes ao concelho, e que interessam solucionar especialmente são, em esquema, os seguintes:

I - o da arborização

II - os do racional aproveitamento do solo e da mecanização

III - o do melhor aproveitamento de águas

IV - o da colonização

### I - ARBORIZAÇÃO

Em certas zonas da Serra de Grândola, de reduzido valor agrícola, o sobreiro tem desaparecido em substituição da cultura arvense - secas - que, se nos primeiros anos de cultivo produziam razoavelmente, não chegam, hoje, por vezes, a pagar a semente.

A arborização florestal dessas zonas em que o homem, imprudentemente, deixou de aproveitar a aptidão natural do solo agrícola - a cortiça da serra de Grândola é, incontestavelmente, das melhores do país - é pois um dos problemas, fundamentais para o melhoramento económico-agrícola do concelho.

Além disso, a arborização impõe-se, para evitar que a erosão venha a tomar aquele aspecto de gravidade, que tanto é de temer.

A título de informação diremos que as encostas florestais

que melhor se adaptam são: o sobre e a azinheira esta sobretudo a nascente de serra.

Na zona das greias do litoral, também existe o problema da arborização, como meio de melhor valorizar o solo por a cultura arvense oferecer, geralmente, fraco rendimento. Neste caso as es  
sências que parecem mais de aconselhar são: os pinheiros manse e bravo e, em certos locais, menos próximos do oceano, seria de tentar o sobre.

## II - RACIONAL APROVEITAMENTO DO SOLO - MECHANIZAÇÃO

A parte a necessidade de existir assistência técnica, munida de meios que a tornem eficiente, a agricultura do concelho em ferma de dois males: falta de matéria orgânica e de macchinaria.

Quanto à falta de matéria orgânica, a solução do problema por meio da sideração carece de estudo adequado e para a obtenção de quantidades suficientes de estrume, presentemente em quantidades diminutas para as necessidades, do conveniente aproveitamento das matérias primas existentes, o que só será possível quando o número de "estrumeiras" aumentar substancialmente.

Designamos propositadamente estrumeiras e não nitreiras, porque hoje caminha-se para construções de tipo mais ligeiro com modificações na técnica de fabrico do estrume, cujo estudo, entre nós, devia, também, ser encarado.

A agricultura do concelho de Grândola é pobre e atrasada, encontrando-se a mecanização ainda na primeira fase de desenvolvimento. No entanto, neste concelho há zonas de terrenos, onde não falta a fertilidade natural, indispensável para boas colheitas. E muito embora, a par desses solos férteis, existam, também, alguns lavradores dos mais progressivos que podem encontrar-se em vários pontos do País, nomeadamente, Baixo Alentejo e Beira Interior, a verdade é que não podemos deixar de classificá-lo como uma região em que a agricultura vive ainda longe e bem longe do que devia ser. No fundo, o número de lavradores que possuem sólida cultura agrícola não passa de minoria que se perde na grande massa dos que, pouco menos que analfabetos, desprezam, em parte, a moderna técnica de cultivar a terra.

O número de máquinas existentes é diminuto, nomeadamente o que se refere à maquinaria motorizada, principalmente pelo facto de haver elevada percentagem de médios e pequenos lavradores, sem condições económicas para as adquirir. Só por intermédio do Crémio da Lavoura, ou pela constituição de cooperativas, se pode considerar viável, presentemente, o apetrechamento do concelho em maquinaria. O caso de um ou outro lavrador já ter a sua lavoura mais ou menos mecanizada e motorizada e possuir condições de aumentar o seu potencial, deve ser tomado como exceção.

O Crémio da Lavoura, infelizmente e apesar da sua boa vontade, não tem disponibilidades financeiras que lhe permitam ir muito além daquilo que tem feito - e que alguma coisa tem sido.

## III - ÁGUAS

Interesse também melhor aproveitamento de águas, com aumento da área regada onde, além da cultura do arroz, em pleno desenvolvimento, se faria a de ferragens, permitindo, assim, aumento do actual número de cabeças de gado.

## IV - COLONIZAÇÃO

Quanto à colonização, se alguma coisa já existe, consideramos oportuno que, com grandes pressas, mas com a necessária firmeza, se vá mais além.

----- + -----

Em breves palavras considerámos os problemas que se nos afiguram fundamentais e um concelho nitidamente agrícola, e que apresenta desenvolvimento interessante quanto a indústrias transformadoras dos produtos da terra, nomeadamente a das cortiças. Pena é que esta não deixe em Grândola maior numerário, pois grande parte das cortiças que aqui se manufactura, apenas sofre ligeiras transformações.